

SAUNDRA MITCHELL
MATTHEW SKLAR • CHAD BEGUELIN • BOB MARTIN

THE PROM



Alt

THE PROM: A FESTA DE FORMATURA

SAUNDRA MITCHELL
COM CHAD BEGUELIN, BOB MARTIN E MATTHEW SKLAR

*Baseado no musical da Broadway The Prom, de Chad Beguelin, Bob Martin e Matthew Sklar.
Conceito original de Jack Viertel*

THE PROM



THE PROM:
A FESTA DE FORMATURA

SAUNDRA MITCHELL
COM CHAD BEQUELIN, BOB MARTIN E MATTHEW SKLAR

Tradução
Isadora Sinay



SAUNDRA MITCHELL é autora de diversos livros para jovens. Durante vinte anos, foi a roteirista-chefe e produtora executiva da *Dreaming Tree Films*. Sandra foi eleita dez vezes para a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas. Em seu tempo livre, ela estuda história, faz crochê e passa tempo com sua esposa e filhas.

MATTHEW SKLAR é um compositor indicado ao Tony[®] e ao Emmy[®]. Seus trabalhos incluem os musicais da Broadway *Elf*, *The Wedding Singer* e *The Prom*.

CHAD BEQUELIN foi quatro vezes indicado ao Tony[®]. Seus trabalhos incluem os musicais da Broadway *Aladdin*, *Elf*, *The Wedding Singer* e, claro, *The Prom*.

BOB MARTIN é escritor, intérprete e produtor de muitos musicais e programas de televisão famosos. *The Prom* é seu terceiro trabalho na Broadway, após os sucessos *Elf* e *The Drowsy Chaperone*, pelos quais ganhou o Tony Award.

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

Edgewater, Indiana

Edgewater, Indiana

Subterfúgio

Estratégia

Traga sua forquilha

Camuflagem

Entre no palco pela esquerda

A invasão

Problemas de bruxa

"Mama who raised me."

"Wouldn't it be lovely"

Algo começou

Pompa, um pouco de circunstância e também bolo

"It's raining on prom night"

“On the steps of the palace”

"The nicest kids in town"

"Step out of the sun"

"Five hundred twenty-five thousand six hundred minutes"

Suas vozes suaves como trovão

Cidadezinha em câmera lenta

Olhe o céu do Oeste

"For good"

"Pride (in the name of love)"

Começar de novo

Julietta de All Star

Que comece o show

Noite da formatura de novo

Agradecimentos

Notas do co-autor Bob Martin sobre The Prom: O musical

Notas

Créditos

Eu te amo, mamãe.
Obrigada por me dar o mundo.
— S.M.

A Conquista da Broadway! conquista uma conversa com Dee Dee Allen e Barry Glickman nos bastidores de seu novo show: *ELEANOR!*

(cont. da página 2)

Glickman e Allen me convidaram ao seu santuário particular, os bastidores do Alliance Theater. Há sinais da produção da peça por toda parte. Uma fileira de cabeças de espuma para apoiar as perucas prateadas e as próteses dentárias que Allen veste quando se transforma na sra. Roosevelt, e claro, a cadeira de rodas de Franklin Delano Roosevelt está em um canto, o assento ocupado por um charuto (real) e um par de óculos (falsos). Apesar do assunto sério da peça, o ganhador do Drama Desk, Glickman, e a ganhadora do Tony, Allen, compartilharam risadas um com o outro – e conosco.

CB!: O que significa quando uma das grandes damas da Broadway...

BG: Acho que essa pergunta é para mim, Dee Dee!

DA: Nem tente me tirar dos holofotes, querido!

[Nós rimos e rephraseamos.]

CB!: O que significa quando *dois* grandes astros da Broadway se juntam em uma peça como *ELEANOR*?

DA: Eu realmente sinto que estou mudando vidas. Você não, Barry?

BG: De fato. Eu percebi que não há diferença entre uma celebridade e o presidente dos Estados Unidos.

DA: Quando eu pego tuberculose, no segundo ato, até as pessoas mortas por dentro ficarão de pé.

BG: E as cabeças afundadas em lenços de papel! Se o público não sair daqui deprimido, nós não fizemos nosso trabalho.

DA: É poder. Poder de verdade.

BG: Sem querer citar um certo espetáculo que destruiu um produtor, uma estrela pop e um herói de histórias em quadrinhos – mas com grandes poderes vêm grandes responsabilidades.

DA: E acho que somos grandes o suficiente para aguentar.

(Trecho de uma resenha de teatro do *New York Times*)

SE FRANKLIN ROOSEVELT PUDESSE APLAUDIR DE PÉ, ELE NÃO O FARIA

... **Dee Dee Allen interpreta Eleanor Roosevelt** da mesma forma que um demônio incorpora a monstruosa boneca Anabelle na série de filmes de terror de mesmo nome, mas com menos graça e encanto. Allen não apresenta o ativismo da primeira-dama para o público, mas o empurra goela abaixo: um coquetel molotov de bandeiras americanas encharcadas em xarope e em chamas.

Poderíamos pensar que, ao lado do método escandaloso e engolidor de cenas de Allen, Glickman ofereceria um respiro. Mas estaríamos errados. O Franklin Roosevelt de Glickman talvez seja a performance mais errada e ofensiva que este resenhista já teve a infelicidade de aguentar. O envelhecido Glickman não tem nada do fogo ou da classe do antigo presidente, e a tentativa do ator de emular um sotaque do meio-atlântico é tão risivelmente perdida que chega apenas em algum lugar a oeste de Nova Jersey.

Se você estiver considerando comprar um ingresso, faça um favor a si mesmo: ache uma forma de pegar tuberculose. É um jeito horrível de partir desta vida, mas muito melhor do que assistir a essa Eleanor tossir até a morte em câmera lenta.

EDGEWATER, INDIANA

EMMA

Nota mental: não seja gay em Indiana.

Na verdade, essa nota é para os outros. Eu já sou gay em Indiana e, spoiler: é uma bosta.

Eu contei para a internet antes de contar para os meus pais – no meu canal do YouTube, *Emma Canta*. Sou eu, meu violão e em geral covers do que quer que esteja popular no momento. As pessoas deixam mais comentários se você cantar músicas que elas conhecem, e eu gosto disso. Não tenho muitos amigos, então esses pequenos “ois” digitais fazem com que eu me sinta menos sozinha no mundo.

Não estou tentando ser descoberta, nem nada do tipo. Primeiro, isso literalmente nunca dá certo, e segundo, a ideia de ser famosa me apavora. Eu já sinto que todo mundo sabe da minha vida. Claro, todos *de fato* sabem da minha vida. Um deslize, e estava em todo lugar.

Então, foi assim que aconteceu.

Imagine: é o verão antes do primeiro ano do ensino médio. Eu: apagada e tímida, com óculos de aro grosso que deixam meus olhos como os de

uma coruja. Estou em um piquenique do grupo de jovens organizado pela Vinhedo, que é uma igreja. Sabe, uma dessas igrejas novas, com publicidade, pastores jovens e bateria.

Eles realmente irritam as igrejas como a Primeira Igreja Luterana ou a Batista Livre e todos os outros lugares de culto tradicionais que abarrotam Edgewater, Indiana. Os letrados bregas na frente que costumavam dizer coisas como: “QUANDO É HORA DE IR PARA A IGRE...? É... JÁ!” começaram a ficar bem raivosos quando a Vinhedo abriu.

Naturalmente, isso quer dizer que todos os adolescentes querem ir lá. Rebeldia de alto nível, não é? *Não, mãe, eu vou na igreja legal, onde posso usar jeans durante o culto!* E, naturalmente, isso quer dizer que todos os convites para grupos de jovens que levavam a festas com ponche e bolo em salões de estudo úmidos de repente passaram a levar a grandes piqueniques ao ar livre com uma comida bem infeliz, porque ainda é um evento da igreja.

E é assim que eu acabei com um prato de minialmôndegas e molho barbecue. Eu já ouvi histórias terríveis demais sobre saladas de batata, saladas de ovo, saladas de macarrão e basicamente qualquer salada que use maionese como liga e li que cenourinhas baby são cenouras normais rejeitadas, descoloridas e cortadas, então essas não são opções.

Uma panela cheia de almôndegas fumegantes não é lá muito verão (talvez na Suécia?), mas o conteúdo parece seguro. Coloquei um monte no meu prato, e agora estou tentando entender como comê-las sem fazer sujeira. Essas coisas são imunes a garfos e facas de plástico, que é o que eu tenho aqui.

Há uma fila na mesa das comidas, e não quero ficar lá tempo suficiente para pegar uma colher. Também não quero chamar atenção para mim mesma abrindo caminho com uma desculpa do tipo *Ah, eu só preciso de uma colher!*. Até mesmo pessoas extremamente adoráveis são olhadas feio por cortarem a fila da comida em um piquenique comunitário da igreja, e eu sou bonitinha, porém estranha, na melhor das hipóteses.

Além do mais, quem come almôndegas com uma colher? Comedora de Bolas não seria o primeiro apelido que me dariam, mas neste momento, parece que seria o pior.

Spoiler: não será o pior. Mas vou chegar lá.

Então, estou parada ali, tentando comer de um jeito ninja, quando *ela* aparece. Cabelos castanhos ondulados, pele negra clara, olhos escuros, e ela para. Eu paro. O mundo para. Provavelmente o universo para. Eu não saberia explicar a física por trás.

Eu só posso explicar a mágica, porque naquele momento, Alyssa Greene me olha e se transforma em uma deusa. Uma deusa brilhante, gentil, inteligente e engraçada usando um gloss brilhante que eu subitamente quero saber que gosto tem.

Gente, eu não fico surpresa por perceber que tenho um crush forte em Alyssa Greene. Eu sempre gostei de garotas. Fui uma pequena *bebê* lésbica. No sétimo ano, eu era louca pela Madison de *Fale com a minha mão* – e *não* porque eu queria ser amiga dela. Agora sou uma adolescente – de tamanho comum – lésbica. Penso muito na Ariana Grande (pensamentos impuros), e sinto que se pudesse conhecer a Lara Jean de *Para todos os garotos que já amei*, poderia ajudá-la a começar uma sequência chamada *Para todas as garotas que os ofuscaram*.

Mas eu *fico* surpresa quando Alyssa passa por todo mundo na mesa de sobremesas e me dá um espeto gigante. Com um sorriso ofuscante, ela diz: — É a única coisa que funciona.

Não estou surpresa por ela ser legal, mas por ter me notado. Por eu de alguma forma ser visível para a garota mais linda que já respirou. A surpresa continua, porque ela toca a minha mão. E fica ali comigo enquanto eu empalo almôndega atrás de almôndega. Ela até me deixa dividir uma com ela. BEM ALI. NO PIQUENIQUE DA IGREJA.

No gramado, as pessoas jogam Buraco de Milho – que é o nome real de um jogo envolvendo sacos e alvos – e rock cristão sai das caixas de som, cortesia da playlist do iPhone do pastor Zak. O céu é de um azul infinito e perfeito, e Alyssa Greene salva seu número no meu celular. Então ela me faz mandar uma mensagem, para ter meu número também.

Naquela noite, gravei um *cover* da Taylor Swift para o *Emma Canta*. Tudo dentro de mim era tão feito de fantasia e algodão-doce que contei ao mundo que estava apaixonada por uma linda garota sem nem pensar. Sem hesitar um segundo. Subi o vídeo, escolhi uma imagem de capa que parecia semi-decente e fui para a cama.

Minha mãe me acordou.

Eu tenho certeza de que um dia tudo isso será uma história hilária, mas ela me sacudiu até eu acordar e jogou uma folha de papel com a página do meu canal no YouTube impressa na minha cara. E quando ela perguntou...

— O que é isso?!

... Tudo o que pude dizer foi:

— Eu não sei! — Porque eu não sabia!

— Nós não te criamos pra isso! — ela gritou.

— Pra isso o *quê*?! — perguntei, porque, de novo, eu fui literalmente arrancada para fora de um sono profundo com um pedaço de papel amassado sendo enfiado nas minhas narinas.

Minha mãe se endireitou até ocupar sua altura total, os não muito impressionantes 1,62 metro.

— Você sabe exatamente do que eu estou falando, Emma.

Mas eu não sabia! Eles não me criaram para... cantar na internet? Postar vídeos do pijama salmão absolutamente incrível que minha avó me deu de Natal?

Quer dizer, para ser sincera, depois de alguns segundos, meu velho cérebro acordou. Noite passada eu postei um vídeo completamente – sem vergonha alguma ou filtro algum – apaixonado para uma garota que me deu um espeto gigante. (E uma versão extremamente passável de “Our Song”, modéstia à parte.)

Depois que eu postei, alguém na cidade deve ter assistido, e – com sua sensibilidade delicada ofendida – imediatamente informou a minha mãe. (Mamãe imprimiu a página com o perfil como se fosse uma receita de salada crocante de lámen; de jeito nenhum ela descobriu isso sozinha.)

E, naquele momento, acho que eu estava chocada demais para ter medo dos meus pais, que eu de fato sabia serem membros desde sempre de uma igreja que oficialmente odiava pessoas gays, mas na prática era “boazinha demais” para dizer qualquer coisa em público. Eu devo ter interpretado o silêncio como aprovação, o que historicamente sempre foi uma política bem ruim. Então, contei a verdade.

— Eu só gosto dela — disse.

— Bom, você pode apenas parar — ela disparou como se eu pudesse cancelar ser gay tipo Netflix. — Não nesta casa! Não sob o meu teto!

Se essa fosse uma história clichê de aquecer o coração, esta seria a parte em que eu diria: é, foi difícil por um tempo. Mas em algum momento

meus pais se lembraram de que eu era sua preciosa única filha e que me amavam incondicionalmente. Eles viraram ativistas e começaram a usar camisetas vergonhosas em paradas do orgulho LGBTQIA+ dizendo ABRAÇOS DE MÃE GRÁTIS e ABRAÇOS DE PAI GRÁTIS. Eu trouxe minha namorada para conhecê-los e, lá pela formatura, eles pararam de chamá-la de minha “amiga”.

Desculpe. Sua alma ficará sem o quentinho desta vez.

Eles discutiram durante semanas: acampamento para conversão ou despejo. No fim, deixaram que eu levasse o meu violão, o material da escola, pegaram de volta a minha chave de casa e me expulsaram. Todas as minhas roupas, meu notebook, a caixa de cartões de aniversário que guardo desde os seis anos de idade – bom, fiquei sabendo que eles queimaram tudo o que não puderam doar. Que dupla dramática, não?

Então agora eu moro com a minha avó, Nan, a duas quadras da casa dos meus pais em Edgewater, Indiana. Eu sou a única *queer* assumida na escola – e ainda bem que ainda tenho meu canal no YouTube.

É agressivamente comum e eu sei que nunca vou viralizar. Mas eu tenho inscritos, e as respostas deles me fazem sentir que tenho amigos. Amigos *queer* que pensam parecido comigo. Eu preciso deles. Preciso deles tão desesperadamente que os vejo como Pokemóns: preciso ter todos.

Há lugares em que é legal ser assumido. Nova York, São Francisco... Lugares imaginários, em terras imaginárias muito, muito distantes daqui. Mas Indiana não é um desses lugares. Então, bom, este é meu conselho para você: não seja gay em Indiana, se você puder impedir de alguma forma.

Não há nada aqui para você além de decepção.

EDGEWATER, INDIANA

ALYSSA

Você provavelmente nunca esteve aqui, então deixa eu te dizer, Indiana é um lugar lindo.

Às vezes, à noite, a lua brilha tão forte por trás das nuvens que o céu parece uma seda perolada. Eu acordo às cinco da manhã para ir à escola, quando as ruas estão cobertas de uma neblina prateada. Logo antes de o sol começar a nascer, conforme meu ônibus entra à esquerda na Rodovia Estadual 550, tudo fica roxo, depois lavanda, e então rosa.

No verão, nós temos toneladas de vaga-lumes. Há um lago no bosque que é limpo o suficiente para nadar. Framboesas e amoras crescem nas cercas, livres para quem quiser pegar algumas. Quando o outono chega, nós temos uma revolução de cores e pomares de maçã para você mesmo colher. Você já experimentou um biscoito recém-frito com manteiga de maçã? É de morrer.

Nós temos o tipo de inverno que se vê em cartões de Natal. Campos enormes cobertos de branco, o sussurro da neve caindo e noites tão escuras que é possível ver a Via Láctea. Nos dias mais claros, os campos

seguem até o infinito. É uma imensidão prateada e reluzente, esticada até se render a um horizonte azul gelado.

Indiana é feita de cidades pequenas, desfiles de Quatro de Julho e basquete. Muito basquete. Basquete até demais, na verdade. É o esporte-barra-religião do estado. Se você chegar ao ensino médio sem jurar lealdade eterna aos IU Hoosiers ou aos Purdue Boilermakers, eles te jogam na cova dos leões pela eternidade.

(Dispensa especial para os Fighting Irish; você pode amar Notre Dame, mas também te torna um pouco suspeito.)

Torcer para o time da nossa escola, os Besouros Dourados da James Madison, é essencial em Edgewater. Quando temos a festa de boas-vindas aos alunos, ela não é para o nosso time de futebol americano. De jeito nenhum. *Eles* são os antepenúltimos no ranking do estado; eles estão mortos para nós.

A festa é para o time de basquete. O espaço da festa é para o time de basquete. Os incentivos, a venda de bolos, a venda de papel de presente, a venda de latas de tamanho industrial de pipoca com sabor – é tudo dedicado ao basquete. Avante, Besouros Dourados!

Consequentemente, o time de basquete é o motivo para os convites da festa de formatura serem estritamente racionados. Entre os titulares (primeira a terceira filas), semi-titulares (duas filas) e reservas (*quatro* filas!) há pelo menos cento e cinquenta atletas com prováveis cento e cinquenta pares, e os bombeiros dizem que não podemos ter mais do que quatrocentas pessoas no ginásio da escola.

Sendo assim, quando os Futuros Plantadores de Milho dos Estados Unidos armam suas mesas para vender ingressos para a formatura no Hall dos Campeões (o corredor da frente, que tem todos os troféus), eles têm três itens essenciais:

1. **Uma caixa de dinheiro.** Essa é uma festa que só aceita dinheiro – nem tente trazer um cheque dos seus pais. Eles cospem nos Cheques Personalizados da sua mãe.

2. **Uma pilha de ingressos desenhados pelo único garoto da escola que sabe usar bem o Photoshop** (“bem” sendo uma palavra funcional; todo mundo aqui sabe colocar filtros no Insta, mas quando se trata de texto, é como se um subreddit pegasse uma intoxicação tipográfica e começasse a vomitar Papyrus e Comic Sans).

3. **A lista.** A lista tem duas colunas: Seu nome. Nome do seu par. Eles estão intrinsecamente ligados; não há ingressos unitários para nossa formatura. A lista é o motivo pelo qual eu venho discutindo seriamente sobre a festa com a minha namorada.

É nosso último ano, nossa última chance. E eu quero, realmente quero ir e dançar sob uma lua de papelão e estrelas de papel-alumínio. Eu quero olhar nos olhos claros e engraçados dela, que às vezes parecem azuis e outras verdes, dependendo do que ela está usando. Eu quero envolvê-la nos meus braços e deixar que o mundo desapareça.

Mas ele não vai desaparecer.

Não aqui. Não com a minha mãe assistindo.

Quero deixar claro que: não tenho vergonha de ser lésbica. Eu amo o amor e amo minha namorada. Eu amo palavras murmuradas e beijos secretos. Eu amo me aconchegar com ela no sofá de veludo esquisito da avó dela, vendo filmes enquanto a chuva vem do oeste. Eu amo que nossas mãos têm exatamente o mesmo tamanho, mas que os pés dela são pequeninhos com dedos superlongos. Quando ela canta, eu a amo ainda mais. Tanto que chega a doer, como se tivesse uma mão apertando meu coração até ele virar um diamante.

Ela reluz como um vaga-lume, porque seu cabelo é dourado, mas quase castanho; seus olhos são azuis, mas quase verdes. Quando ela tira os óculos, gosto de apertar meu nariz contra o dela e simplesmente encará-la. Isso a faz rir e corar, suas bochechas subitamente tão rosadas quanto seus lábios. É difícil sussurrar nosso amor em vez de gritar para os céus.

Mas a questão é: minha mãe, ela não está pronta. Ela está frágil agora. Ela *tem estado* frágil desde que meu pai foi embora. Foi tão fácil para ele. Ele só fez uma mochila de academia e saiu saltitando noite adentro. Começou uma nova família – bom, levando em consideração quando meu meio-irmão nasceu, ele começou a nova família *antes* de ir embora.

E, desde então, minha mãe vive numa delicada bolha de cristal. Ela acha que se for mais à igreja, se rezar mais, se limpar a casa melhor, se perder dez quilos, se me criar direitinho, se finalmente acertar aquela receita de assado que a sogra dela passou, então meu pai vai voltar para casa. Você pode ver a crença brilhando nos olhos dela; é como se ela fosse um transformador atingido por um raio. Tudo nela vibra, quente e rápido como eletricidade.

Esse fogo significa que eu preciso ser a melhor filha. Minhas notas precisam ser as melhores, com aulas avançadas para que minha média chegue no teto. Minhas segundas opções de faculdade precisam ser as primeiras opções das outras pessoas. Tenho que dar aula na escola

dominical e minhas crianças precisam fazer as melhores artes, aquelas que fazem os pais lacrimejarem de tão boas.

Mas sou presidente do conselho estudantil porque *eu* quis isso. Porque achei que podia mudar o que precisava ser mudado e fortalecer o que tinha que ser mais forte. Ainda assim, preciso ir à formatura com um vestido lilás de alças fininhas e na altura do joelho que minha mãe trabalhou sessenta horas por semana durante um mês para poder comprar. Ele tem cristais Swarovski no corpete. Cristais. Swarovski.

E por quê? Bom, ela é presidente da Associação de Pais e Mestres (lembre-se: perfeitas em tudo) e são eles que cuidam da formatura. Este ano *será* perfeito, e será perfeito comigo *naquele* vestido e nos braços de um garoto de smoking.

Algum garoto. Qualquer garoto. Minha mãe não sabe quem – mas ela com certeza tem sugestões. Tipo o Paolo, por exemplo, o intercambista que frequenta nossa igreja. Ele está no segundo ano da faculdade e parece um aluno de segundo ano da faculdade de TV: esculpido e confiante, caminhando como quem sabe o que faz. Não me entenda mal, ele é gato. Mas ele também está dormindo em segredo com a diretora do coral, então *shhh*, isso fica só entre a gente.

A questão é, a bolha da minha mãe vai estourar. Ela acha que está fazendo magia doméstica, mas só está mentindo para si mesma. Mentindo para o mundo. A qualquer minuto, tudo vai desabar sobre ela. O feitiço vai acabar, e eu preciso ser capaz de juntar as partes dela novamente.

É por isso que eu não quero ser o relógio que bate à meia-noite para ela. E é por isso que estou não-brigando-mas-discutindo-seriamente a formatura com minha namorada. Ela quer uma noite mágica, e eu também quero isso. Mas nós moramos em Edgewater, Indiana, e assinar aquela lista com os nossos nomes – Emma Nolan, Alyssa Greene – lado a lado é mais do que comprar dois ingressos para o ginásio da escola.

Emma sabe, melhor do que qualquer um, como é isso. Os pais dela ainda frequentam minha igreja. Toda semana. Mesmo banco. Mesmos rostos congelados olhando para o Senhor no vitral atrás do púlpito. Ele reúne os cordeiros aos seus pés, seu cabelo quase dourado quando a luz passa por ele.

Meu pai já foi embora. Minha mãe está no país das maravilhas, provavelmente preenchido com danças mágicas e números musicais. Para

mim, dizer sim para a festa de formatura é mais do que colocar um vestido e comprar um minibuquê de flores. É escolher ser a filha perfeita e sem falhas ou pegar um bastão e quebrar minha mãe em mil pedaços.

E, ainda assim, eu quero me libertar e dizer sim e beijar Emma sob a luz reluzente de um globo de discoteca alugado. Então, estamos discutindo. Não brigando. Não quero brigar. É primavera e Indiana está linda de novo. Entre nós – e o céu azul e as pereiras floridas e as tulipas erguendo suas folhinhas verdes para o sol –, estou inclinada para o sim. Eu quero dizer sim.

Vamos ver.

SUBTERFÚGIO

EMMA

Eu tenho cem dólares no meu bolso, mas ainda não cheguei perto da mesa de venda de ingressos.

Não consigo. Nick Leavel está montando uma apresentação de *PEDIDO DE FORMATURA!* bem aqui no Hall dos Campeões. Todos os lugares são em pé, mas é mais porque é o hall de entrada de um colégio e ninguém que valorize a própria vida vai sentar (a) nas escadas ou (b) na mesa de venda de ingressos.

A multidão desavisada está animada. Nick tem um exército de jogadores do terceiro ano atrás dele. Carregando cartazes junto ao peito, eles têm (o que eu imagino que sejam) cravos de supermercado entre os dentes. Montado com óculos escuros, sua jaqueta de couro e os sapatos *mais* brilhantes que eu já vi, Nick coloca dois dedos na boca e dá um assovio agudo.

Todos no Hall dos Campeões param e se viram. E, juro, Nick de fato pausa para dar uma olhada no bando que veio testemunhar seu poder e glória. Não é suficiente para ele fazer o pedido a Kaylee Brooks, ele precisa ter certeza de que não poupou nenhum esforço. Quando você é o astro principal dos Besouros Dourados, você tem que brilhar.

— Kaylee — Nick diz, pegando as mãos dela. Ele a gira e, de forma hilária, tem que desenrolar seus braços, mas finge que foi tudo bem suave. Seus sapatos chiques raspam o chão quando ele se vira para ajoelhar em frente a ela. Ele olha para cima, mas não diz nada.

Em vez disso, faz um aceno com a cabeça e os outros jogadores surgem. Dá para notar que eles ensaiaram isso. Parados em um semicírculo atrás do Nick, eles jogam os cravos aos pés de Kaylee. Então, um por um, viram os cartazes.

Por um lado, isso foi ensaiado e cuidadoso, e a pequena gota de sentimentalismo bem no fundo do meu coração me faz sorrir. Mas vamos ser sinceros, é um bando de alunos do ensino médio carregando cartazes como se fosse uma apresentação do terceiro ano do fundamental sobre fazer as flores crescerem. Além do mais, está acontecendo no corredor de uma escola. Em frente aos pôsteres amarelos que dizem SÓ DIGA NÃO. É legitimamente hilário, mas guardo a risada para mim.

— Kaylee — o primeiro atleta diz, erguendo seu cartaz. Tem *um monte* de coisas escritas nele, mas para a sorte do público, Nick o lê em voz alta. Ele literalmente olha por cima de seu ombro para ter certeza de que está no lugar certo.

Segurando as mãos de Kaylee, ele diz:

— Gata — ele fala como se fosse um DJ de fim de noite —, desde os jogos no primeiro ano, todo mundo está esperando por isso. Você sabe que eu sou o cara aqui, mas é solitário ficar no topo.

O tanto que meus olhos reviram, sinto até uma dorzinha quando eles voltam. Porque, deixa eu explicar uma coisa: esse “cara” aqui é o garoto mais branco da nossa escola majoritariamente branca. Cabelo castanho-claro, olhos azul-claros, ele é o copo de leite mais alto e cremoso de todo o sul de Indiana. E a Kaylee o está lambendo como um gatinho abandonado.

O segundo cartaz cai e eu me movo para perto das escadas porque, sim, estou assistindo a isso, mas não, não quero ser pega assistindo a isso. Enquanto seguro as alças da minha mochila, sinto um arrepio súbito. Não é do frio, ou do excesso de cinismo — é ela.

Quando Alyssa se aproxima, eu formigo por toda parte. Toda parte. Ela não fica *muito* perto porque ninguém sabe. Mas perto o suficiente para eu sentir o cheiro do óleo de coco que ela usa no cabelo, a baunilha do seu

creme para as mãos e, se eu a estou fazendo parecer deliciosa... bom, é óbvio.

Quando Nick chega ao terceiro cartaz do conjunto (*Então algo aconteceu, gata, você virou minha vida do avesso*), Alyssa sussurra para mim:

— Você queria que a gente estivesse fazendo isso?

Eu dou um sorriso.

— O quê? Sonetos na clave de imbecil? Nem um pouco.

Os dedos dela roçam a parte de trás do meu braço e ela diz:

— Você sabe o que eu quero dizer.

A pele dela na minha é como seda. Quero me enrolar nela, enterrar meu rosto na curva morna do seu pescoço. Eu adoraria me ajoelhar para ela, ou escrever uma música e cantar na entrada da escola. De verdade. Mas é mais fácil ser sarcástica sobre coisas que nunca vou ter do que admitir que as quero. Eu seria mais que exagerada se Alyssa me deixasse. Mas ela não vai, então por que pensar nisso?

Com uma rápida olhada para trás, digo:

— Eu só quero ir à formatura com você.

— Sobre isso — ela responde já soando como se estivesse negociando com o diretor Hawkins uma autorização para que os alunos do último ano almocem fora. Não é um começo promissor para uma conversa que achei que tivéssemos quase encerrado. Ela continua:

— Eu pensei numa coisa.

Bom. Hora de fechar a lojinha e guardar esse velho coração. Deliberadamente, eu encaro Nick e As Estrelas do Cravo, meu cérebro cheio de romances água-com-açúcar de que nem eles gostam.

É claro, Kaylee dá pulinhos e faz um som parecido com um wookiee antes de dizer sim, e talvez Nick curta isso. Atrás dela, sua melhor amiga, Shelby, finge estar feliz, mas é óbvio, pela forma como ela olha melancólica para o namorado, que está irritada por esse momento não ser dela.

Mas essa é uma cena que todos nós já vimos antes no YouTube, só mais pobrinha. É tão *fácil* para eles que eles nem tentam. Eles não *precisam* tentar: as pessoas vão se lembrar disso como uma clássica cena de cinema porque acontece o tempo todo nos filmes... para eles.

Não quero transparecer minha decepção quando respondo para Alyssa, mas talvez ela transpareça. Minha garganta está tão apertada que não sei dizer.

— Vamos ouvir isso.

— Nós vamos juntas — Alyssa diz diplomaticamente —, mas vamos colocar nossos nomes separados hoje. Preciso acostumar minha mãe com a ideia. Eu acho que ela está começando a ceder.

Eu quase faço um som de wookiee também, mas não um bonitinho. Chocada, me viro para olhar para ela:

— Qual a diferença entre contar pra ela hoje ou daqui a três semanas?

— Ela ainda não está pronta, e você sabe que ela tem esse lugar na palma da mão. — Alyssa diz. — Se comprarmos ingressos juntas, ela vai saber antes de eu chegar em casa. Eu quero contar pra ela. Explicar da forma certa, e isso leva tempo.

Há um argumento aí, e ele é justo. Quanto mais esperarmos para comprar ingressos, menos provável será que ainda existam ingressos para serem comprados. Já que nenhuma de nós vai chegar nos braços de um decepcionante Besouro Dourado da James Madison, o tempo é precioso.

Mas eu ressalto:

— Vou ter que colocar o nome de alguém. E você percebe que isso significa que vamos ter que pagar por mais dois ingressos que não vamos usar. É basicamente um imposto por ser gay.

— Eu te pago de volta — Alyssa diz. Ela toca a parte de trás do meu braço de novo, um toque secreto que ninguém poderia ver porque estamos embaixo das escadas como trolls. Ela promete:

— Eu vou te recompensar.

Dinheiro *não* é a questão. É a coisa toda. É uma noite só nossa, sem nos escondermos, fugirmos e fingirmos que somos algo que não somos. E eu sei que é difícil — única garota assumida em toda a escola, lembra? E a menina lésbica que não conseguiu contar aos pais nos próprios termos. Finalmente, a menina lésbica que agora mora com a avó. De verdade, mesmo, sério, eu entendo. Mentir sobre com quem você vai não é o mesmo que mentir sobre quem você é, e ainda assim...

— Eu só quero dançar com você — digo, estendendo a mão para trás para pegar a dela, nossos dedos se tocando. Por um único momento, ela segura minha mão e nós estamos juntas à luz do dia. Eu não vejo ninguém além dela. Juro, eu sinto o coração dela batendo em vez do meu. Meus lábios ardem por um beijo, mas solto antes que ela o faça. Não aqui. Não agora.

— Isso é um sim? — ela pergunta.

— Olha isso — digo, uma onda estranha de coragem correndo por mim. Eu vou direto até a mesa dos ingressos, porque minha ideia é: vou comprar esses ingressos agora e mostrar para a minha namorada que farei o que for preciso para termos a noite mais romântica das nossas vidas.

Maaaaas, falho no último minuto, porque nosso pivô estrela acabou de dar um show, e *claro* que todos os olhos estão na mesa dos ingressos enquanto ele paga pelos dele e sua garota observa, segurando um buquê de cravos babados por alunos do terceiro ano. Agora todo mundo está em volta da mesa fofocando sobre o espetáculo e, *agora*, A ÚNICA PESSOA GAY (ASSUMIDA) DE EDGEWATER acabou de entrar na fila.

A organização não se importa com quem compra os ingressos. Eles querem o dinheiro deles (25% das vendas vão para o clube para — eu sei lá — comprar pesticidas de luxo ou algo assim), e meu dinheiro desaparece na caixa antes que eu possa dizer “oi”. Breanna Lo taca dois ingressos na mesa, pronta para colocar meu nome e o do meu par neles enquanto Milo Potts enfia a prancheta na minha cara.

— Seu nome aqui — ele diz, batendo com o dedo na primeira coluna.

— Nome do acompanhante aqui.

Eu digo algo realmente inteligente, do tipo:

— Ah. — Então assino meu nome bem devagar. Eu até o digo em voz alta, como se Breanna não soubesse quem eu sou. Emma Nolan sou eu, com certeza, definitivamente escreva *Emma Nolan* nesse primeiro ingresso!

— Com quem você vai? — Kaylee pergunta, maliciosa. Essa é possivelmente a primeira vez que Kaylee fala comigo desde a aula de inglês do nono ano, quando ela me pediu para trocar de lugar com ela porque as luzes fluorescentes estavam, e aqui eu cito, “fazendo os cílios dela tremerem”.

Shelby se pendura no cotovelo dela, a eterna minion terrível da Kaylee.

— É, com quem você vai, Emma? Eu não sabia que tínhamos mais de uma sapata na cidade.

É então que eu quero olhar para trás. Quero me virar e ver Alyssa ali. A força dos seus olhos escuros me sustentaria. Nós estaríamos conectadas, eu não estaria sozinha. Mas isso seria infinitamente óbvio. Não posso fazer isso com ela. Então endureço meu pescoço como se estivesse em uma

convenção de vampiros e encaro a linha em branco. Nome do acompanhante. Nome do acompanhante.

— Você precisa ter um par — Breanna diz, ríspida. O olhar dela indica que é melhor eu não ter feito ela estragar um ingresso por nada.

— Sua mão esquerda não conta — Kaylee diz. Nick dá uma risada pelo nariz que me faz suspender qualquer benefício da dúvida que eu possa ter dado a ele pela breguice do pedido. Eu também sou uma pessoa madura o suficiente para não esfaqueá-lo com a caneta quando ele diz:

— A direita também não.

Ah, essa inteligência devastadora.

Rangendo os dentes, escrevo o primeiro nome que consigo pensar, e não é minha culpa que eu pensei nele, só aconteceu. Vamos esperar que esse conjunto de crânios não seja brilhante o suficiente para fazer a conexão. A única coisa que posso dizer em minha defesa é que ela tem cabelo escuro, é bonitinha e eu tenho um tipo.

Kaylee lê por cima da prancheta.

— Anna Kendrick...son?

— Você não conhece ela — resmungo.

— Ela é uma intercambista, ou algo assim? — Shelby pergunta.

— Ah, sim.

Nick afasta os lábios da orelha de Kaylee por tempo o suficiente para perguntar:

— Então por que você não faz um intercâmbio entre ela e um homem?

Com cada gota de paciência que eu tenho, os ignoro. Enfio minha mão sob o nariz de Breanna e digo:

— Ingressos, por favor?

Kaylee quase cai em cima de Nick.

— Mal posso esperar pra conhecer seu date gay real e verdadeiro na formatura, Emma! Anna Kendrick...son parece *fofa*. Ela não parece fofa, Nick?

Ele passa os braços em volta dela, como se ela fosse um muro e ele uma trepadeira. A soma dos QIs deve ser a mesma, de qualquer forma. Com o queixo apoiado no ombro dela, Nick mordisca a orelha de Kaylee de um jeito que eu considero genuinamente canibal, causando uma overdose de glicose quando responde:

— Não tão fofa quanto você, amor.

Sem dizer mais nenhuma palavra, enfio os ingressos na mochila e me viro. O sorriso que eu estava prestes a lançar para Alyssa morre. Ela não está nem virada na minha direção.

A mãe dela apareceu do nada, como costuma fazer. Há dias em que eu vejo mais a sra. Greene por aqui do que o diretor Hawkins, e isso quer dizer algo. Ela talvez esteja investida um pouco demais em tudo que envolve a Alyssa.

A sra. Greene segura as duas mãos da filha. Eu sei que elas estão falando sobre a formatura porque ela fica apontando para a mesa. A expressão no rosto de Alyssa é algo além de enjoada, mas ela faz que sim. Ela faz que sim e sorri, e então dá um passo mecânico na minha direção.

Tem toda uma dança que envolve estar dentro e fora do armário, e eu conheço bem os passos. Eu devo desaparecer agora. Então eu o faço, abaixando a cabeça e passando pelo corpo de baile de Nick. Eles sussurram "gay, gay, gay" conforme eu passo e, quando Alyssa passa por mim, ela não diz nada.

Fugindo, eu repito para mim mesma: *ela vale a pena, ela vale a pena, ela vale a pena.*

ESTRATÉGIA

ALYSSA

Eu acho – não, eu sei – que sou a pior pessoa do mundo.

Minha mãe tem aparecido na escola com frequência demais nos últimos dias, e essa foi com certeza a pior. Eu não ouvi o que Kaylee e sua turma disseram a Emma, mas vi a expressão em seu rosto. Seu rosto sardento e em forma de coração, o rosto que eu amo mais do que qualquer rosto no mundo.

Quando tenho que fingir que não estamos juntas é como se mãos gigantes me partissem em duas. Eu me sinto quebrando, bem no meio do peito. Minha medula e meus ossos ficam expostos, e não sou nada além de uma ferida ambulante.

— O que está acontecendo? — minha mãe pergunta de forma áspera. Quando passamos por Emma, nós duas escutamos o coro de “gay, gay, gay” dos atletas.

Eles fazem isso com Emma às vezes, como se devesse parecer um insulto. Acho que eles pensam que *é* um insulto, em vez de um simples fato. Na maioria das vezes, eu digo alguma coisa. Mas na maioria das vezes, eu não tenho minha mãe me escoltando até a mesa de venda de ingressos para a formatura.

Engulo minha raiva, minha frustração, minha vergonha. Abafo a dor que eu sinto por não poder falar nada e a vergonha por não falar nada. Coloco meu sorriso de filha perfeita no rosto e balanço a cabeça como se fosse leve e sem preocupações.

— Não tenho ideia. Uau, cem dólares. Não sei se tenho...

Cinco notas de vinte surgem na mão da minha mãe. Ela está superorgulhosa quando as entrega para Milo.

— Resolvido. E agora, mocinha, você tem que desembuchar o grande segredo que está guardando.

Congelada e em pânico, eu digo:

— Não estou guardando nenhum segredo!

Com uma risada despreocupada e ensaiada, minha mãe pega a prancheta da mesa e puxa uma caneta da mão de Milo. Ela escreve meu nome com um floreio e então fixa o olhar em mim.

— Seu par, querida? Você andou falando dele, e agora é hora da revelação.

Meu coração bate como um beija-flor, tão rápido que parece ter parado. Eu *tenho* falado do meu date. Com muito cuidado e sem pronomes. *Eu acho que você vai gostar do meu par, mãe. Meu par tem tanto talento e coragem, é uma graça. Você definitivamente vai conhecer meu par logo.* Mas não estou preparada para sair do armário no meio do Hall dos Campeões, na frente de Kaylee e Shelby. Elas têm as maiores bocas da James Madison. Elas *não* vão ver minha mãe desabar. Essa *não* vai ser a nova intriga nos grupos de mensagem.

— John — digo, finalmente. Que ótimo nome genérico. Que ótimo nome do tipo “não é ninguém que você conhece”. Exceto que as sobrancelhas da minha mãe estão erguidas como pontos de interrogação. Isso aperta um botão primitivo de emergência em mim, o grande e vermelho que diz *Responda agora ou ENTÃO!*. Chocada, eu me pego dizendo:

— Cho.

Ah, não. Eu acabei de dizer à minha mãe que vou à formatura com o Sulu gato de *Star Trek*. Meu rosto arde; espero ser desmascarada. Em vez disso, ela simplesmente se ilumina e escreve o nome dele ao lado do meu. Ela não suspeita de nada, porque pergunta, deliciada:

— Como conhecemos John Cho?

Eu fico ainda mais vermelha, mas me recomponho.

— Modelo da ONU. Eu conheci ele no Modelo da ONU. Ele era a Austrália.

— Ahhh — minha mãe diz, fingindo se abanar. — Ele vem de uma terra distante, é isso?

Acho que a voz esquisita que ela faz e a forma ansiosa como olha para mim são um sinal. Bom, um sinal de que eu acabei de atrasar em pelo menos três semanas o meu plano de ela se acostumar com a Emma.

Por que minha mãe tinha que estar aqui neste exato momento? Por que ela não podia apenas ficar no trabalho e telefonar para demonstrar interesse, como todas as outras mães?

Pego os ingressos com Breanna e forço meu sorriso a ficar maior.

— É, acho que sim.

— Bom, mal posso esperar pra conhecê-lo.

Todas as pessoas no Hall dos Campeões estão me encarando? Sinto que sim. É como se tivessem ligado um holofote ofuscante em cima de mim e eu tivesse esquecido minhas falas. Coloco os ingressos na minha bolsa e faço que sim com a cabeça.

— Vai ser ótimo.

— Aposto que sim — minha mãe diz. Ela começa a devolver a prancheta para Milo, mas sua expressão muda. Ela franze as sobrancelhas de um jeito obscuro, agarra a prancheta com mais força e lê em voz alta a linha antes da minha.

— Emma Nolan e Anna Kendrickson?

Por favor, por favor, chãõ, abra e me engula agora.

Puxo a prancheta das mãos dela e tento devolvê-la.

— Parece que sim!

— Duas meninas? — Minha mãe ergue o queixo. — As regras são claras: sem amigos. Há gente demais querendo ir à formatura e os ingressos não são suficientes. Apenas casais!

— Ah, mas *é* um casal, sra. Greene — Breanna informa prestativamente. Ela não soa nem um pouco maldosa enquanto informa minha mãe. — Emma Nolan é gay.

O gelo se parte em volta da minha mãe.

— Como é que é?

Milo pelo jeito passou tempo demais inalando os vapores do estábulo das vacas. Ele não nota que minha mãe está prestes a virar a rainha dos dragões aqui; ele acha que ela está apenas esclarecendo uma confusão.

— Sim, ela se assumiu no primeiro ano.

Minha mãe chega bem perto de zombar do tom de Milo.

— Que bom pra ela.

Ela começa a virar as páginas, seus olhos atentos e examinadores. Quando volta ao início, informa a Milo e Breanna:

— Chega de vender ingressos por hoje. Vão andando.

Eles parecem chocados, mas esta não é a primeira vez deles lidando com minha mãe. Eles fecham a boca, trancam a caixa de dinheiro e desaparecem.

Um abismo se abre em torno de mim. Ele fica cada vez maior e mais profundo. A escuridão surge de todos os lados. Eu tento sorrir, aliviar o momento e consertar tudo. Estou desesperada para consertar tudo.

— Ainda tem pelo menos meia hora de horário de almoço, mãe. Você não pode fechar a banca mais cedo.

— Ah, eu posso e eu vou — ela retruca, impetuosa. Ela encara a lista de novo, o nojo curvando seus lábios. — Eu não sei quem essa Emma pensa que é, mas nós temos padrões aqui. Temos moral.

— É só uma festa, mãe. Está tudo bem.

Erguendo-se ao máximo da sua altura, minha mãe me fuzila com o olhar.

— *Não* está tudo bem, Alyssa. Nada disso está bem! Eu não acho e nem o resto da Associação de Pais e Mestres acha, eu te garanto isso.

— Por que você está transformando isso em um problema? — pergunto. Eu já sei o que ela vai dizer. Eu sei porque já imaginei variações dessa conversa durante três anos inteiros. Não importa como eu a aborde, nunca consigo fazer com que qualquer coisa gay soe o.k. para a minha mãe neurótica. E, sério, agora que está acontecendo de verdade, é como se eu estivesse sendo partida em pedaços. — É só um casal!

— É o princípio da questão! — Com as narinas abertas, ela desvia o olhar, como se algum interruptor tivesse ligado em sua cabeça. Ela aponta para o escritório, pensando em voz alta. — Preciso de uma palavrinha com o diretor Hawkins.

Eu a pego pela mão e digo:

— Mãe, por favor!

Uma onda de desconfiança a envolve.

— Você parece preocupada demais com isso, Alyssa.

Aqui, eu poderia confessar: *Sim, porque ela é minha namorada!*, eu poderia dizer. *Porque ela é o meu par. Porque ela me ama e eu a amo. Porque não tem nada de errado nisso. Na verdade, tem tudo de certo!* Mas consigo ver a fúria da minha mãe e seu medo. Ela cresce com ele, até parecer ter três metros de altura. Ela cresce e vibra, uma pedra envolvendo um coração vulnerável.

Acho que sou covarde. Em vez de argumentar qualquer uma das coisas que poderia argumentar, eu digo:

— Não estou.

Por um momento, eu acho que minha mãe enxerga dentro de mim. Pelo jeito como ela inclina a cabeça para o lado, no ângulo do olhar dela enquanto ele varre meu rosto. É como se uma luz se acendesse e tudo se iluminasse para ela. Então a escuridão volta e ela me dá um tapinha no rosto.

— Boa menina. Deixe que eu me preocupo com isso.

Eu realmente sou a pior pessoa do mundo, porque não digo nada enquanto ela se afasta.

TRAGA SUA FORQUILHA

EMMA

Graças à sra. Greene, é temporada de caça à Emma na escola.

Claro que ela falou com o diretor Hawkins. Eu não sei o que ele disse a ela, mas a sra. Greene convocou uma reunião de *emergência* da Associação de Pais e Mestres.

Nunca, na história da educação, houve uma emergência de pais e mestres. Tipo, meu Deus, não temos papel crepom o suficiente para a Semana Educacional, precisamos correr para o Walmart como a fúria divina e corrigir isso *imediatamente*!

Aparentemente, eles também precisam corrigir a minha existência.

No dia depois que eu me voluntariei como tributo – quer dizer, no dia depois que eu comprei ingressos para a formatura para mim e uma celebridade que eu definitivamente não vou convidar para a formatura pela internet na esperança vã de que ela de fato apareça – a Associação de Pais e Mestres mandou um e-mail para todos os pais e alunos, dizendo:

Querida Família James Madison,

Como vocês sabem, a Associação de Pais e Mestres e os Futuros Plantadores de Milho dos Estados Unidos organizam a festa de formatura de nossa escola todo ano. A animação por esse evento cresce durante o ano todo e é um momento especial para nossos formandos. Nós sentimos a necessidade de lembrar a todos que ir à festa é um privilégio, não um direito. Como houve dúvidas, gostaríamos de esclarecer quais são as exigências para que os alunos possam ir à festa:

Nota média de 5 ou mais. ¹

Cavalheiros devem usar terno e gravata.

As damas devem usar trajes de noite modestos.

Os vestidos não podem ser acima do joelho, tomara que caia, mostrar a barriga, ter fendas que revelem a pele acima do joelho, serem feitos de material transparente e nem de nenhum material que pareça ser transparente, bem como de nenhum material fora do comum (ex: sem vestidos de fita isolante) e de nada que seja feito para ser sexualmente provocativo, o que será determinado pelos inspetores. ²

Os ingressos serão vendidos apenas para casais de menino/menina. ³ Devido a questões de espaço, não serão vendidos ingressos individuais ou ingressos para amigos do mesmo sexo. Queremos garantir que todos que tenham conquistado o direito de ir a esse evento com seus pares possam ter a oportunidade de fazê-lo.

Como os ingressos da formatura são limitados, e porque a festa deve ser uma recompensa para alunos da James Madison, apenas alunos matriculados e elegíveis da escola poderão comparecer ⁴. **Sem pares externos.**

Agradecemos pelo seu tempo e estamos ansiosos por uma ótima festa este ano!

Sinceramente,
ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES

Avante, Besouros Dourados!

Então, hum, essa carta, uau. Deixa eu te dizer, eu a destrinchei no YouTube, ponto por ponto, começando pela ¹, essa exigência da média.

Você sabe por que é tão baixa? Porque senão metade do time de basquete seria barrado na festa. E isso, é claro, não pode acontecer jamais, porque seria literalmente o sinal do apocalipse. Ouvi dizer que os

professores não podem deixar que a média dos jogadores caia abaixo desse número, e ponto final. Que sorte a deles.

Seguindo para o **2**: que bela forma de sacralizar o patriarcado e a binariedade de gênero. Os caras podem aparecer com qualquer terno e gravata, mas UuuUuuUuu, cuidado com o espectro de uma garota (e apenas uma garota!) em um vestido que mostre os joelhos. Você consegue acreditar nessa? Deveria, porque essa é a versão “chique e formal” do código de vestimenta normal da escola. Pessoas que foram consideradas homens ao nascer? Apareçam vestindo qualquer roupa, obrigada. Designadas mulheres? Deixe-me desenrolar o pergaminho da respeitabilidade e modéstia. Outros gêneros? Vocês não existem.

Vocês não amam o **3** e o **4**? Essas regras são novas em folha. E são impressionantes em sua elegância. Eu estou quase orgulhosa de todos os preconceituosos da Associação de Pais e Mestres por conseguirem nos banir duas vezes sem dizer que não permitem gays! É quase como se eles soubessem que o que estão fazendo é errado! Quer dizer, há uma negação plausível já embutida. Muito bem, Associação de Pais e Mestres! Eu os aplaudiria, mas não posso. Estou ocupada demais me protegendo dos filhos do demônio que eles plantaram na escola.

Veja, os filhos deles me torturaram durante o primeiro ano inteiro e a maior parte do segundo ano, mas tinham superado a ofensiva cotidiana até recentemente. Recentemente, tipo no minuto em que a Associação mandou essa carta e eu recebi um monte de comentários no meu vídeo de desabafo. É meu canal, então a maior parte dos comentários estava do meu lado, sabe? Mas isso não pode acontecer!

E também desde que Nan informou à escola que eu iria à formatura com quem eu quisesse e que, se alguém tivesse algum problema com isso, ela tinha o número da ACLU^[1] (o que quer que isso seja).

Para ser justa, ela me perguntou antes. Ela só compra as brigas que eu quero que ela compre – e eu implorei a ela para não falar com o diretor sobre as coisas horríveis de todos os dias porque eu sabia que ia piorar tudo dez vezes mais. Mas, no passado, ela deu uma bronca épica nos meus pais, e quando isso não fez efeito, só os cortou como fiapos. Enquanto eu chorava nos braços dela, ela prometeu estar sempre aqui quando eu precisasse.

Então, depois do e-mail da Associação, ela segurou meu queixo e olhou nos meus olhos. Ela perguntou:

— Isso é algo que você quer, querida? Você sabe que vai ser difícil.

Talvez eu tenha hesitado, mas não por muito tempo. Meus amigos do YouTube estão do meu lado, o que ajuda. E sabe o que mais? O que eu quero não fere ninguém. Eu aguento essa tortura desde o nono ano, e estou cansada disso. Quero me despedir do último ano com meu par, na festa de formatura, como todo mundo.

Com lágrimas nos olhos e um nó na minha garganta, respondi:

— Eu só quero dançar com ela, Nan.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Então nós vamos fazer isso.

E ela marchou comigo escola adentro na segunda-feira passada. Me enfiou no escritório e exigiu falar com o diretor. Disse que se sentaria no balcão até que ele estivesse disponível, porque, bom, Nan sabe deixar as coisas claras quando quer.

O diretor Hawkins, eu preciso dizer, é bem legal. Primeiro, ele ouviu. Cobriu as mãos brancas de Nan com suas mãos marrons e escutou cada palavra que ela tinha a dizer sem interromper.

Então, quando ela terminou, ele se virou para mim e disse:

— A festa não é patrocinada pela escola. Não sai do nosso orçamento, nós não a planejamos. Nós deixamos que o comitê a faça aqui de graça.

— Mas o dinheiro vai pra um clube da escola — eu disse. — É administrado pela Associação de Pais e Mestres.

— E eu vou mencionar isso na reunião, Emma. Você só tem que entender que eu tenho pouco poder nesse assunto. Se a coisa aumentar, vou até onde posso. Você só precisa saber que não consigo impedir isso sozinho.

Não pareceu certo ou justo que o diretor não possa fazer as regras da festa de formatura da escola. Mas as coisas eram assim. Sendo sincera, eu achei que deveria chorar, mas só me sentia anestesiada. Nan estendeu o braço e acariciou minhas costas, mas senti apenas a sombra de um toque.

O diretor Hawkins esperou um momento e então disse:

— Eu posso dizer a eles que a festa inclui você, ou eles precisam encontrar outro lugar. Com sorte, isso resolverá as coisas. Não está sobrando dinheiro em lugar nenhum desde que a fábrica fechou.

— Tudo bem.

— Mas existe a chance de que isso piore as coisas. Isso é algo importante, Emma. Você tem certeza de que quer que eu vá em frente?

Eu tinha? Eu tinha. E, ainda assim, mesmo tomada por uma onda de adrenalina, de alguma forma eu não tinha fôlego para dizer sim. Então, fiz que sim com a cabeça. O acordo foi fechado. Ele prometeu falar com a Associação e eu sei que ele manteve sua palavra.

Como eu sei? Bom, a Associação *não* mandou outro e-mail. Em vez disso, eles começaram um rumor e garantiram que ele se espalhasse como fogo: se Emma Nolan insistir em gayzificar a formatura este ano, a festa vai ser cancelada. Eles não têm dinheiro para organizá-la em nenhum outro lugar, e tudo isso é culpa minha.

E você sabe, não acontece muita coisa em Edgewater. Acho que você provavelmente já tinha adivinhado isso. Às vezes um avivamento acontece na cidade, o que é legal porque as pessoas caem no chão e falam nas línguas do Senhor.

Tem a temporada de feiras, quando todo mundo compete com bezerros premiados e artesanato.

E não vamos nos esquecer da maravilha e da glória de passear pelo estacionamento do Walmart em um sábado à noite. (Sim, nós temos um cinema, mas só passa um filme por vez e normalmente algo supervelho.)

Amigos, jogos de basquete dos Besouros Dourados e a festa de formatura? Esses são os destaques da vida social em nosso limitado calendário. E agora todo mundo acha que um deles vai ser cancelado por *minha* culpa.

E isso quer dizer que toda a tortura do primeiro ano está acontecendo de novo, só que desta vez com um propósito. O canto voltou – irritante, mas ignorável. Há coisas piores que as pessoas poderiam sussurrar para mim, mas preciso dizer que “gay, gay, gay” ofende em um nível artístico.

Falta criatividade. Há toda uma internet ali para as pessoas que não conseguem pensar sozinhas. É literalmente a porta para milhares de ofensas mais fortes, com forma real. Em vez disso, esses imbecis pegam a minha definição literal e cantam como um coral de sapos de mente estreita.

Ah, e curvem-se perante mim, porque agora eu sou o Moisés do sul de Indiana. Aonde quer que eu vá, os mares se abrem para eu passar. Hall dos

Campeões, aula de inglês, cantina, não importa: alunos que tinham esquecido que se importavam com o fato de eu ser lésbica subitamente fogem de novo. Eu sou como uma fábrica de germes pessoal, aberta pela primeira vez desde o *jardim de infância*.

Hoje de manhã eu precisei reaprender a importância de não manter *nada* importante no meu armário. Durante o primeiro ano, alguém apertou pacotes de molho de salada da cantina pelas frestas e acabou estragando minha jaqueta preferida. Até hoje fico tensa quando sinto cheiro de vinagre.

Comecei a usar o armário de novo quando as coisas se acalmaram no terceiro ano. Eu não guardava nada superimportante nele, mas adivinhem só?

Hoje, os brilhantes alunos do ensino médio da Escola James Madison deram um jeito de espremer creme hidratante pelas frestas. Quando abri o armário depois do almoço, encontrei tudo coberto por uma camada grossa e perolada. Incluindo um livro de história que não menciona o motivo da Guerra Civil.

Eu levei o livro até a diretoria para pegar um novo e a secretária (aquela que Nan ameaçou sentar na mesa) me disse que *eu* teria que pagar para substituí-lo. Ela não se importava com o motivo pelo qual ele tinha sido arruinado ou quem tinha feito isso. Meu livro, minha responsabilidade. Oitenta dólares, por favor.

Minha avó não tem esse tipo de dinheiro sobrando, então vou ter que tirar do meu fundo do Patreon. Já era um violão novo este ano.

Enquanto tudo isso acontece, eu normalmente teria o apoio da minha namorada. Mas não vejo a Alyssa fora da escola há quase duas semanas.

Quando a mãe dela começou a liderar essa onda de cidadãos raivosos, ela se trancou em casa. Nós trocamos mensagens à noite, temos momentos roubados durante a aula de economia e mandamos *snaps* rápidos para que não haja pistas. E, assim, eu sei por que ela está se escondendo. A maior parte de mim está feliz por ela estar segura em sua invisibilidade.

Eu só queria não ter que ser visível sozinha.

O diretor Hawkins diz que está fazendo tudo o que pode nos bastidores e Alyssa está arrasada atrás das telas, mas isso me deixa sozinha na frente *deles*.

Eu me forço a ir à escola. Eu me forço a aparecer em todas as aulas. A cada dia os passos ficam mais pesados conforme o relógio caminha para as três, e eu voô da cadeira no minuto em que o sinal toca.

Os alunos do último ano podem sair da aula primeiro. Nós temos vinte minutos sozinhos na saída – especialmente para que as pessoas que dirigem possam sair do estacionamento antes dos ônibus partirem. Os motoristas esperam nas portas da frente, e nesta semana Nan está vindo me buscar porque... bom, o carro de *quarenta* anos dela parece mais seguro do que um ônibus relativamente novo cheio de inimigos e com nenhuma saída.

Hoje só é diferente porque está chovendo e preciso esperar do lado de dentro. Abraçando a mim mesma, olho pelas portas da frente enquanto espero o fusca azul de Nan. Eu tenho meu círculo de Moisés em volta de mim, isolada, mas segura, certo? Então ouço algo atrás de mim. Um ruído estranho, um farfalhar concentrado.

Arrumando meus óculos, olho para trás.

Os olhos de todos se desviam de mim. Eu conheço todos os rostos; nem são os garotos mais populares da escola. Eles são médio-ordinários. Devem pensar que são melhores do que eu porque são hétero.

Eles falam tanto uns com os outros que parece que seus maxilares vão sair voando. Não é natural, mas eles não estão *fazendo* nada. Eu tento amedrontá-los com uma expressão obscura, mas acho que ela acaba saindo mais sofredora.

Eu me volto para as portas de novo. Minha respiração embaça o vidro enquanto me apoio no batente de metal. Não tem por que mandar mensagem. Nan sempre guarda o celular no porta-luvas. Sendo assim, tento telepatia. *Nan, por favor, venha logo.*

Então acontece.

Algo duro bate na parte de trás da minha cabeça e cai no chão. Instintivamente, eu ergo a mão, mas não há nenhum corte. Nada de sangue. Provavelmente nem mesmo um hematoma. Eu levo um segundo, mas vejo o projétil rolando no chão até parar.

Uma moeda de vinte e cinco centavos.

Tipo, alguém tem trocado o suficiente para poder pular as moedas de um, cinco e dez centavos e ir direto para vinte e cinco. Mais uma vez, olho as pessoas à minha volta. Mais uma vez, elas estão todas,

coincidentemente, olhando na outra direção. Isso não as impede de rir, no entanto. Risadinhas baixas e abafadas escapam.

Mesmo com minhas entranhas virando uma meleca verde e doente, eu me abaixo e pego a moeda. Com um aceno, coloco-a exuberantemente no meu bolso.

— Obrigada. Agora eu tenho dinheiro o suficiente pra sair com a sua mãe.

Então eu saio batendo a porta, indo direto para a chuva.

CAMUFLAGEM

ALYSSA

Shelby Kinnunen abre a porta para mim e eu entro no ginásio com uma enorme caixa de papelão.

Eu a peguei do programa de reciclagem que o conselho estudantil começou este ano na cantina. Embora cheire um pouco a nuggets, foi de graça e tem de sobra. Erguendo a caixa um pouco mais, digo:

— Vamos fazer muitas estrelas com isso.

— Nem sei por que estamos nos dando ao trabalho — Shelby diz, girando para soltar a porta e me seguindo para dentro. Há pessoas trabalhando até onde a vista alcança. Os presidentes e vice-presidentes de todos os clubes da escola apareceram para trabalhar nas decorações da festa. É uma tradição que torna a formatura realmente nossa.

— Estamos deixando tudo bonito — respondo. — É mais especial assim, não?

Shelby revira os olhos com preguiça. Ela está aqui como capitã das líderes de torcida, mas eu sinto que somos amigas. Quer dizer, sinto que todo mundo aqui é ao menos *amigável*. Não é uma escola grande, nem uma cidade grande, então todos nós temos muita coisa em comum.

Quando vou colocar minha caixa de caixas no chão, Shelby se inclina para me ajudar e sussurra:

— Ouvi dizer que a festa vai ser cancelada.

Uma gota gelada de pânico cai no meu coração. Eu também ouvi isso — da minha mãe. Não diretamente, mas ela não tem exatamente falado baixo no telefone ultimamente. A voz dela cai para um sussurro, mas eu a ouço fazendo campanha com os outros pais. Eles criaram juntos as novas regras para a formatura e celebraram quando elas foram enviadas.

De alguma forma, eles não esperavam que a avó de Emma fosse revidar. Eu poderia ter dito isso à minha mãe, já que tenho jantado secretamente com Emma e vovó Nolan pelos últimos três anos. Quando Nan decide fazer algo, ela vai até o fim. Ela pintou a casa de roxo, de verdade. Roxo real, cor de uva e suco Tang — com detalhes verde-limão.

Então, se minha mãe tivesse pensado nisso por um segundo que fosse, teria percebido que trazer a ACLU para a história não era só uma ameaça — embora seja isso que tenha parecido. Ah, sim. E daí ela ficou ainda mais brava quando o diretor Hawkins *concordou* com a Nan. Meu Deus, minha mãe foi de irritada a louca-tipo-bandeira-vermelha-numa-tourada ou loucandando-com-o-taco-de-beisebol-em-um-vespeiro.

Desde então, ela tem juntado apoio para um cancelamento, e acho que a culpa é minha.

Eu mencionei a ela que se não pudermos levar pares externos, isso quer dizer que não posso ir com John Cho. (Vamos deixar de lado o fato de que ele é famoso, adulto e não tem ideia de que eu existo). Teoricamente, a regra da minha mãe significaria nada de formatura perfeita para mim também.

Com um aceno de mão, ela disse:

— Ah, Alyssa, você sabe que isso não se aplica a você.

— Ah, não — retruquei. Eu cheguei a bater meu pé, e me senti ridícula fazendo isso. — Regras são regras. Elas se aplicam a mim ou não se aplicam a ninguém.

Mamãe se afastou de mim. E então os sussurros começaram. As ligações e mensagens frenéticas. Os dedos dela voavam tão rápido que o som das mensagens chegando parecia um fliperama. Ela falou com a Associação de Pais e Mestres e com os pais de todo mundo na nossa igreja que, claro, falaram com os filhos, e foi assim que o boato começou.

A única coisa me impedindo de enlouquecer completamente é que todo mundo tem sentimentos conflitantes quanto a cancelar a formatura.

É o de sempre: *os formandos não terão o último ano de volta; não é justo punir todo mundo porque uma pessoa quer quebrar as regras*, esse tipo de coisa. Pela primeira vez, a entropia está do lado do bem.

Então me sinto confortável em dizer a Shelby:

— Isso não vai acontecer. A formatura é pra todo mundo, e todo mundo está ansioso.

Prendendo os cachos escuros de seu cabelo em uma trança solta, Shelby dá de ombros de novo.

— Eu entendo isso. Você entende isso. Por que ela não? Ela vai morrer se ficar em casa *sem* depilar as pernas uma noite?

Fogo queima no meu estômago. Ela não sabe *nada* sobre a Emma. Ela não tem a menor ideia. Há tantas coisas lindas em Emma Nolan que temos sorte de ter em Edgewater. O coração dela é enorme quando ela não precisa protegê-lo.

Tipo, ela alimenta os esquilos de propósito – ela tem dó deles, porque todo mundo tenta mantê-los longe de seus quintais. Quando Emma volta a atenção dela para você, seu coração se parte, porque você percebe que nunca foi tão *vista* na vida.

Todas essas pessoas pequenas, com suas mentes pequenas, constantemente cuspidando nela – por nenhum motivo. Porque seus pastores dizem para fazer isso, porque seus pais dizem para fazer isso. Não porque elas se importam, ou pensam, ou decidem por elas mesmas. E eu quero dizer tudo isso, mas em vez disso, fico sentada no chão de madeira polida e pego a tesoura.

— Isso foi cruel.

— Estou brincando — Shelby diz, mas ela não está. — Mas estou supertriste, Alyssa! O Kevin *deveria* ter me convidado tipo, no dia depois que o Nick chamou a Kaylee. Mas eles pararam de vender ingressos e agora ele, tipo... quer esperar e ver o que acontece. É como se eu estivesse sendo punida pessoalmente.

Durante a minha vida toda eu tive a sorte de que quando fico brava, eu não fico vermelha no rosto. Nas pontas das orelhas, sim. Por todo meu peito, com certeza. Mas eu não *pareço* brava. Não dá para perceber pela minha voz. Isso torna mais fácil tentar colocar algum bom senso na cabeça de pessoas que o perderam totalmente.

— Bom, ela também está sendo punida.

Shelby para, a cola que ela estava colocando no seu prato de papel ainda pingando.

— Como?

Com calma, eu repito.

— A formatura é pra todo mundo. Incluindo a Emma.

Com nojo, Shelby baixa a cola e começa a mexê-la com um pedaço quebrado de papelão. Nós vamos passar isso nas estrelas que vou cortar das caixas de nugget e então mergulhá-las na bandeja de glitter. Pelo menos é o plano, se conseguirmos terminar essa conversa e voltar ao trabalho.

— Existem regras.

— Regras que a Associação *acabou de inventar*.

— Não, antes eram regras implícitas.

Eu suspiro e encontro o olhar de Shelby.

— Você se importava com o fato de a Emma ir à formatura *antes* de ela comprar ingressos?

Ah. Ah, aí está. Uma pequena faísca de consciência: claro que não. Antes de Emma comprar os ingressos, tudo que Shelby, Kaylee e todas as outras se importavam era com *elas* serem chamadas e *suas* noites serem especiais. Mas, em vez de admitir isso, Shelby me encara.

— Eu estou meio que me perguntando por que você se importa tanto *agora*.

Perigo! Alerta! O calor se espalha pelo meu peito e desce pela minha barriga. Ela está me vigiando? Shelby nunca me pareceu ser observadora, mas talvez fosse fingimento. Será que ela pode me olhar e ver que não estou *só* discutindo por causa de Emma? Que eu quero essa noite por mim também?

Não posso permitir que esse boato comece. Não agora. Minha mãe precisa descobrir por mim, no momento certo, da maneira certa. Com as mãos tremendo, eu baixo as tesouras.

— Eu sou presidente do conselho estudantil. Trabalho pra todos os alunos, não só os populares.

Do nada, o namorado de Shelby, Kevin McCalla, desliza de joelhos bem no meio da nossa pilha de papelão. No último segundo, ele cai de costas, como se estivesse mergulhando em uma pilha de folhas de outono.

Ele acha que isso é encantador, dá para notar pela forma que sorri para Shelby quando para. Ele está praticamente no colo dela. Isso provavelmente também vai contra alguma regra implícita e, ainda assim, lá está ele.

— Por que tão sérias, gatas?

— Só falando da Emma — Shelby responde.

— Você quer dizer Romeu e Lesbiqueta?

Minha paciência se esgota, e eu bato com a mão no papelão perto da cabeça de Kevin. Grãos de glitter saltam como pulgas.

— Nós temos tolerância zero com bullying nesta escola!

Ele ri, confuso.

— Eu não falei pra *ela*.

— Não é a questão.

Shelby dá outra olhada em mim.

— De novo, você está muito LGBTAMEI sobre isso, Alyssa. Quer compartilhar alguma coisa?

— Sabem o que eu quero compartilhar? — pergunto, enterrando tudo de novo. Engolindo tudo. É ridículo, mas me sinto literalmente como a Elsa de *Frozen*, e quão triste é que um desenho seja a única coisa na qual eu consigo pensar para me acalmar? Eu não posso *sentir* isso agora. Eu não posso demonstrar. Kevin e Shelby não são exatamente cães farejadores, mas se eu estourar...

Falando com as mãos, continuo:

— Eu quero compartilhar minha festa de formatura com qualquer um que queira estar lá. Porque não quero que ninguém fique entre mim e a festa com a qual eu sonho desde que tinha doze anos. Eu já tenho meu vestido. Eu já tenho meus ingressos. Eu quero viver isso. E quero que vocês vivam também. Eu quero que *todos* nós vivamos isso. É tão errado?

Eu não acho que Shelby ou Kevin se sintam mal, mas os dois dão de ombros. Ela diz:

— Tanto faz.

Ele diz:

— Tanto faz, quem se importa?

Dois *tanto faz* frente a algo tão monumental e eles nem conseguem enxergar. Fico feliz por eles não enxergarem.

Sim, eu me odeio por me esconder. Mas estou fazendo o que eu posso – o máximo que posso – para ajudar isso a passar. Com toda a reação que minha mãe está recebendo por querer cancelar, eu realmente acho que a Associação está próxima de decidir que não vale a briga. Se as Sheldons, as Kaylees, os Kevins e os Nicks do ensino médio da Escola James Madison decidirem que eles querem a festa mais do que querem manter Emma fora dela, isso *ajuda*.

Eles vão pressionar os pais, e o diretor Hawkins vai reagir por parte da escola. Se pudermos apenas passar por isso, só mais uns dias. Eu realmente acho que minha mãe e o resto da Associação vão desistir. Eles só precisam de uma chance para recuarem em silêncio, sem passar vergonha.

E quanto mais cedo isso acontecer, mais cedo eu posso me sentar com minha mãe e colocar algum bom senso na cabeça dela. Ou pelo menos alguma compreensão. Eu prometi a Emma que iríamos à festa juntas, e falei sério.

Eu não posso ser – eu *não vou* ser – mais uma pessoa na vida dela que a ama e então a decepciona.



EMMA

Mais um dia sozinha, abaixando a cabeça e me tornando tão pequena quanto possível enquanto vou de uma aula a outra na escola.

Alyssa acha que os boatos estão diminuindo. Eu acho que ela está vendo o mundo pelas lentes cor-de-rosa mais grossas que já existiram. É fácil para ela achar que está melhorando. Ela está basicamente em um outro estado, vendo o tornado soprar à distância. Eu sou a vaca girando, rodopiando bem no meio dele.

Minhas costas doem com o peso da mochila. Agora que não posso usar meu armário, estou carregando dez mil quilos de livros, em uma estimativa rápida. Mas a multidão cheiradora de diesel em volta de mim não sabe disso.

Então, quando desço o corredor na direção do meu armário, sinto os olhos voltados para mim. Eu devo ter o radar do Homem-Aranha a essa altura; já sei quando eles estão espreitando, observando, esperando.

Se quiserem continuar atirando moedas, tudo bem por mim. Mas não, aparentemente alguém ensinou a eles o valor do dinheiro, porque não é isso que me espera desta vez. As pessoas se afastam de mim; dou cada passo com cautela.

— Mulher-macho — alguém murmura.

Outro sussurra:

— Sapatão.

Os insultos se afundam na minha pele, formando um nó escuro que mora permanentemente no fundo do meu estômago. Eu achei que já tivesse deixado de me importar com o que as pessoas falavam de mim, mas parece que não. A parte triste é que eu nem quero mais que as pessoas gostem de mim. Só quero que elas me deixem em paz. Tenho a impressão de que eu seria bem esquecível se morasse em qualquer outro lugar.

Quando dou uma olhada para cima, vejo dois balões vermelhos flutuando sobre as nossas cabeças. Eu não preciso me aproximar para saber que eles são o X marcando o lugar. Mas, ah, que tesouros me esperam?

Durante a Semana do Esporte, as líderes de torcida decoram os armários dos jogadores. Não é incomum ver cartazes, balões, fitas, pequenos enfeites, strass, cortinas de seda e bandeiras. Elas fizeram disso uma ciência, com suas caligrafias perfeitas e bom gosto para acessórios. Eu tenho certeza de que todas essas habilidades serão úteis na vida delas.

Mas vamos ser sinceros, gente. Só há um armário decorado agora, e isso pode ser uma surpresa para vocês, mas eu não sou nada atlética.

As vozes baixam, o corredor fica assustadoramente quieto. Seria isso uma melhora em relação à falação constante de pessoas que três séculos atrás estariam sussurrando *queimem a bruxa* para mim? Eu não sei. O que eu sei é que, o que quer que esteja no meu armário, vou ignorar. Eles não vão ter a satisfação de me ver reagir.

Eu ergo meu queixo, mas olho para baixo e para a frente. Eu provavelmente pareço o Corcunda de Notre-Dame a essa altura, mas e daí? Só respire, Emma. Só caminhe, um pé na frente do outro. Tento invocar a imagem de praias douradas de areia fina ou até mesmo a versão bege-cinzenta da praia de Indiana.

Pense em segurar a mão de Alyssa no parque. Ela é pequena e macia, delicada ao meu lado. Ela ia querer que eu sorrisse e acenasse com a

cabeça. Eu não acho que consigo. Namastê e rezar para sair logo daqui é o melhor que posso fazer. Há uma passagem de ônibus interestadual no meu futuro. Eu nem me importo para onde ele vai. Foco nisso. Na liberdade e fuga e...

Sim. Isso. Respire. Eu estou respirando e não estou ouvindo e não estou vendo – não, não estou vendo, exceto que acabei de notar. Agora não consigo não olhar.

Desta vez não é hidratante ou molho. Nem sequer pichações para que os faxineiros tenham que limpar. Não, são dois balões vermelhos para marcar o enforcamento de um ursinho de pelúcia com as cores do arco-íris. Alguém se deu ao trabalho de fazer uma *força*. Eles se deram ao trabalho de amarrá-la pelas fendas do armário, para que um ursinho do Orgulho pudesse ter suas últimas horas.

Eu não consigo respirar. Estico o braço e solto a força. Eu me sinto pequena, áspera, olhando de relance para as pessoas em volta de mim. Eles esperam como uma onda. Querem estourar na minha cabeça, mas não ousam. São covardes, cada um deles.

— Legal — digo, acenando com o ursinho para eles. — Bem legal.

Separando-se da multidão, Kaylee vem na minha direção. Com um sorriso falso, ela pergunta:

— Gostou? Compramos especialmente pra você.

— É, sabe de uma coisa? Eu tenho certeza de que isso já foi além de quebrar as regras da escola, Kaylee. Isso é uma ameaça de morte.

Os olhos de Kaylee se arregalam com uma sinceridade dissimulada.

— É nossa forma de agradecer, Emma!

Agora que Kaylee quebrou o silêncio e falou comigo, sua guarda-costas Shelby dá um passo à frente e acrescenta:

— É! Obrigada por cancelar a formatura!

Quando eu mexo minhas mãos trêmulas, me sinto perdendo o equilíbrio. Minha mochila está pesada demais, meu coração partido demais, meu cérebro frito demais. Minha voz quebra quando eu digo:

— A formatura não foi cancelada!

Bem neste momento, Alyssa aparece. Imediatamente, é como se o sol surgisse, e a esperança enche meu coração. Ela está tentando me salvar, mesmo tendo um segredo. Mesmo arriscando ser exposta ao ficar do meu lado. O olhar dela não encontra o meu, mas ela para entre Kaylee e eu.

— Já chega. Deixem ela em paz.

— Só estamos conversando — Kaylee diz. Ela olha por trás de Alyssa, me ameaçando com um sorriso. — Não é, Emma?

Não digo nada. Eu me recuso a me degradar. Me recuso a ser cúmplice. Mas é como se minha presença respondesse por mim. Só por estar ali, eu os deixo com raiva. Só por respirar, eu pioro as coisas. Quero pegar Alyssa e fugir com ela, para longe daqui, algum lugar em que possamos apenas existir. Em vez disso, fico imóvel e tento não chorar.

— Vão embora — Alyssa diz, usando toda a autoridade que a presidência do conselho estudantil lhe dá.

— Ah, é assim? — Inclinando a cabeça de lado, Kaylee parece apenas um pouco ofendida. Isso se dissipa instantaneamente e se torna o puro veneno de escola primária. — Então você está do lado dela.

— Não — Alyssa responde, um tiro bem no meu coração. — Eu só não estou no ensino fundamental.

Um ruído abafado atravessa o corredor. Parece que, em dois segundos, alguém vai gritar “Briga! Briga!”, e então Nick e Kevin derretem para fora da multidão como manchas de gordura. Eles apoiam as namoradas de uma forma que eu, se fosse elas, os largaria neste minuto.

Nick diz:

— Kaylee, linda. Está tudo bem. Ela pode trazer a namorada lésbica dela para a formatura se a gente puder assistir.

Com um riso nojento, Kevin faz que sim.

— Algumas memórias para o repertório.

De repente, uma voz ressoa. Meus joelhos cedem de alívio. O diretor Hawkins desce pelo corredor. Os estudantes se afastam e desaparecem o mais rápido que podem. Crimes recreativos só são divertidos se você não for pego.

— Senhores — o diretor Hawkins diz, e então —, senhoritas. Eu não sei o que está acontecendo aqui, mas acabou.

Kaylee dá de ombros e vai embora. Ela dá uma grande volta ao redor de Alyssa só para poder “acidentalmente” esbarrar em mim. Com um sussurro, ela me diz:

— Ah, Emma. Diferente da sua vida social, isso *não* acabou.

E lá se vai Kaylee, seguida por sua nação de trogloditas esfarrapados cujo auge da vida vai ser o ensino médio. Shelby se enrola como uma hera

em volta de Kevin e Nick passa um braço pelos ombros de Kaylee. Quando eles finalmente somem no corredor, eu solto o ar e caio. Embora eu saiba que eles estão do meu lado, é difícil encarar Alyssa e o diretor Hawkins.

— Desculpa — digo, embora não seja minha culpa. Eu ergo o urso, indefesa.

O diretor Hawkins o pega da minha mão. Seu rosto bondoso endurece e ele endireita as costas.

— Isso é inaceitável, Emma. Nós vamos encontrar quem fez isso e eles serão apropriadamente punidos.

— Por favor, não — peço. — As coisas já estão ruins o suficiente assim.

Alyssa coloca a mão no meu braço. Seus olhos escuros estão molhados também. Eu sinto a atração entre nós, é difícil não ceder. Se eu pudesse cair nos braços dela, tudo... Bom, não ficaria bem. Mas ficaria melhor, pelo menos por um momento. Suavemente, ela diz:

— Se você deixar eles saírem dessa...

— Não, não vale a pena. — Enrolando de novo, eu mal consigo sussurrar, mas digo: — Talvez nada disso valha a pena.

O diretor Hawkins sacode a cabeça.

— Não, não, não. Você tem direitos, Emma. Eu tenho um e-mail de um contato na ACLU. Eles estão preparados pra entrar em ação caso precisem. Na verdade, eles dizem que seu caso já atraiu alguma atenção na internet.

— Além do meu canal? — pergunto, chocada.

— Ah, sim. Isso é importante — o diretor Hawkins diz. — Pra você, com certeza. Mas também pra todos os jovens como você.

Eu pisco, incrédula.

— O que você está dizendo? Que eu sou tipo uma Rosa Parks gay e branca?

O diretor Hawkins me lança um olhar.

— Hum, não. Eu definitivamente não estou dizendo isso.

— Você é a Emma Nolan gay e branca — Alyssa diz. — Você está liderando *esta* luta.

— Exatamente. E eu estou orgulhoso de fazer parte disso — o diretor Hawkins diz. — É muito melhor do que lidar com alunos viciados em metanfetamina.

Neste momento, Alyssa e eu inclinamos a cabeça para trás e falamos:

— O queeê?

O diretor Hawkins faz um aceno com a mão.

— Tenho um amigo diretor em Terre Haute. Ele só lida com maus cheiros e metanfetamina, o dia inteiro.

Por algum motivo, isso alivia o peso do momento, e eu rio mesmo sem querer. Apesar de tudo e de todos. Eu rio porque não uso drogas. Eu rio porque a cavalaria legal está chegando. Eu rio porque... porque preciso. Eu até me apoio em Alyssa. Só um pouco, só por um momento.

— Bom, eu ainda não uso metanfetamina. Mas vamos ver nos próximos dias.

— Nós vamos superar isso — o diretor Hawkins promete.

E então Milo Potts, tesoureiro da formatura, vem gritando pelo corredor. Tanto figurativamente – ele está correndo em velocidade máxima – quanto literalmente, sua voz falhando.

— Diretor Hawkins! Diretor Hawkins! Venha, rápido!

Com calma, o diretor Hawkins se aproxima dele.

— Vai ficar tudo bem, Milo. O que está acontecendo?

— Tem um monte de gente lá fora! — Milo grita. — Eles estão carregando cartazes por causa da formatura.

Ah. Merda.

A INVASÃO

ALYSSA

O problema chegou bem aqui, em Edgewater, Indiana. Esmagada entre três conjuntos de portas duplas que levam ao estacionamento, estou com Emma encarando os manifestantes lá fora.

Não somos as únicas. Parece que a maior parte da escola está espremida aqui com a gente. O espaço pequeno vibra como uma colmeia e está insuportavelmente quente com tantos corpos e tão pouco espaço. Além disso, o cheiro é como se metade das pessoas aqui tivesse acabado de sair da aula de educação física sem tomar banho. Mas temos que ficar apertados contra o vidro, porque não podemos perder o maior espetáculo já visto no ensino médio da Escola James Madison.

Do lado de fora, o diretor Hawkins está em pé no meio-fio, de costas para nós. Ele tem uma das mãos na cintura e a outra – estou chutando – posicionada na testa. Embora estejamos todos morrendo para saber o que está acontecendo lá fora, o diretor Hawkins nos disse para ficar do lado de dentro, e ele falou com uma voz de Pai Austero que faria a maior parte de nós se sentir realmente culpado por decepcioná-lo. Parece que centenas de

celulares estão ligados, todos virados para o estacionamento... e para os estranhos com placas de protesto que estão lá.

— Quem são essas pessoas? — pergunto em voz baixa.

Emma sutilmente enrosca o dedinho no meu e aperta.

— Eu não sei.

Ali perto, alguém lê uma das placas quando ela se vira na nossa direção.

— Ativista cantor dançarino com treinamento clássico?

— Mas o que...? — outra pessoa diz.

Eu estou sem palavras. Literalmente. Uma mulher de cabelo escuro carrega uma placa que diz ANNIE GET YOUR GIRL^[2], e a placa é a coisa menos impressionante dela. Seu cabelo é curto e liso e seu batom é um tom mais escuro que vermelho-sangue. Ela está vestindo um negócio meio macacão meio terninho do mesmo tom, e seus saltos são tão afiados que poderiam ser usados como espetinhos na feira da cidade. Quando se aproxima para conversar com o diretor Hawkins, ela fala com o corpo inteiro; ombros para trás, mãos gesticulando para o céu.

O que quer que ela esteja dizendo, o diretor ouve cada palavra. Ele parece uma mariposa presa na luz dela, concordando e concordando e concordando.

Atrás de nós, Nick e Kevin gritam:

— Avante! Avante! DOOOOOURADOS!

Todo mundo responde:

— BEEEEEEESOUROS, avante, avante!

Com essa demonstração de privilégio atlético, Nick e Kevin abrem caminho pela multidão. Braços para a frente, eles abrem as portas. E, como são os caras mais populares da escola, todo mundo vai atrás deles.

Na confusão, eu perco o dedinho de Emma e somos carregadas por portas diferentes. Eu nem tenho esperanças de voltar para ela até que todo mundo pare de empurrar.

— Ei — um cara grita —, é o sr. Pecker!

E... ele está certo! Meu queixo cai e eu fico encarando o homem parrudo com a placa NO MORE MR. NICE GAY^[3].

Ele é provavelmente da mesma idade que o diretor Hawkins, mas tem um rosto perfeitamente liso que é reconhecível no mesmo instante. Ele era

o vizinho estranho de *Fale com a minha mão*, a série a que todo mundo assistia no ensino fundamental.

Ele era tão popular que até fizeram episódios extras com ele na internet. Eles provavelmente ainda estão on-line, na verdade. Sempre que as crianças da série arrumavam problemas, ele aparecia do nada e tentava resolver tudo. Normalmente de formas que no fim explodiam na cara dele e ameaçavam a destruição de propriedades.

E agora ele está na Escola James Madison, em um terno cinza-prateado, carregando uma placa explicitamente pró-LGBTQ. Quando as pessoas o reconhecem – e dá para ver que elas reconheceram, porque de repente há um eco de “Pecker, Pecker, Pecker!” no ar –, ele joga a cabeça de leve para trás. Como se estivesse absorvendo a atenção, como se isso tivesse um efeito rejuvenescedor. A pele dele é *de fato* realmente lisa – então talvez tenha.

— Todos os alunos — o diretor Hawkins grita, sua voz ecoando sobre a multidão — devem voltar para suas salas imediatamente!

— Por quê? — explode a mulher morena. É impressionante, mas a voz dela ressoa melhor que a do nosso diretor. Ela é mais baixa que ele, mas de alguma forma comanda todo o espaço no pequeno círculo em volta deles. — Você tem medo de um pouco de verdade? Você tem medo que esses jovens de Indiana sejam expostos à... verdade?

O diretor Hawkins ergue as mãos.

— Não, é uma questão de seguran...

A mulher o corta.

— Senhor, eu sou a Dee Dee Allen, e o holofote só apaga quando eu quiser! Eu li três quartos de uma notícia sobre a querida Emma Nolan e soube que precisava vir!

Viro a cabeça tão depressa que acho que estalei algo na minha coluna. Do outro lado, Emma congela. Eu reconheço a expressão no rosto dela, a expressão de vou-fugir-porque-não-vou-lutar. De repente, está todo mundo olhando para ela. Não seria mais perfeito se tivesse sido ensaiado. O rosto de Emma está vermelho-vivo, e ela agarra o ursinho estrangulado nas mãos.

— Isso — Dee Dee Allen, a manifestante misteriosa, continua — é um ULTRAJE! Vocês agem como uma multidão de camponeses enfurecidos enquanto a pobre Emma tem seu coração partido! E deixa eu te dizer uma

coisa, eu fui a Madame Samovar em *A Bela e a Fera*, eu entendo de camponeses raivosos!

— Sra. Allen — o diretor Hawkins diz, mas ela o interrompe.

— A formatura deveria ser pra todos! Héteros e gays e LGBTQIA! E todas as outras letras que eu não conheço, mas que são igualmente dignas de amor.

Agora os garotos em volta de mim começam a se agitar, uma chaleira fervendo de indignação. As pessoas gritam de volta, mas é uma mistura de sons. O tipo de bagunça que sinaliza o início de uma revolta, na verdade.

Pequenas pontadas de pânico me atravessam. Eu não acho que algo realmente ruim vai acontecer, mas isso... isso dá a entender que algo ruim pode acontecer. Eu olho para Emma de novo. O rosto dela está tenso e ansioso. Eu sei que ela também sente o movimento da multidão. E ela sabe — *nós* sabemos — que se eles se voltarem contra alguém, será contra ela.

Sou a presidente do conselho estudantil. Tenho uma responsabilidade. A última coisa que quero é todo mundo me encarando e especulando sobre mim. Mas, na verdade, a última coisa que eu quero é que as pessoas machuquem Emma. Eles já a ameaçaram hoje; isso pode ser a fagulha que causa a explosão.

Sem pensar duas vezes, eu ajo. Pulando sobre os bancos de concreto, ergo as mãos. O mais alto que posso, grito:

— Avante! Avante! DOOOOOURADOS?!

E, como se estivesse gravado no DNA deles, meus colegas se viram para mim e gritam de volta:

— BEEEEEEESOUROS, avante, avante!

Agora que tenho a plena atenção deles, a sra. Allen e — eu odeio chamá-lo de sr. Pecker, mas não sei como dizer — o sr. Pecker parecem incrivelmente irritados. Eu não me importo. Eles não são meu problema. Meus colegas são.

Com todo mundo me olhando, tento não deixar o sentimento incerto no meu peito se espalhar. Um desmaio provavelmente acabaria com essa situação perigosa, mas bater de cabeça no cimento parece contraintuitivo.

Esfregando as mãos no meu jeans, digo:

— Essas boas pessoas, quem quer que elas sejam, têm direito à opinião delas. E... vocês também. Todo mundo deveria ser ouvido. As pessoas vêm

cochichando sobre a formatura há tempo demais. Como presidente do conselho estudantil, estou dizendo aqui e agora, vamos conversar. Estou oficialmente convidando todo mundo pra uma reunião no ginásio hoje à noite, às seis e meia, pra lidar com isso de uma vez por todas.

Eu tenho certeza absoluta de que ouço a sra. Allen resmungar “quem é essa garota?”, mas não me importo. O olhar de Emma cruza com o meu e então ela acena com o dedão por cima do ombro. Ela não é burra – vai sair daqui antes de se machucar. Como todos os olhos estão voltados para o estacionamento, Emma sai despercebida para dentro da escola e some de vista. Eu não sei se ela vai faltar o resto do dia e não preciso saber. Para onde quer que ela vá, estará segura, e isso é o que importa.

Minha boca seca instantaneamente, mas eu aceno para nossos manifestantes.

— Sra. Allen, sr... — Eu não quero dizer *Pecker*.

Elegantemente, o homem faz um floreio com a mão e projeta:

— Glickman. Barry Glickman, estrela do palco e das telas!

— Obrigada, sr. Glickman. Você e a sra. Allen são bem-vindos hoje à noite. — Eu me viro para os alunos, que estão me encarando, e não consigo entender a expressão deles. Seus rostos estão animados, mas sem foco. Eu estico os braços na direção deles.

— Todos vocês estão convidados. Assim como seus pais. Todo mundo tem voz. Essa é a nossa escola. Nós *vamos* protegê-la. Mas essa também é nossa comunidade, e nós *vamos* respeitá-la. Inteira.

Agora que o feitiço se quebrou, o diretor Hawkins põe a mão sobre o braço da sra. Allen – uma mão bem familiar, na minha opinião. Mas ele reconquista a autoridade e o olhar que faz até o mais durão dos alunos tremer.

— Obrigado, srta. Greene! Agora que marcamos um horário pra discutir a questão, essa reunião acabou. Todo mundo, e isso quer dizer *todo mundo*, precisa voltar para a aula imediatamente.

— Mas, Tom — a sra. Allen diz, usando o primeiro nome dele como se fossem velhos amigos, preocupação estampada no rosto dela. — Nós nem vimos a garota!

— Mais tarde — o diretor Hawkins diz a ela.

Meus colegas se separam e voltam devagar para dentro. Lentamente, porque nunca se sabe quando mais alguma coisa vai acontecer, mas eles se

movem. Eles se arrastam até não ter sobrado ninguém do lado de fora além de mim, o diretor Hawkins e alguns estranhos com placas de protesto.

Emma se foi. Há bastante tempo. E, embora eu tenha parado o tsunami humano que ameaçava afogá-la, a culpa mastiga meu estômago. Eu poderia ter feito mais. Ou melhor. Ou algo. Porque agora que a onda de adrenalina está diminuindo, percebo subitamente o que eu de fato fiz.

Eu convidei todo mundo em Edgewater a testemunhar no julgamento de Emma, a bruxa.

Ah, não.

Um pouco tonta, afundo para me sentar no banco, em vez de descer e ter que continuar de pé. O diretor Hawkins troca mais algumas palavras em voz baixa com a sra. Allen e o sr. Glickman e então vem até mim.

Embora eu nunca tenha tido problemas ao longo dos meus quatro anos de ensino médio, me encolho um pouco quando ele se aproxima. Para minha surpresa, ele se senta ao meu lado e põe a mão no meu ombro.

— Você demonstrou uma capacidade de liderança incrível agora, Alyssa.

Em uma voz fraca, pergunto:

— Eu não piorei as coisas?

— Não — ele diz. Sua voz é calorosa, baixa e reconfortante. — Eu acho que você fez o que deveríamos ter feito há semanas. Você tirou isso das sombras. Você está insistindo para que lidemos com isso com civilidade e discutamos a questão como seres humanos.

Olhando por cima dele, vejo a sra. Allen e o sr. Glickman em sua própria roda de discussão. Para o diretor Hawkins, e só para ele, eu admito:

— *Eles* forçaram a questão. Eu só queria acalmar todo mundo.

— E você não acha que isso valeu a pena?

Por um momento, fico quieta. Finalmente, eu sacudo a cabeça.

— Sim, eu acho.

— Não deixe que o perfeito seja o inimigo do bom, Alyssa. Cada passo que damos na direção do melhor é um passo na direção certa.

Neste momento, consigo ouvir Emma fazendo uma piada sobre como isso parece uma frase de cartão. Mas também rindo da sinceridade dele — não de uma forma cruel, só incrédula. Surpresa que qualquer um possa ser tão otimista, tão cheio de esperança.

Eu não acho engraçado, porém. Essas palavras encontram um lugar dentro de mim, bem entre as minhas costelas, a ponta de sua flecha roçando meu coração.

Não deixe que o perfeito seja o inimigo do bom.

Não perfeito. Apenas bom.

Uau.

PROBLEMAS DE BRUXA

EMMA

Geralmente, voltar para a escola depois que o dia terminou não está na minha lista de coisas divertidas a fazer.

E ainda não está. Nan e eu estacionamos na escola às quinze para as seis na esperança de que eu possa encontrar Alyssa e conversar com ela primeiro. Mas isso não vai acontecer, porque um verdadeiro mar de pessoas sai de um ônibus que diz BROADWAY PELOS ESTADOS UNIDOS na lateral. Eles têm placas, eles vestem cores vibrantes e eles têm cabelos de tamanhos inapropriados para homens e mulheres por aqui.

Cruzando o estacionamento, eles marcham para a única porta iluminada na escola escura: aquela que leva para o ginásio. Suas vozes ecoam no céu noturno, cantando pedaços de musicais que eu não reconheço e murmurando cadências que eu conheço. Eles estão aqui, eles são *queer* e eles estão cordialmente convidando as pessoas da minha escola a superarem isso.

Eles se chocam com os Pais Extremamente Raivosos da Escola James Madison na calçada, misturando-se como um violento *smoothie* que

ninguém em sã consciência ia querer provar. Eles criam um gargalo na porta, com pessoas aleatórias sendo lançadas para dentro. Os pais gritam para as pessoas da Broadway irem para casa e, *melhor ainda*, para voltarem para o lugar delas. Bem na frente dos repórteres, que completam a movuca.

Estacionadas perto da calçada estão duas novas vans: uma de Evansville, que não é longe daqui, e uma de Indianápolis, que não apenas é longe como também é a *capital* do estado. Eles têm luzes e filmadoras, complementando os repórteres com câmeras que tentam pescar as pessoas para fora da corrente para darem depoimentos.

O sr. Thu e o sr. Gonsalves, os seguranças da escola, estão fazendo o que podem para manterem as pessoas calmas. A forma como eles suavemente mandam todo mundo para dentro resulta em um processo tão gracioso quanto encher um caminhão de gado. O que significa: as pessoas estão andando, mas ainda é confuso.

Nan e eu ficamos um pouco para trás. Ela pega minha mão, firme e forte.

— Aposto que agora eles queriam ter te deixado ir à formatura em paz, hein?

— Eu estou começando a desejar que tivéssemos ido com garotos e largado eles depois de chegar lá — respondo. Isso só é uns 15% verdade. Talvez 25. O número sobe e desce a cada passo que dou. Vozes raivosas saem do ginásio. A reunião só deve começar daqui a meia hora, mas já está um caos quando entramos lá.

As cadeiras dos dois lados do ginásio estão abertas, mas quase ninguém as está usando. As pessoas da Broadway sacodem suas placas de um lado, e o único morador local com eles é nossa anarquista/gótica residente, que está sempre do lado que causa mais problemas. Ela organizou uma campanha no conselho estudantil com o slogan *Acabe a Tirania das Batatas Fritas no Almoço* (ela perdeu).

Os cidadãos locais sacodem seus sininhos (dez dólares cada, vendidos em livrarias ou na bilheteria de qualquer jogo dos Besouros Dourados) com raiva do outro lado. Eles não cantam. Mas gritam tão alto com as pessoas da Broadway que as veias em suas testas coletivas saltam em um ritmo sincopado.

Nunca perdi muito tempo imaginando que imagem teria o som. Maaaas, acabei de entrar em *Cacofonia*, quadro de Hieronymus Bosch, guache sobre tela, 2019.

Meus dedos formigam. Meus pés também. Algo pesado martela minhas costelas pelo lado de dentro, e então se bate contra meu crânio. Eu posso estar tendo um infarto. Ou um derrame. Ou os dois! Isso provavelmente me tornaria um milagre da medicina moderna, algo bem mais digno de nota do que se apaixonar por uma garota e querer ir com ela à formatura.

Alyssa, a minha Alyssa, está ao lado do diretor Hawkins. Seu cabelo escuro cai em uma cascata perfeita pelos ombros. Ela está usando a mesma roupa que usou no Modelo da ONU, um blazer cinza, uma saia-lápis e sapatos altos de verniz preto. Ela parece tão profissional ali em cima, tão bem-sucedida.

E, ainda assim, ela pega um megafone e encara a bagunça que a reunião dela já se tornou. Há desespero em seus olhos e decepção em seus lábios coral. Quando ela me mandou mensagem sobre isso, ela fez parecer uma tarde de chá. Todo mundo reunido para discutir respeitosamente se eu mereço ou não direitos civis. Quer dizer, ela não falou *assim*, mas a ênfase foi em como seria organizado.

Bom. Isso é superorganizado, se você curtir uma guerra territorial. Do lado esquerdo, os Sharks com seus cartazes. Do lado direito, os Jets com seus sinos. Nada de armas, nem facas, mas não se engane, não vai haver sobreviventes.

Finalmente, Alyssa percebe algo muito importante. Ela tem o megafone. Ela mexe nos botões e subitamente uma sirene alta enche o ginásio. O som ecoa pelas paredes de concreto e pelo chão de madeira, e as pessoas provavelmente ainda vão ouvi-lo ressoar daqui a duzentos anos.

Mas funciona, e as pessoas ficam quietas.

Alyssa ergue o megafone e fala:

— Obrigada a todos pela presença nessa reunião. Meu nome é Alyssa Greene e eu sou a presidente do conselho estudantil.

A sra. Greene sequestra o megafone e grasna nele:

— E eu sou Elena Greene, a presidente da Associação de Pais e Mestres! Estou aqui pra representar os pais desta comunidade. Eu escutei suas preocupações e as tomei como minhas. Juntos, nós estabelecemos

regras para a formatura deste ano! Regras que afetam a todos, não apenas Emma Nolan!

Agora, eu conheço a sra. Greene. Ela está acostumada a ter a última palavra em tudo. Cubro minha boca para não rir quando Dee Dee Allen estica o braço pelo corredor e rouba o megafone dela:

— Ah, vocês estabeleceram *regras*, foi? Eu sei o que está acontecendo aqui e, francamente, estou chocada!

É horrível de uma forma muito real e concreta que todo mundo esteja neste ginásio porque eu quero uma noite com a minha garota. Mas também é muito gratificante ver alguém enfrentar a sra. Greene por mim.

O diretor Hawkins pega o megafone gentilmente. Ele acena para acalmar as pessoas, encorajando todos a se sentarem. Nan e eu nos sentamos justamente perto das pessoas protestando contra a minha existência, só porque pareceu que seria esquisito sentar com estranhos. Mas é esquisito aqui também. O efeito Moisés ainda está funcionando. As pessoas deslizam para longe de mim nas cadeiras, criando uma pequena ilha. População: Nan e eu.

— Obrigado a todos pela presença — o diretor diz. — Obrigado a todos pela preocupação. E obrigado a Alyssa Greene por tomar a iniciativa e o controle dessa situação. Ela é uma jovem notável e o tipo de líder que torna a James Madison mais forte. Com vocês, Alyssa Greene.

Educadamente, as pessoas aplaudem. E dá para ver que é só por educação, porque vozes resmungam e guincham nas arquibancadas. Cada lado fala consigo mesmo. Todo mundo só está esperando sua vez de falar. Eu chuto que ninguém vai se ouvir esta noite. Mas, ei, minha cidadezinha que recebeu o horário de verão como se fosse obra do demônio pode ficar à vontade para me surpreender.

Alyssa agradece o diretor Hawkins. As mãos dela tremem — consigo vê-las daqui. Eu queria poder segurá-las entre as minhas e acalmá-las. Queria poder sussurrar no ouvido dela o quanto ela está prestes a ser gigante. Este momento é gigante, não porque ela é assumida — mas porque ela *não* é.

Ela está arriscando tudo com a mãe dela para ficar do meu lado, está arriscando se expor a todos na escola. Sim, eu quero que as pessoas saibam que estamos apaixonadas, mas agora, eu só queria que eles apreciassem o quanto ela é corajosa.

— Alunos, pais, convidados — ela diz.

De início ela está rígida, olhando vagamente para a frente. Mas, conforme prossegue, ela se aquece e suaviza. Ela olha de um lado para o outro, até se move entre eles enquanto fala.

— A formatura é um momento de celebração pra cada estudante do ensino médio da Escola James Madison. É a comemoração das nossas conquistas e do nosso potencial no momento em que damos um passo em direção ao nosso futuro. É uma comemoração pra todos nós. *Todos*.

A sra. Greene dá um salto. Ela não precisa de um megafone para ser ouvida agora que a multidão se aquietou.

— Eu quero lembrar a todos que a festa não é um evento organizado pela escola! O diretor Hawkins se recusa a patrocinar a festa...

— Não cabe no orçamento — o diretor Hawkins acrescenta. — Nossos livros têm dez anos de idade e nossa tecnologia ainda mais!

Como se ele não tivesse dito nada, a sra. Greene prossegue:

— Esse é um evento social que *nós*, os *pais*, organizamos e, sendo assim, temos o direito de decidir quem vai ou não vai! Nós não vamos deixar que o governo ou a ACLU nos diga o que fazer!

— Nós não somos a ACLU — Dee Dee grita. Ela acena para a trupe atrás dela. — Este é o elenco de *Godspell* em turnê e...

— Meu filho não será forçado a ir a uma formatura homossexual! — uma mãe grita, cortando Dee Dee.

— Não é uma formatura homossexual — Alyssa diz. — É uma formatura inclusiva!

— Haverá homossexuais nela ou não?

— Sim — Alyssa concorda.

Barry “sr. Pecker” Glickman surge, largando sua placa.

— E daí se houver? Não há nada de errado em ser gay. Olhem pra mim! Eu sou um ator reconhecido internacionalmente, um ganhador do Drama Desk, e tão gay quanto um balde de perucas!

Um pequeno grito enche a sala. Tipo, literalmente, um grito coordenado de horror. Edgewater fica no meio do nada, mas não é como se fosse o século XIV ou coisa assim. *Drag Race* também passa aqui.

E há pessoas silenciosamente gays na cidade. Gays que “dividem o apartamento com um colega” ou têm “amigos” cujas mãos não pegam em público e que definitivamente não foram se casar quando Indiana se

juntou ao restante do país (em último) e legalizou o casamento homoafetivo.

Mas em nenhum lugar de Edgewater – tipo, nunca – alguém se levantou no meio de uma assembleia escolar e gritou que era gay.

Nunca.

Na verdade, acho que eu mesma nunca disse dessa forma. No meu canal, eu disse que estava apaixonada por uma garota. Para os meus pais, não precisei falar nada, nem para a minha avó. Nem para... uau. Eu saí do armário no primeiro ano, mas literalmente nunca contei a ninguém que era gay. E, agora que ouvi esse grito coletivo, talvez nunca o faça.

Barry vai até o centro do ringue e olha em volta.

— Emma! Cadê você?

O banco não faz o que seria conveniente, que é se afundar em um buraco e me levar junto. Todo mundo está olhando ao redor e não é como se eu pudesse fingir ser outra pessoa além da lésbica em questão. Afinal, eu sou a única garota aqui usando flanela xadrez e sapatos duráveis. Lentamente, eu ergo a mão.

Jogando-se na minha direção, Barry abre os braços.

— Olhem essa pobre criatura! Definhando sob o peso do julgamento de vocês! As críticas de vocês! Suas roupas com desconto!

Inspirada, Dee Dee dá um salto à frente. Na verdade, ela salta de um jeito que não sei se não foi ensaiado.

— Nós não viemos aqui fazer uma cena! — A cabeça dela gira e ela fala com Shelby, que ergueu o celular para capturar toda a ação. — Querida, se você vai tirar fotos, use a *hashtag* #broadwayinvadeaformatura, #DeeDeeAllen, #nofilter...

— Isso não tem a ver com a gente — Barry diz, passando um braço em volta de mim. Ele é sólido e *forte*. E também cheira a sabonete bem caro. Ele se vira para a maior parte da turma do último ano, seus pais e dois repórteres para declarar:

— Isso tem a ver com vocês, com abrir suas mentes pequenas e estreitas!

O pai do Nick – reconhecível porque está usando a camiseta do time com o nome do filho, sem brincadeira – se levanta e grita:

— Quem você pensa que é?

— Nós — Barry diz e, juro por Deus, coloca a mão sobre o peito como se fosse um juramento oficial — somos atores liberais de Nova York!

Eu me inclino e sussurro para Nan:

— Por que ele não disse logo Satã e seus minions?

— E nós representamos a liberdade e a justiça pra todos — Dee Dee acrescenta. — Estamos aqui pelos Estados Unidos!

— Aqui não é os Estados Unidos — a sra. Greene diz. — Aqui é Edgewater, Indiana! Nós temos valores morais aqui. Temos uma forma de vida da qual nos orgulhamos! Nós acreditamos em Deus e na pátria e acreditamos que existe o certo e o errado!

Antes que isso acabe em uma rinha entre a sra. Greene e Dee Dee — e, sinceramente, parece que isso ainda pode acontecer — o diretor Hawkins entra no meio delas.

— Senhoras, senhoras, podemos, por favor, só por um momento, ouvir a pessoa mais afetada por isso?

Como é que é?! Eu não vim aqui para falar! Eu vim porque Alyssa pediu e porque eu estava curiosa sobre os manifestantes. Porque foi meio que legal ver que havia mais pessoas do meu lado além da minha avó, da minha namorada e do diretor. Uma coisa é falar com meu canal do YouTube. Os comentários são legais, focam no meu trabalho com a música e estão bem seguros do outro lado da tela. Eu não quero me levantar e falar com pessoas que parecem prestes a me morder se não achassem que ser gay fosse algo contagioso!

O diretor Hawkins reconquista o megafone e se aproxima de mim.

— Esta é Emma Nolan. Ela esteve entre os melhores alunos todo semestre desde o primeiro ano. Ela é uma musicista talentosa e foi uma estudante modelo durante quatro anos. Emma é James Madison, e agora ela gostaria de ir à formatura. Emma, você pode nos dizer o que isso significa pra você?

Eu sinto o fogo de mil olhares sobre mim. Eu sinto o peso de mil igrejas sobre mim. Eu sinto o aperto esmagador de um ator no meu ombro.

Meus pais não estão aqui, eles me colocaram para fora de casa. Mas todos os outros pais estão aqui no lugar deles. Eles me encaram com uma expressão fechada. Os olhos deles são cinzentos e raivosos. Suas mãos estão apertadas, tão apertadas que os nós dos dedos estão brancos. O

diretor Hawkins não consegue ver o quanto eles me odeiam? Ele não percebe que não importa o que eu diga?

Aparentemente não. Ele fica parado ao meu lado e olha para mim com expectativa. Barry me dá uma sacudida encorajadora. Roubo um olhar na direção de Alyssa, mas não posso sustentá-lo. A mãe dela está aqui. A cidade está aqui. Eu não estou sozinha agora, mas neste segundo, é como me sinto.

Minha voz treme quando falo no megafone. E se segurem, vocês nunca vão acreditar na coisa incrível e inspiradora que eu falei. Estão prontos? Aí vai:

— Eu só quero ir à formatura como todo mundo.

É a coisa menos profunda que eu poderia dizer. Ao mesmo tempo, eu poderia ter jogado uma colmeia no meio de um salão de beleza. Os gritos. Meu Deus, os gritos.

— Você não pode nos forçar a ter uma formatura homossexual!

— Ela está aqui! Ela é *queer*! Acostumem-se!

— Esta escola não pode sancionar discriminação!

E, mais uma vez, é todo mundo gritando e ninguém ouvindo. Enquanto os observo atacando uns aos outros – e algumas pessoas da Broadway começando a cantar partes de *Hamilton* – eu apenas olho. Tudo isso por minha causa. Eu sou a semente do caos. Droga, talvez eu seja a trombeta do apocalipse.

O hilário é que, se eu for mesmo, isso significa que literalmente ninguém na minha cidade foi chamado para estar com Jesus. Todos eles ficaram para trás.

Uma risada histérica escapa de mim, projetada pelo megafone. Afastando-o, sacudo a cabeça. Eu acho que digo *obrigada* a Barry e *desculpe* para o diretor Hawkins, mas sumo pela porta lateral e saio para o ar fresco da noite. Por mais legal que seja finalmente ter pessoas do meu lado, eu preciso sair daqui. Tirando o celular do bolso, mando uma mensagem para Alyssa:

Então, isso foi bem divertido!

Ela me responde imediatamente:

Eu sinto muito.

Eu também. Mas guardo isso para mim mesma.



ALYSSA

A volta para casa da reunião não acontece em silêncio. Eu quase desejo que acontecesse. Seria bem mais fácil sentar ao lado de uma mãe que fica brava em silêncio. Seria bem mais fácil acreditar que eu não a decepcionei de todas as formas possíveis.

— E o que foi aquilo de *a formatura é uma comemoração pra todos*? Sinceramente, Alyssa, eu te criei melhor do que isso.

— Na verdade — digo —, você me criou pra ser uma mulher forte. Pra lutar pelo que acredito.

— Eu te criei pra ser uma boa cristã!

Meu estômago dói e ele diz ao meu cérebro para ficar quieto. *Ficar quieto não é concordar*, ele implora. Thomas More morreu para provar isso. Mas, pensando bem, Thomas More *morreu* para provar isso. Eu resmungo:

— E acho que é isso que estou sendo. Ame ao próximo como a ti mesmo?

Minha mãe se vira para me olhar com tanta força que eu acho que o pescoço dela estala. Há uma fúria em seus olhos que queima até as pontas

de seu cabelo escovado e ameaça saltar para fora e começar um incêndio. Cada palavra que sai de sua boca é brasa pronta para acender.

— Eu não estou te dizendo pra odiar a garota. Odeie o pecado, ame o pecador. Seria amar o pecado encorajá-la a desfilarmos pela formatura com alguma garota de fora da cidade. Especialmente depois que ela arrastou esses doidos de Nova York até aqui pra nos envergonhar...

— Ela não os convidou, mãe!

Tremendo de raiva, minha mãe agarra o volante e enfia o pé no acelerador. Nosso carro também treme, quando chegamos a 120 km/h. Ele tem doze anos de idade e já está no seu terceiro conjunto de pneus. De alguma forma, minha mãe consegue explodir de raiva e ainda dirigir em linha reta.

— Ah, não venha com essa, Alyssa. Ela implorou pra que gente de fora se envolvesse nisso quando fez piada com as nossas regras na internet!

— Porque vocês criaram as regras só pra impedir que ela fosse à festa! É uma pessoa, mãe. Qual o problema?

— Qual o problema? Todos! Você não pode comprometer seus valores ou você compromete quem você é! Se deixarmos essa garota ir à formatura, então o quê? Meninos se vestindo de meninas pra entrar no banheiro? Um pecado leva ao outro, e isso leva à danação!

Eu tremo quando ela diz essas coisas porque... Olha, eu sempre soube que ia ser difícil para minha mãe eu ser *queer*. Mas eu não sabia o quanto era profundo o... Não quero chamar de *ódio*. Não quero chamar minha mãe de homofóbica ou transfóbica, mas Deus, está tudo bem ali.

— Nada disso vai acontecer! Deixar os gays em paz não machuca *ninguém*.

— Ah, não? — ela responde, furiosa. — O casamento gay é legalizado e de repente seu pai vai embora?

— Ele foi embora por causa de uma garota do tempo do Kansas!

— Depois que a Suprema Corte disse a ele que os laços do casamento não importam! Eles nos fizeram comprometer nossos valores, e uma exceção leva a... Alyssa, um dia você vai entender. Você está em um lar desfeito agora. Você está confusa.

— Mãe, eu não estou confusa.

Ela dispensa isso com um gesto de mão, a racionalização e negação fazendo hora extra.

— Tudo bem. Quando seu pai voltar, nós vamos ao aconselhamento da igreja. O pastor Jimenez é um homem maravilhoso, vai ser bom pra todos nós. Você vai ver.

Eu esfrego meu rosto com as duas mãos. Estou tentando tanto manter minha mãe inteira. Mas está começando a parecer que mantê-la inteira está me partindo em pedaços. Meu pai não vai voltar, e não posso nem ter raiva disso. Ela não me dá espaço para respirar, para sentir *meus próprios* sentimentos por ele ter começado uma nova família. Ele me substituiu por um bebê novinho em folha e só sei disso porque o primo dele me mandou mensagem no Facebook!

Em vez disso, preciso gastar todo o meu tempo fazendo *ela* se sentir melhor, evitando que *ela* tenha mais decepção ou sofrimento. Faltam três meses para eu completar dezoito anos, quatro meses para ir para a faculdade. Se até lá ela não tiver superado isso, essa *obsessão* com a perfeição, essa certeza de que pode ajeitar tudo e que meu pai vai voltar correndo, eu vou continuar alimentando-a?

Ou serei como a querida sra. Reynolds, que vende tomates em uma mesa na frente do seu quintal e finge que a sra. Gloria não é a companheira dela? Eu vou pedir a Emma para mentir pelo resto da vida, só para estar comigo?

Emma está pronta para parar de mentir *agora*. Quanto tempo até ela decidir que eu não valho essa briga?

Por quanto tempo a felicidade da minha mãe tem que vir antes?

Engolindo em seco, olho para os campos que amo, recém-plantados para o ano. As fileiras são tão organizadas, tão em ordem. Não são nada além de linhas desenhadas na terra, mas em algumas semanas vão anunciar a primavera com brotos novinhos.

Vida nova, verde novo se espalhando em todas as direções. Eu quero ser parte desse padrão ordenado. Eu quero me encaixar, na minha cidade, na minha casa. E eu quero isso como eu *sou*. Não como mamãe quer que eu seja.

— Nós podemos ir para o aconselhamento o quanto você quiser, mãe, mas eu não vou mudar de ideia sobre isso. A formatura deveria ser pra todos.

Minha mãe projeta o maxilar para a frente. Ela sempre faz isso quando está remoendo um problema e tentando resolvê-lo.

— Eu não sei de onde você tirou essa ideia absurda, Alyssa.

— Eu fiz um juramento — digo com firmeza. — Eu sou presidente do conselho estudantil. Não presidente dos alunos que eu escolher. Eu não achava que os jogadores de basquete precisavam de uniformes novos este ano, mas votei neles mesmo assim. É importante pra eles! E isso é importante para a Emma.

— Emma, Emma, Emma — minha mãe implica, acenando com a mão.

— Ela deve estar adorando toda a atenção. Esse tipo de gente adora isso. Quer dizer, veja a cena horrível desta noite!

— Mas isso foram eles, não ela.

— Foi *por causa* dela, então qual a diferença? Você nunca vai me convencer de que ela não orquestrou isso!

Eu não me lembro de algum dia já ter erguido a voz para minha mãe, então nós duas ficamos chocadas quando grito com ela.

— Isso nunca teria acontecido se não tivesse algo pra ser protestado! E eu aposto um milhão de dólares com você que eles vão *continuar* protestando até que *a gente* mude!

— Alyssa, chega!

A voz da minha mãe é como uma lâmina. Ela corta no meio de nós duas, acabando com toda a conversa no carro. O verniz de perfeição dela falha, revelando todas as rachaduras por baixo. Ela está bem perto de estourar. Nós passamos por um semáforo. O rosto dela brilha verde por um momento e então fica escuro. E, quando a escuridão vem, tudo volta para o lugar.

— Então, me conte sobre esse John Cho — ela diz, como se não estivéssemos discutindo agora mesmo. Como se ela pudesse apertar o *reset* nas nossas vidas e seguir em frente para uma direção mais agradável. — Se você o conheceu no Modelo da ONU ele deve ser inteligente. Não tão inteligente quanto a minha bebê, mas ainda assim esperto.

— Mãe — digo como um aviso.

— Você tem que tomar cuidado — ela continua. — Garotos não gostam quando você é *muito* inteligente. Mas olhe pra esse rosto. Esse lindo rosto. Isso vai distraí-lo toda vez.

— Mãe, eu desmarquei, o.k.? Você mudou as regras sobre pares externos, então eu desmarquei.

Com uma expressão de pura incredulidade, minha mãe grita:

— Alyssa, meu amor! Por que você faria uma coisa dessas? Eu disse que não valia pra você.

— Deveria valer — digo sem expressão.

Está escrito no rosto dela: isso estraga tudo. Há uma noite perfeita esperando para acontecer, e ela precisa acontecer comigo nos braços do meu par. Por um momento, parece que ela vai chorar. Mas então ela encontra alguma fonte de força e afasta essa barreira como uma mosca irritante.

— Ainda há tempo. Ligue pra ele! Ei, quer saber? Eu estou tão feliz que fomos a Edinburgh comprar seu vestido. Você vai ofuscar todo mundo lá. É só uma pena você ter se recusado a concorrer como rainha. Agora a Kaylee provavelmente vai ganhar, e ela não tem nem metade da sua beleza.

Com cuidado, pergunto:

— Isso quer dizer que a formatura não foi cancelada? De verdade?

A risada da minha mãe, leve e fresca, enche o carro. Ela olha para mim, seu sorriso perfeitamente afixado, seus dentes perfeitamente brancos. Ela é tão perfeita que soa como a fada madrinha em um filme da Disney quando diz:

— Como se eu fosse tirar a festa de formatura da minha própria filha.

Hesitante, olho para ela. Ela mudou de ideia? Eu não sei por que, mas tenho medo de perguntar. Seria uma notícia tão boa ela ter decidido simplesmente ceder. Mas eu honestamente não sei dizer se ela se rendeu, ou se apenas rompeu permanentemente com a realidade. Eu não digo nada.

Mamãe se estica para pegar minha mão e apertá-la.

— Eu adoraria tirar fotos na frente da lareira e sob o carvalho com o balanço. Ele é mais alto que você? Se não for, tudo bem. Você pode pôr os saltos depois. Você sabe que horas ele vai te buscar?

— Mãe, eu disse que desmarquei — digo, domando minha voz para soar normal, como se qualquer coisa aqui fosse normal. — Ele não vai mais.

— E eu disse pra você ligar pra ele — ela retruca, remexendo-se alegremente em seu lugar.

Eu começo a discutir. Então percebo que é bobagem discutir por causa do calendário social imaginário do meu acompanhante imaginário. É mais fácil ficar quieta e incomodada e só agradecer minha mãe com o aceno de

cabeça que ela quer. Não muda nada, mas traz um pouco de paz para a viagem até em casa.

Por enquanto, paz está de bom tamanho.



EMMA

Por alguma razão, Nan quer falar com o povo da Broadway.

Então nós seguimos o ônibus deles até o Comfort Inn na beira da estrada. Fico aliviada por eles não terem acabado no Knights Inn, do outro lado da estrada. Aquele cobra pela hora, os caminhoneiros adoram.

O ônibus está na parte de trás do estacionamento e metade do elenco de *Godspell* está reunido em grupos do lado de fora. Dois dos caras estão enrolados nos braços um do outro – e eu não acho que eles estejam tentando se aquecer.

Passando no meio deles, observo impressionada quando uma das garotas pega seu pé pelo calcanhar e o ergue acima da cabeça. Ela apenas se equilibra ali no outro pé, arqueando as costas e prosseguindo com a conversa ao mesmo tempo.

— Guarde seus olhos de volta no lugar — Nan diz, achando engraçado, e me empurra para dentro. O hall é mais do mesmo, mas dessa vez com

um cara sentado no colo de uma garota no sofá em frente à porta e conversas animadas explodindo perto dos carrinhos de bagagem.

Mas nós estamos aqui atrás de duas pessoas específicas da Broadway: os que estão parados no balcão da recepção. Nan acena e chama:

— Sr. Glickman! Sra. Allen!

Barry para no meio de um monólogo dirigido ao recepcionista do hotel — surpresa, surpresa, não há sauna ou serviço de quarto no Comfort Inn de Edgewater, Indiana. Além do mais, não há suítes. Quer dizer, o lugar só tem três andares, o que eles esperavam? Ele alisa a frente de seu blazer e anda na nossa direção.

— Emma, querida! — ele diz e, em vez de apertar minha mão, a captura entre as suas e aperta. Talvez tenha acontecido até uma pequena mesura. Eu não tenho certeza. — O que vocês estão fazendo aqui?

— Nós queríamos agradecer a todos vocês — Nan diz. Ela dá um leve passo à minha frente, uma minúscula barreira de proteção. — *Eu* quero agradecer a vocês, por virem até aqui pela minha Emma. Ela teve uma safra difícil nos últimos anos.

— Metáforas da roça — Dee Dee diz, virando sua mala de rodinhas e abaixando a alça com precisão —, que encantador!

Barry solta minha mão e acena com a cabeça.

— Eu não fui à minha própria formatura. O.k., correção, eu fui a catorze formaturas, só não à minha, e eu...

— Nós — Dee Dee interrompe.

Barry lança um olhar para ela.

— Nós não poderíamos permitir que isso acontecesse com você. Não a essa altura.

— É duro lá fora pra essa garotinha — Nan diz, bagunçando meu cabelo como se eu tivesse dois anos. Levemente envergonhada, me afasto. Se o próximo passo for ela apertar bochechas, vai ter que ser as de Barry. Quem sabe? Pode ser que ele goste.

— Eu só não entendo por que isso é um problema tão grande — digo.

— É ignorância — Dee Dee anuncia com certeza. — É ignorância provinciana! Esses plantadores de trigo não aprendem porque não *querem* aprender.

Embora no geral eu odeie morar aqui, meus pelos se eriçam. Dee Dee é de Nova York, um mágico reino de fadas onde aparentemente você pode

ganhar a vida fingindo ser outras pessoas no palco e transporte público de fato existe.

Ela está aqui falando sobre ignorância quando nem sabe que não temos trigo em Indiana.

Nós não plantamos trigo aqui. Sem trigo. Nós plantamos milho e soja; somos leiteiros e criadores de porcos. (Também exportamos calcário e gás natural. De nada.) Seria uma coisa se ela tivesse nos chamado de caipiras. Isso somos, de fato. Mas falar sobre trigo? Isso não.

E eu nem acredito que estou mentalmente defendendo este lugar, mas estou. Eu moro aqui. Eu conheço todos os nossos defeitos. Se eu quiser falar mal daqui, bom, pode trazer o frango com macarrão em cima do purê de batata, porque eu vou. Mas eu falo mal *corretamente*. Dee Dee, no entanto, está prestes a ter sua atitude ajustada, cortesia desta pequena caipira gay.

— Posso roubar esse adorável docinho por um minuto? — Barry pergunta.

Nan dá uma olhada nele, então olha para mim. Tocando o nariz, ela aponta:

— Fiquem na minha vista o tempo todo.

Bom, já era dar uma lição em Dee Dee. Eu ainda estou me coçando para responder, mas meu mau humor cede quanto mais nos afastamos dela. Barry e eu acabamos em poltronas verdes iguais ao lado da mesinha de biscoitos – depois que ele enxota alguns garotos do coro para longe. Eles o olham como se ele fosse um deus. Eu chutaria um romano, que gosta de banquetes e bebidas.

Uma bandeja de cookies de chocolate e amendoim está embaixo de uma placa que diz que qualquer um pode ficar à vontade para pegar um. Não há pegadores, porém. Se você quiser um, pegue com suas mãos sujas como todo mundo.

Apesar disso, Barry pega um cookie e o quebra no meio. Ele me oferece metade e me dá um sorriso simpático.

— Eu já estive exatamente onde você está — ele diz, e os olhos dele são bondosos quando olha na direção de Nan. — Quer dizer, pelo menos você tem sua mãe.

— Na verdade — digo a ele —, essa é minha avó. Ela me acolheu quando minha mãe e meu pai me expulsaram.

— Como *isso* aconteceu?

— Nan diz que ela deve ter derrubado o papai de cabeça vezes demais quando ele era criança. — Eu dou de ombros e ofereço um sorriso cúmplice.

Mas, em vez de rir comigo, Barry resmunga um som consolador. A dor no rosto dele é tão real e presente que meus olhos lacrimejam. Ele ainda é o sr. Pecker na minha cabeça, mas uma versão melhor dele. Doce, sincera.

Abandonando sua metade do cookie, ele apoia o queixo na mão e diz:

— Isso é duro, menina. E... eu também passei por isso.

— Sinto muito.

— Eu também. — Ele olha ao longe, mas então cai de volta no presente. — Mas estou aqui pra te dizer, pessoas como nós? Nós podemos escolher nossa família. E quando vemos um ao outro, do outro lado de uma sala, ou do outro lado do país, nós nos importamos. Em vez do tio que conta piadas racistas no Dia de Ação de Graças, você tem a mim agora.

— O tio que protesta na minha escola?

— Querida, a tia que vai mudar sua vida. — Com um floreio, ele sorri e estala os dedos.

Ele é de verdade a pessoa mais gay que eu já conheci, e já cheguei bem longe com a minha namorada. Eu acho que deveria dizer que ele é a pessoa mais estereotipicamente gay que já conheci? Ele é a maior rainha que já conheci? Eu não sei!

Posso estar deixando à mostra minha homofobia internalizada neste momento. Porque Barry parece perfeitamente confortável com quem é e eu estou pendurada em uma cadeira de hotel com um cookie frio nas minhas garras, uma gárgula básica demais para passar no teste para torre da igreja.

— E sabe o que mais? — Barry diz, inclinando-se na minha direção e baixando a voz. — Tem um caminho pra fora daqui. Eu assisti aos outros vídeos do seu canal. Você tem talento, Emma. Sempre há espaço pra gente talentosa... cantora contratada, backing vocal, ser a voz de mais uma loira incapaz em mais uma sequência de *Mamma Mia*? Eu sou uma vadia rancorosa, finja que não mencionei a última.

Fico surpresa com meu próprio sorriso, minha risada súbita. Ele está dizendo tudo o que quero ouvir. Ele é alguém que está completamente, totalmente do meu lado. Que passou pelo que estou passando. Que

conseguiu sair do outro lado. Quando eles dizem que *melhora*, é isso que querem dizer.

— Barry... posso te chamar de Barry? — pergunto, testando o peso do nome dele na minha língua quando ele faz que sim. — Eu realmente agradeço você ter vindo até aqui. Mas depois desta noite... não sei se é uma boa ideia continuar insistindo. Você viu o quanto os pais estavam bravos. E quando vocês apareceram na escola hoje, vocês literalmente interromperam uma ameaça de morte em andamento.

— Mas, Emma! É *exatamente* por isso que estamos aqui!

— Você não acha que isso vai piorar as coisas?

Pegando sua poltrona pelos braços, Barry a vira na minha direção e a solta com um ruído pesado. Ele pega minhas mãos de novo.

— Absolutamente não. Não vamos deixar isso acontecer. Entre Dee Dee e eu, essa vai ser a formatura mais assistida do país. Eles não ousariam.

— Isso é bem legal da sua parte, mas ainda não sabemos se vai ter uma formatura. E também? — Endireito meus ombros com pesar. — Mesmo se tiver, eu não acho que minha namorada vá.

Barry parece prestes a dizer algo safado e possivelmente inapropriado. Ele pensa melhor e esfrega as mãos. A voz dele sobe e desce, quase como se estivesse cantando.

— Quem é sua namorada?

Cara, o quanto me divirto com a expressão chocada no rosto dele quando digo:

— Alyssa Greene, a presidente do conselho estudantil. A mãe dela é a diretora da Associação de Pais e Mestres, a que me odeia até a alma.

Escandalizado, Barry pergunta:

— Ela sabe?

— Nãaaao — respondo. — Não sobre a filha dela e nem sobre nós, e ela não vai descobrir até que a Alyssa esteja pronta, entendeu?

— Eu estou aqui como um agente do Cupido, não um semeador de discórdia, querida. — Barry faz um forte aceno de cabeça e então diz:

— Quer saber? Você cuide do seu par que eu cuido de todo o resto. Deixe comigo, Emma. *Vai haver* uma formatura e vai ser perfeita. Eu vou cuidar das suas flores, seu cabelo, seus sapatos... Você tem um vestido?

Eu gaguejo:

— Hum, não. — Mas não digo que não tenho a menor intenção de usar um vestido.

— Ah, querida, eu tenho tanto trabalho a fazer, então. Onde fica a Saks mais próxima?

— Não temos uma.

Ele estremece, mas acrescenta:

— Macy's?

Eu sacudo a cabeça, negando.

— Desculpa. Nós temos um Walmart...

— Ah, meu bom Deus, você vai para a formatura, não para o rodeio. Tudo bem. Inspire. Centre. Expire. Bom. — Ele bate palmas e termina sua sessão de meditação espontânea. — Sem Saks, sem problema. Gregg Barnes, figurinista vencedor do Tony, me deve um ou dois favores. Vou fazê-lo mandar uma seleção e levo pra você ver.

— Para a escola?

— Para a sua humilde residência, Emma. — Barry pensa e então completa — Se sua avó não tiver um problema com um homem de meia-idade andando pelo seu quarto...

Nós olhamos para ela ao mesmo tempo. Ela está fazendo cafuné em um dos protestantes mais novos, cujo cabelo longo e loiro de fato parece irresistível.

— Ela vai fazer a gente deixar a porta aberta e os dois pés no chão.

— Farei meu melhor — Barry brinca.

Meu celular toca com uma nova notificação. Eu o puxo do bolso, mas não olho. Minha garganta está seca e meu coração parou.

— É da escola.

— Leia — ele diz. — Se é uma batalha, precisamos nos preparar. Não quero chegar em uma briga de mãos vazias.

Destravando a tela, toco na notificação. Meu e-mail leva um minuto para carregar. O sinal de celular é meio incerto aqui por causa de todo o calcário – e também porque moramos no meio do nada. A tela finalmente fica branca, e lá está: uma carta da Associação.

— Quanto à festa de formatura deste ano — leio, trêmula, e continuo. — Depois de muita consideração e consulta com amigos, família e a comunidade, a Associação de Pais e Mestres da James Madison decidiu seguir em frente com os planos para a festa de formatura no dia e horário

originais. Entraremos em contato com mais informações conforme for necessário. Obrigado por sua defesa apaixonada. Nós estamos orgulhosos de nossos alunos e da nossa turma de Besouros Dourados de 2019. Atenciosamente, Elena Greene. Presidente da Associação de Pais e Mestres.

— Conseguimos — Barry diz, tão baixo que é quase um sussurro. Então ele se levanta de um salto e grita para a outra sala. — Dee Dee! Elenco sem direito a benefícios de *Godspell*! Nós conseguimos! Emma vai à formatura!

Um rugido enche o hall do hotel. Mãos de jazz e cadeias de can-cans explodem por todo lado. As notícias viajam rápido, gritadas através das portas da frente com uma alegria extasiada. Há tantos rostos iluminados e deliciados em volta de mim que não consigo me impedir de rir. Dessa multidão eu posso gostar.

— Yay, nós! — Dee Dee grita, erguendo os braços acima da cabeça.

Nan ergue uma sobrancelha.

— Acho que está mais pra yay, Emma.

— Pode ter sido eles — concedo. — Tudo mudou quando eles chegaram aqui.

Com isso, Barry conduz Dee Dee em uma valsa muito bem coreografada (eu acho – como vou saber? Aqui é Indiana em 2019, não Versalhes em 1719 –, embora exista uma Versailles em Indiana, e adivinha quantos desses S e Ls nós pronunciamos? Spoiler: todos eles).

Enquanto as pessoas comemoram à minha volta e saem cantando – eles estão aqui faz um minuto e já deu para notar que isso acontece bastante –, fico maravilhada e em um silêncio chocada. Meu celular pesa um milhão de quilos, mas estou leve como uma pluma. Eu vou à formatura.

Eu vou à formatura!

ALGO COMEÇOU

ALYSSA

Abro a porta do meu carro e Emma salta para dentro.

Jogando meus braços em volta dela, eu a beijo. Eu a beijo rápido e com força. Eu a beijo suavemente. Eu a beijo até nossos lábios estarem grudados e as janelas embaçadas. Ela tem gosto de chiclete e eletricidade, uma doce tempestade de verão que passa por mim e segue trovoando.

Embora ainda estejamos paradas na entrada da casa da avó dela, eu a beijo de novo e de novo, desculpas, promessas, cumprimentos, mas não adeus desta vez. Não ainda. Não hoje.

Quando Emma se afasta para respirar, ela pressiona a testa contra a minha. Seus dedos correm pelos meus cabelos; eu me arrepio. Ela é familiar, constante e intocável ao mesmo tempo, e dou a ela meu alívio na forma de carícias suaves que caem em sua pele. Nós temos estado tão distantes ultimamente – eu fiquei com medo que não fôssemos nos encaixar de novo assim, mas encaixamos.

Nós encaixamos perfeitamente, minhas mãos nas dela, meus lábios nos dela, meu coração contra o dela. Uma pequena onda de adrenalina corre pelo meu peito e fico tonta por um momento. Ela me deixa tonta.

— Como você conseguiu fugir da prisão? — Emma pergunta, seus lábios testando um sorriso.

— Fiz um túnel atrás de um pôster da Ruby Rose no meu quarto.

Risadas enchem meu carro e ela me abraça forte. Quando se afasta, apoia a cabeça no banco. Ela brinca com meus dedos entre os dela. As pontas dos dedos dela são ásperas por causa do violão; elas criam seus próprios beijos nas palmas da minha mão.

— Mas, sério, como?

— Sério? O gerente dela no Red Stripe ameaçou mandá-la embora se ela perdesse mais turnos.

— Eita — Emma diz, franzindo a testa. — Acho que, quando você entra no mundo dos supermercados, é difícil sair.

Minha risada é suave, meus olhos se revirando de um jeito divertido em vez de irritado. Embora minha mãe tenha tornado a vida de Emma muito mais difícil, ela não tem rancor de mim por isso. E ela não é cruel com a minha mãe, mesmo que às vezes — especialmente nos últimos tempos —, eu realmente sinta que ela meio que tem direito.

Minha mãe é um desastre complicado, mas ela é meu desastre complicado. E ela é tudo que eu tenho. Meus avós se aposentaram e foram morar no Novo México, e minha única tia mora em Des Moines. Eles só existem no Natal e em cartões de aniversário, no Facebook e em mensagens de texto. Meu pai... Bom, você já sabe do meu pai.

— Eu andei pensando — começo, minha pele ficando quente assim que falo. — A formatura está de pé e, obviamente, isso não teria acontecido se minha mãe não tivesse amolecido um pouco...

— O quê? Você acha que a invasão da Broadway fez ela mudar de ideia?

— Emma.

— Eles vão fazer uma apresentação na corrida de caminhões esse fim de semana, só pra mostrar que ganharam. Você consegue *imaginar* a expressão das pessoas? *Domingo, domingo, domingo! Te vendemos a cadeira, mas você só vai precisar da pontinha dela — e do gosto por musicais.* Eu tentei avisá-los.

Cobrindo meu rosto com a mão, sacudo a cabeça.

— Pra quê? Eles conseguiram o que vieram fazer.

— O show tem que continuar? — Emma diz, mais como uma pergunta. Ela dá de ombros e o rosto dela muda, assim como seu tom, para algo suave, quase maravilhado. — O Barry vai cobrar um favor de um figurinista. Para a minha roupa.

— Você o chama pelo primeiro nome agora?

Emma faz que sim, seu cabelo escuro se sacudindo, óculos escorregando pelo nariz.

— Aparentemente sim. E acho que a ideia dele de uma roupa de festa pra mim não é igual à *minha* ideia, mas... nós conversamos por um bom tempo na noite passada. Foi bem legal.

A culpa se enrola dentro de mim. Ela está fazendo isso sozinha. Pior, isso é culpa da minha mãe *e* ela está fazendo isso sozinha. O sr. Glickman e a sra. Allen parecem um pouco... intensos, mas acho que não posso culpar Emma por abraçá-los. Eu me forço a sorrir e pergunto:

— Foi?

Virando o olhar para a janela, algo acontece com as feições de Emma. É como se ela se perdesse em uma memória. Ela parece nostálgica quando diz:

— Sim. É como se ele fosse a primeira pessoa que realmente me *entende*.

Meu sorriso se desfaz.

— Ai.

— Você sabe o que eu quero dizer — Emma diz. Subitamente ela está se mexendo, enchendo meu carro com mãos em movimento e animação. Eu não a vejo tão animada desde que ela descobriu que a nova *Sabrina* seria estranha e assustadora em vez de tonta e engraçada.

— Ele está *lá fora* — ela continua. — A mãe dele o expulsou também. E ele disse que pessoas como nós, nós podemos escolher nossas famílias. Nós podemos escolher as pessoas ao nosso redor, e eu nunca tinha pensado nisso. Se família é amor, então as pessoas que amamos são a nossa família.

Não sei por que, mas uma inquietude toma conta de mim, começando no fundo da minha barriga. Eu me sinto segurando um balão com força

demais, com medo dele voar das minhas mãos. Interrompo essa linha de pensamento e digo:

— Eu não quero mudar de assunto nem nada, mas... só pra você saber, eu ainda quero que a gente faça isso – a formatura – juntas.

Ela para de repente.

— Eu achei que isso já estava acertado.

— Está, estava! — digo. — Eu só não sabia, com tudo que aconteceu... se, eu não sei, talvez você tenha mudado de ideia.

Com isso, Emma se inclina para trás e olha para mim. Realmente olha para mim.

— Você sabe que eu sou a única coisa que *não* mudou em tudo isso, né? Eu não pedi para a sua mãe transformar isso em um referendo sobre a minha pessoa. E eu não pedi para as pessoas da Broadway protestarem na escola. Eu não pedi por nada disso.

— Não, é claro que não! — Eu ergo as mãos. — Por favor, eu não quero brigar.

— Eu também não. — Emma parece bem decepcionada, mas então pega minhas mãos. — E quer saber? Eu não quero começar uma revolução. Eu não quero quebrar barreiras ou ser um símbolo, e não me importo com o que outras pessoas pensam. Eu só quero dançar com você.

Quando as lágrimas surgem, elas me pegam de surpresa. *É só o que eu quero também*, quero dizer. Dançar juntas, deixar que o mundo desapareça e só me sentir bem com isso. Não sentir medo. Eu amo tanto a Emma que até dói, e odeio que a forma como eu a tenho amado a machuque também. Finalmente, digo:

— Eu só quero te abraçar.

— E eu não quero te soltar — ela diz. Lágrimas reluzem nos olhos dela também. — Duas pessoas dançando, só isso. Ninguém sabe dançar hoje em dia mesmo. Então seremos você e eu, balançando de um jeito estranho com uma música que ninguém deveria usar pra dançar. Eu não sei por que isso os assusta tanto, mas não me importo, Alyssa. Eu só me importo com você.

Eu me viro para fungar. Eu sou uma chorona, e quando a beijo depois disso, não quero melecá-la.

— Eu te prometo. Quando a gente chegar lá, vamos ser só você, eu e a música.

Emma cai nos meus braços de novo e eu a abraço com força. Roço minha bochecha no cabelo dela e a aperto até sentir que ela está sem fôlego. Não é certo que algo tão bom, tão *perfeito* possa causar tantos problemas. Aliás, não – não é certo que outras pessoas deixem algo tão bom, tão perfeito, incomodar a *elas*.

Uma chuva suave começa e o som das gotas batendo contra o teto do carro faz aquilo que Emma quer – que o mundo derreta. Neste momento, aqui no escuro, na neblina, embaixo da chuva que cai, não existe mundo, só isso. Só o agora.

Só a gente.



EMMA

Ouço Barry e Dee Dee na varanda antes de os dois baterem na porta.

Mais especificamente, ouço Dee Dee fazendo algo que soa bastante como alguns passos de sapateado. Então, quando ela bate na porta, é alegre e estridente. Levanto com um salto da poltrona amarelo-vivo na sala e abro.

— Eu achava que eles iam chegar elegantemente atrasados — Nan diz, pegando uma faca de pão para cortar o bolo que fez. A casa toda cheira a açúcar e baunilha e, embora eu esteja nervosa, abro a porta com um sorriso.

— *Nous sommes arrivés* — Dee Dee anuncia, passando pela porta como uma corista. Ela me pega com suas mãos de unhas feitas e aperta a bochecha contra a minha, fazendo um som de beijo bem perto da minha

orelha. Quando ela me solta, eu praticamente giro pela sala. Ela está na minha casa há menos de dez segundos e já estou sem fôlego.

Uma arara de roupas passa pela porta em seguida, Barry a empurrando por trás. Sua pele perfeita está levemente rosada e, quando entra, ele puxa um lenço do bolso e seca o rosto. Quando termina, ele literalmente fecha os olhos, respira fundo e só então volta ao presente.

— Emma! — diz, se acendendo. Ele não me gira pela sala, ainda bem. Só pega minhas mãos e aperta. — Como você está, querida?

Impressionada. Animada. Um pouco enjoada? Eu não digo nenhuma dessas palavras, porque nenhuma delas responde a pergunta. Eu estou tudo isso e mais um pouco. Eu me sinto como um cata-vento girando na direção do êxtase e então de volta para o desespero. Eu sorrio e o conduzo para dentro.

— Tudo bem, obrigada, e vocês?

— Em recuperação — Dee Dee responde por ele. Ela se vira, como se procurando um lugar para se acomodar. Nós temos um sofá de três lugares, um de dois, uma cadeira de balanço e a poltrona amarela, mas Dee Dee parece perdida. Finalmente, ela se ajeita encostada na lareira. Colocando a mão sobre o coração de forma dramática, ela diz:

— Ninguém apreciou nossa performance na corrida. Eles atiraram coisas!

— Mesmo? — Nan pergunta, escondendo um sorriso.

— Mesmo! Você sabe quanta gente pagaria caro pra nos assistir em Nova York?

— Provavelmente foi esse tempo instável — Nan diz. — As pessoas ficam meio doidas quando a primavera está chegando. Vocês querem beber algo? — Ela passa grossas fatias douradas de bolo simples para pratos de papel. Eu mal posso esperar para ver como Dee Dee vai se virar com pratos descartáveis.

Dee Dee dá uma olhada no bolo e rapidamente desvia o foco de sua atenção.

— Eu realmente não posso — ela diz. Então, igualmente rápida, ela volta atrás. — Mas seria tão terrivelmente mal-educado recusar. Só um pequeno pedaço pra mim...?

— Eu quero tirar essas roupas de dentro das capas para a Emma — Barry diz. — Onde é o *boudoir*?

— Hum, se você quer dizer meu quarto, é por aqui — digo, apontando para o corredor.

Barry coloca minhas mãos na arara e anda na direção do meu quarto. Acho que ele cansou de levar essa coisa por aí. Me divertindo, puxo a arara atrás de mim. É incrivelmente pesada, e consigo ouvir coisas arranhando e sacudindo por trás das grossas capas de vinil. Eu chuto strass. Pelo menos, eu espero que seja.

— Ah, eu reconheço isso — Barry diz, deslizando para dentro do meu quarto. — É aqui que você grava seus vídeos!

Ainda não consigo acreditar que ele se deu ao trabalho de assisti-los. Com um sorriso tímido, me sento na cama e digo ironicamente:

— Pois é, é aqui que a magia acontece.

— Bom, acredite em mim — ele diz, virando-se para a arara. — Vai ficar mil por cento mais mágico aqui, começando agora!

— Sabe — digo rapidamente —, talvez a gente pudesse variar um pouco. Eu estava pensando em um smoking vintage, talvez um tênis...

Chocado, Barry se vira para mim.

— Poderíamos? Sim. Deveríamos? Deus do céu, não. Querida, eu estou implorando aqui. Deixe eu te vestir para a formatura.

— O.k. — digo. Quer dizer, ele é de Nova York. Ele com certeza sabe mais sobre moda do que eu. Torcendo as mãos e pressionando meus joelhos um contra o outro, eu o encorajo com um aceno de cabeça e espero.

Barry abre a primeira capa e a joga para trás como se estivesse revelando uma nova obra de arte. Eu me afasto porque, por um segundo, parece que o que quer que esteja lá dentro vai atacar e me esfaquear com um milhão de pequenos cristais de gelo.

Quando *fuja ou lute* diminui para *levemente ansiosa consigo mesma*, vejo que é um vestido vermelho e brilhante coberto com fileiras e mais fileiras de cristais pendentes. O vestido toca quando ele o puxa: ele soa como cem sussurros ao mesmo tempo quando se move.

— Uau — digo, impressionada.

Barry se inclina para a frente.

— Uau bom ou uau ruim?

— Só uau.

Eu odeio dizer não, porque ele é obviamente maravilhoso. E não quero que Barry pense que não estou tentando aqui, mas de jeito nenhum eu vou à formatura em um vestido vermelho de melindrosa sexy como esse. São cem centímetros de violação escandalosa das regras de vestimenta, e o único acessório que consigo pensar em combinar com ele é uma metralhadora. Considerando toda a situação, pode parecer um pouquinho agressivo.

Finalmente, penso em algo que posso dizer que não é absolutamente ingrato:

— É um pouco chamativo pra mim.

— Justo — ele diz e *woosh!*, abre outra capa e revela um vestido branco com uma fita preta nos tornozelos e na cintura e no pescoço. E babados, meu Deus, tantos babados no pescoço.

Ele definitivamente cobre todas as partes do corpo que exigem que eu cubra — e mais algumas. As mangas são bufantes nos ombros e então se ajustam em pulsos justos. Barry ergue as sobancelhas para mim.

— Vem um chapéu junto, noventa centímetros de diâmetro, com milhares de plumas de avestruz.

Eu rio.

— Isso só vai provocar os galos daqui a atacarem.

Com isso, Barry ri. No outro cômodo, consigo ouvir Dee Dee soltando alguns versos e Nan cantando alguma coisa em sua voz de gralha. Ela é a pior cantora que eu conheço, mas também ama cantar mais do que qualquer pessoa que eu conheça. Minha avó está lá fora fazendo amizade com essa invasora da Broadway, comendo bolo e cantando algo que... soa como “Swing Low, Sweet Chariot”??

Toda a tensão que está em mim, em volta de mim, derrete. Tudo bem se eu não amei esse vestido, tem outro logo atrás dele. Tudo bem se eu sou uma menina comum de um lugar comum. Barry me faz sentir como se houvesse mais em mim do que este quarto, esta cidade, este momento. É fácil ser contagiada pelo entusiasmo dele, e quer saber? Eu vou me permitir.

É a primeira vez em semanas que eu rio de verdade. E respiro. E me preocupo com nada além do monstro lovecraftiano de franjas que pode estar dentro da próxima capa. Minha casa está tão maior agora. Mais cheia

e iluminada, de alguma forma. Ela está... viva. Eu não consigo me lembrar da última vez que minha vida pareceu... plena.

Barry revela o próximo vestido com um lento floreio. É rosa e justo, nem um pouco a minha cara. Mas este pelo menos parece um vestido que eu posso usar em uma festa de formatura. Ou para uma reunião de negócios com um grupo seletivo de investidores e gurus da tecnologia. Soltando o cabide, Barry diz:

— Esse você tem que provar. É especial.

— O.k. — digo. Por que não?

— Vou te esperar na sala. Mas não me faça esperar demais ou você vai conhecer meu alter ego drag queen, Carol Channing Tatum.

— Eu deveria *não* querer isso? — pergunto, rindo.

Ele aponta autoritariamente:

— Vai. Agora.

Com isso, desço o corredor até o banheiro. Tirando minha camiseta e camisa de flanela, coloco o vestido pela cabeça. É estranhamente pesado, e me sinto presa dentro dele. Eu nunca uso roupas tão justas.

Me olhando no espelho, tento desamassá-lo... E então tento erguer meus peitos para que eles fiquem bem no centro dessa coisa. As alças largas cobrem boa parte dos meus ombros, mas não tudo. É tanta pele. É tanta exposição.

Eu nunca quis ser uma garota feminina. Não há nada de errado com isso – a Alyssa é toda enfeites suaves e tudo justo, todo dia saltos e saias que variam do tornozelo ao joelho. A maquiagem dela é sempre suave, rímel emoldurando seus grandes olhos castanhos, batom insinuando a curva perfeita dos lábios dela. Eu amo uma garota feminina.

Mas não sou uma. Eu sinto como se minhas juntas fossem dez vezes maiores que o tamanho adequado para andar por aí em um vestido desses. Quando saio do banheiro e desço pelo corredor, sou Godzilla vestindo Gucci, pisoteando a Fashion Week de Tóquio.

Na sala, Barry ri com Nan e Dee Dee. Eles estão esperando para ver como eu fico com o vestido. Para fazerem parte da minha grande cena de transformação. É como isso funciona, certo? Eu ganho uma fada madrinha, um vestido brilhante, sapatinhos de cristal, um ingresso para a festa...

Entro hesitante na sala e todos os olhos se voltam para mim. Nervosa, pergunto:

— O que vocês acham?

— Estamos chegando lá — Dee Dee diz, soltando-se da lareira e entregando seu bolo a Barry. — Bons ombros, péssima postura. Postura é metade da batalha, Emma. Conserta tantos erros, transforma peitos que são meros 38 em peitos tamanho 40... — Segurando meus ombros, Dee Dee me olha no rosto e diz:

— Záz.

Hum... quê?

— É isso que está faltando — ela continua, me girando. Ela puxa meus ombros para trás e pressiona a mão no meio da minha coluna. — Respire pelo diafragma.

Eu respiro e não digo nada. Dee Dee se move como um relâmpago, ajustando minha postura, até erguendo meu queixo com um toque rápido de dedos. Quando para na minha frente, ela me olha nos olhos por um momento e diz:

— Precisamos ver isso nos seus olhos.

— Você quer que eu sorria com os olhos?

Precisa, Dee Dee faz uma pose. Ela é a Mulher-Maravilha sem os braceletes; subitamente mais alta, seus ombros parecem mais largos, ocupando um espaço angular que me lembra ao mesmo tempo Picasso e um louva-a-deus.

— Záz é estilo confiança. Agora, vamos ver.

— É só tão... rosa — digo finalmente.

É neste momento que Barry se levanta com um salto.

— Querida, eu disse que esse era especial. — Ele puxa uma fita na lateral do vestido. — Gire!

E como um peão doido e fora de controle, eu giro. Sinto a fita se desenrolar. Eu giro e giro e, de repente, o vestido rosa vira azul. Eu nem sei como isso aconteceu. A saia fica mais rodada e mais comprida, beijando meus joelhos. A parte de cima é mais suave, as alças viram manguinhas. Eu sou Katniss Everdeen e vou ser a última garota de pé nessa festa!

— Olhe só pra você — Nan diz, admirada.

Eu nunca vou ser uma garota feminina e nunca vou amar usar um vestido. Mas este? Este eu consigo aguentar. Este é especial. Ele é mágico,

e essas pessoas também o são.

Elas são pura magia em Indiana, e talvez – só talvez – um pouco de mim seja magia também.



ALYSSA

Eu estou tão encrencada. Faltam minutos para a formatura, e eu ainda não contei para minha mãe.

A parte de trás da minha cabeça ainda está queimando por ter passado tempo demais no secador espacial do Cacheie e Pinte com a Joan. Eu nunca tive tanto laquê e glitter no meu cabelo antes. Quando eu ergo meus dedos para tocá-lo, duas coisas acontecem: primeiro, ele estala um pouco sob meus dedos e, segundo, minha mãe dá um tapa na minha mão.

— Andei olhando aquelas blogueiras de maquiagem on-line. Todas elas fazem isso — Joan diz enquanto pinta meu rosto com outra camada de base. — Chama *brisa da manhã*.

Engasgando no meu chiclete, não digo nada. Não há dinheiro no mundo que me faça explicar para minha mãe o que isso realmente

significa. Se ela não sabe, vai exigir saber como eu sei. Existir em 2019 seria a resposta, mas não uma que ela ia gostar de ouvir.

O que *eu* não gosto é como não tive um único momento sozinha com minha mãe o dia todo. É como se toda vez que haja um respiro em sua lista de preparação pré-formatura, ela se afaste de mim o máximo possível. Eu abro a boca para dizer uma coisa séria que seja e o celular dela toca como se fosse algo ensaiado.

Ah, há uma emergência com os balões.

Não, o DJ absolutamente não pode desviar da playlist.

O que você quer dizer com “não temos ninguém pra fiscalizar o ponche”?

Eu olho para o meu celular, tão longe de mim na mesa de Joan. Falta menos de uma hora para a formatura começar e eu disse um total de zero palavras à minha mãe sobre meu par. Meu par bem real que estava, da última vez que conseguiu mandar uma mensagem, sendo semi-assediada por Dee Dee Allen depois de ser apresentada a algo que Emma só consegue chamar de “Calcinhas de Pesadelo feitas por Carcereiros com Boá de Plumas”.

Enquanto isso, minha mãe espreita por cima do meu ombro, alternando entre observar sua cabeleireira me transformar em uma miss e gritar mensagens ditadas para a mãe de Shelby pelo telefone. Ela encara o espelho com uma intensidade feroz. É como se estivesse medindo meu rosto vezes seguidas. Calculando o ângulo do meu penteado e quantificando quão soltos precisam estar os fios que caem sobre os meus ombros.

— Mãe — digo. — Eu achei que a gente podia conversar um pouco antes de as coisas ficarem doidas.

Joan surge com suas mãos perfeitamente bronzeadas artificialmente e ordena:

— Olha pra cima! — Antes de me atacar com mais máscara de cílios.

— Querida, você não precisa dizer nada — minha mãe diz, pegando minha mão antes que eu a levante na direção do meu cabelo de novo. — Só aproveite. Você não terá outro dia especial como esse até seu casamento.

— Amém — Joan diz, passando para o outro olho.

Mamãe baixa a voz, como se estivesse falando algo safado.

— E *esse* você vai ter que dividir com a sua sogra.

Pela forma como Joan ri, minha mãe é a mulher mais engraçada que ela já conheceu. Talvez ela costumasse ser, mas tenho certeza de que a risada de Joan é um agrado. Um tributo à mulher que provavelmente vai dar uma boa gorjeta quando tudo isso acabar.

— Meu Senhor, você não está mentindo. Quando eu cheguei no altar, já estava pronta pra dizer ao Nathan que era eu ou ela!

— Parece que ele fez a escolha certa.

— Bom, eu ainda preciso aguentar ela e a salada de ambrosia horrorosa dela no Natal, Dia de Ação de Graças, Páscoa, dia da corrida...

E então elas estão conversando sobre a comida apropriada para servir em sua festa para a Indy 500 e como as mães dos homens estragam tudo. Eu nem estou aqui. Sou só uma boneca desencarnada sendo decorada até quase a morte.

Um nó aperta meu estômago. Fico muito, muito quieta enquanto Joan cria um olho esfumado a partir de uma paleta de sombras pastel e tento não fazer uma cara feia quando minha mãe escolhe a cor do batom.

— É importante — digo à minha mãe quando Joan se vira para abrir uma caixa de ferramentas cheia de cosméticos. Isso não é uma piada. É a mesma caixa de plástico amarela que metade dos caras da cidade têm sacudindo na caçamba de suas picapes.

Minha mãe ergue um dedo.

— Espera, a mãe da Shelby não sabe se alguém comprou *sherbet*.

Porque nada diz *noite sofisticada e elegante* como uma enorme bacia de ponche cheia de refrigerante com uma espuma colorida derretida dentro. Mas, sendo justa, de fato *servem* isso em casamentos, chás de bebê e comemorações por toda a cidade. A forma como as pessoas ligam para o ponche, parece até que é uma receita passada de geração em geração, e não copiada de um rótulo de Schweppes em algum momento do século passado.

E se eu não soubesse como ela é, acharia que minha mãe está me evitando deliberadamente. Toda vez que eu junto as palavras na minha mente e a coragem no meu coração, ela some de novo. *Pare de ser paranoica*, digo a mim mesma. *Ela é assim com todos os eventos da escola que planeja*.

Quarenta minutos antes da festa para o time de basquete no outono passado ela estava pendurada — li-te-ral-men-te pendurada — no topo de

uma escada ajustando os babados de papel crepom no ginásio para terem exatamente o mesmo comprimento. Ela não vai relaxar até o último balão cair e o último grão de confete parar na pista de dança. Só parece que ela está me evitando porque eu venho adiando isso há tanto tempo.

— Aqui estamos!

Joan emerge da caixa de ferramentas e coloca um prato de plástico na minha mãe. Cuidadosamente, ela seleciona um cristal brilhante na caixa e coloca cola de cílios na parte de trás dele. Um depois do outro, Joan fixa três cristais no canto do meu olho e então dá um passo para trás.

Admirando seu próprio trabalho no espelho, ela chama minha mãe. Ela diz sem som:

— Ela está linda.

E minha mãe responde, também sem som:

— Obrigada.

O orgulho delas dura meio segundo. Então mamãe, com o telefone na orelha, empurra o cabide com meu vestido para as minhas mãos. Meio sussurrando, ela diz:

— Vá se trocar. Estamos ficando sem tempo e quero fotos suas.

— Mãe, eu...

— Andaaaa, Alyssa — ela diz. E então me dá um tapinha na bunda, como se eu tivesse seis anos e estivéssemos atrasadas para a igreja. No telefone, ela diz:

— Sim, estou aqui. Você olhou no freezer? Não no *cooler*, no freezer...

O banheiro do salão tem cheiro de solução para permanente e velas de baunilha. O cheiro é pesado e me deixa enjoada, mas consigo sair das minhas roupas e entrar no vestido longo sem incidentes.

Eu tomo cuidado para não puxar as alças do vestido com força demais. Por algum motivo, eu me lembrava delas serem bem mais grossas na loja. Agora são só fios finos e brilhantes que definitivamente não se enquadram nas regras de vestimenta.

Uma onda de cetim e tule lavanda me cerca. A saia rodada farfalha quando eu me movo. Cai como uma luva. Bem certinho. A maquiagem combina perfeitamente, embora seja um pouco pesada para o meu gosto. Tentando me virar no espaço apertado, bambeio e me pergunto se meu cabelo vai quebrar se bater na parede. Espero não descobrir isso.

Eu me pergunto o que Emma está fazendo agora. Quando liguei para ela noite passada, ela colocou o telefone na cômoda para se manter na câmera. Nervosa e animada, a ansiedade de Emma emanava das bochechas rosadas e dos olhos que brilhavam como luzes de Natal. Ela ficava se virando: de costas e então de bruços, incapaz de ficar quieta.

Chuto que ela está cercada por Nan, pelo sr. Glickman e pela sra. Allen, aguentando cabelo e maquiagem como eu. Ela me disse que o sr. Glickman a convenceu a usar um vestido, mas se recusou a mostrá-lo para mim. Ela queria que fosse surpresa. Então agora ela provavelmente está contando os minutos até que a espera termine. Até que seja finalmente só nós duas.

E quase toda a escola.

E minha mãe.

Que ainda não sabe.

A questão é, eu estou tentando. Estou realmente tentando! Minha mãe não parou por tempo o suficiente para respirar, muito menos para ter uma conversa honesta e a sós. Tudo aconteceu tão rápido depois que a formatura oficialmente voltou que o tempo simplesmente fugiu de mim.

Mas tudo bem. Assim que eu estiver pronta e as fotos acabarem, só vai restar o trajeto até a escola. Aí ela não vai poder fugir de mim. Eu tenho um plano semipronto. Primeiro, vou abaixar o volume do rádio. Não tudo, só o suficiente para ela poder me ouvir. Mas não tão baixo que eu precise preencher o silêncio sozinha.

Então vou pegar a mão dela, ela ama quando eu faço isso. Acho que isso a lembra de que ainda sou o bebê dela, mesmo que eu não seja mais uma garotinha. Então, sim, vou pegar a mão dela e vou começar agradecendo. Por ser minha mãe. Por ser engraçada – ela costumava ser engraçada, antes do papai ir embora, e sei que ela pode ser de novo. Por fazer parte de todos os grandes momentos da minha vida, por celebrá-los comigo.

Por me amar.

Por me amar incondicionalmente.

E então vou apenas contar. Eu vou abrir minha boca e vou...

— Alyssa — minha mãe chama pela porta, batendo nela com força. — Por que você está demorando tanto? Precisa de ajuda com o zíper?

Eu quero rir, mas estou tensa demais. Não importa o quanto eu queira me convencer de que tudo isso vai acabar bem, eu sei que não vai. Uma escuridão cresce dentro de mim e quero arrancar este vestido, limpar a maquiagem do rosto. Eu quero fugir. Mas isso não vai acontecer, então preciso admitir isso para mim mesma e seguir em frente.

Minha mãe não vai me surpreender com a reação dela. Eu a conheço. Sei como vai ser.

À noite, quando junto as mãos e tento pensar em algo para rezar que não seja egoísta, peço paz de espírito para minha mãe. Aceitação. Ou mesmo tolerância. Eu fico ali, com esse enorme segredo, rezando por uma intervenção divina porque sei que não a julguei mal.

Ela está no limite por papai ter ido embora, e sim, isso vai explodir na cara dela mais cedo em vez de mais tarde, mas acho – não, eu sei.

Mesmo se tudo fosse perfeito – se meu pai tivesse ficado, se minha mãe ainda fosse uma dona de casa e mãe em tempo integral em vez de caixa em uma delicatessen aos 48 anos – eu ser lésbica *ainda não seria o.k. para ela*. Ela nem tem o vocabulário para entender quem eu sou. No mundo dela, na mente dela, tem o gay e tem o *normal*.

E isso significa que, se eu não sou hétero, não sou normal.

Eu não estava lá exatamente quando os pais de Emma a expulsaram. Foi um pouco antes do meu tempo. Mas escutei a história. Ela deitada em sua cama na casa da Nan, com a cabeça no meu colo, tentando achar algum significado para tudo aquilo. Tentando entender se sua mãe e seu pai realmente a amavam antes e se, de alguma forma, ela destruiu isso apenas por existir... ou se eles nunca a amaram de fato. Não de verdade. Não incondicionalmente.

O amor da minha mãe tem condições. E sei que o custo de adesão para a casa dos Greene é a perfeição. Perfeição *normal*.

Se ela me expulsar, não terei para onde ir. Meus avós são tão religiosos quanto ela, talvez até mais. São pessoas que colocam placas no jardim sobre qualquer mal moral que apareça nas notícias em um determinado dia. Junho passado teve uma que dizia: “O arco-íris é a promessa de Deus, e não a bandeira do Demônio”. Eles poderiam ter 47 quartos sobrando em casa, não haveria um para mim lá. Não a partir do momento em que eles soubessem.

O que sobra... meu pai. Meu pai, que abandonou a vida que me incluía e foi para o mais longe possível de Edgewater. É o pai que nunca liga, nunca escreve, não paga pelo material didático e por tênis novos. Ele tem uma nova esposa. Ele tem um novo bebê. Se eu batesse em sua porta, o que ele diria? Aposto que seria algo do tipo “Desculpa, achei que eu tivesse cancelado a minha assinatura de você”.

As coisas são apertadas para Emma e Nan, então mesmo que elas me acolhessem, eu nunca teria coragem de aceitar. Seria demais.

Me chame de egoísta, talvez eu seja egoísta. Mas sou egoísta *e* tenho medo. Eu fiz minha pesquisa. Quarenta por cento dos adolescentes sem-teto são *queer*. Um quarto de jovens *queer* são expulsos de casa quando saem do armário. Será um longo, longo verão antes de a faculdade começar no outono. Bom, pelo menos tenho um carro. E está no meu nome. Ela não pode tirar isso de mim.

Uau. Essa é minha luz no fim do túnel. Posso morar no meu carro quando minha mãe inevitavelmente me expulsar.

Porque eu sei, no meu coração, que ela não amoleceu sobre a “questão gay” e a formatura. Ela mudou de ideia porque não queria que *eu* perdesse a *minha* formatura. E com base nas batidas cada vez mais desesperadas na porta do banheiro, eu estou prestes a perdê-la de qualquer forma.

Com o coração acelerado, eu calço os sapatos que mamãe tingiu para combinar com meu vestido. Eu respiro fundo e então abro a porta. De alguma forma, acabo em uma nuvem de abraços da minha mãe. Eu a abraço por muito tempo, não quero soltá-la. Eu sei o que acontece depois, e quero que este momento – em que ela ainda me ama – dure só mais um pouco.

Esses são os braços que me ensinaram a andar de bicicleta e me confortaram quando tive pesadelos. Esses são os braços que me ergueram quando caí e me empurraram para coisas que eu queria, mas não era corajosa o suficiente para alcançar sozinha. Pela última vez eu junto minhas forças no abraço dela.

Minha mãe se afasta, secando os olhos.

— Você é a garota mais linda do mundo.

— Obrigada, mamãe — digo, mal conseguindo me controlar.

— Pena que o John Cho não possa te ver assim. Você merece um par esta noite.

Agora. Eu preciso fazer isso agora, antes que eu perca a coragem de novo. Eu não quero... eu não posso... Deus, a festa está quase começando, e eu tenho que fazer isso. As palavras têm gosto de cinzas, e as forço a sair.

— Mãe, sobre isso. Eu tenho que te falar uma coisa.

— Não agora — ela diz enquanto pega meu pulso, me puxando para a porta da frente. Ela agarra minha carteira e a força na minha mão. Há uma leve nota de irritação na voz dela, mas com carinho. — A primeira parte da sua surpresa chegou mais cedo.

Por um milissegundo meu coração me convence de que ela vai abrir a porta do salão e Emma estará parada ali. Mas o pensamento foge quase tão rapidamente quanto chegou. O ar fresco da noite me atinge, e eu posso jurar que ele evapora na minha pele.

A garota dos meus sonhos não está parada ali, com flores nas mãos.

Em vez disso, encostada na calçada, está uma limusine. Uma SUV comprida, na verdade. Shelby e Kaylee surgem no teto solar. Música vaza para fora e elas jogam os braços para cima e dão gritinhos quando me veem. Elas já estão com seus *corsages* e, pelo som, estão fazendo um esquentão com bebidas escondidas.

— Entra, lerdona, vamos para a formatura!

— Mãe! — eu grito. — Uma coisa vai acontecer hoje à noite. Você precisa saber...

— Não estrague isso — ela diz, pegando meu rosto entre as mãos. — Eu trabalhei duro por esta noite e também quero aproveitá-la. Você vai ter uma formatura maravilhosa, como uma garota normal. Eu me assegurei disso.

— O que isso quer dizer? — pergunto, mas é tarde demais. Ela me empurra pela porta aberta da limusine. Sou engolida por uma onda de calor e pelo fedor de loção pós-barba em excesso sobre couro novinho. É como ser sequestrada por uma Abercrombie & Fitch.

A porta bate atrás de mim e a SUV sai a toda velocidade. O que está acontecendo? *Por que* isso está acontecendo? Eu nem consigo me acomodar enquanto me esforço para olhar pelo vidro de trás. O último pensamento coerente que tenho enquanto vejo minha mãe ficando cada vez menor é:

Eu nem consegui dizer que a amo, uma última vez.

"ON THE STEPS OF THE PALACE" [7]

EMMA

Como prometido, na noite da formatura, há flores. E limusines. E fotos.

Meu Deus, tantas fotos que não enxergo nada além de manchas de flash. Ah, e um relance eventual do buquê de rosas, orquídeas e lírios cuidadosamente selecionados que seguro nas mãos. O perfume intenso vai direto para minha cabeça, mas tudo bem. Tudo aconteceu tão rápido hoje que é bom ter a chance de parar e literalmente cheirar as flores.

Barry está sentado ao meu lado na limusine, bonito em seu smoking – que não muda de cor, eu perguntei. Junto com Dee Dee, ele vai ser o inspetor mais bem-vestido do país. Dee Dee se colocou perto da janela que nos separa do motorista. Ela fala tão rápido que ele não consegue responder, mas tudo bem, acho que é assim que ela flerta.

Barry, por outro lado, está silenciosamente sereno esta noite, o que é um lado novo dele. Apertando o buquê com mais força nas minhas mãos suadas, pergunto a ele:

— Nervoso?

— Contemplativo — ele responde. — Como você está se sentindo?

— Como se eu tivesse comido um saco de cobras. Mas vou te deixar orgulhoso.

— Lindinha — Barry se vira para mim —, isso não é pra mim. É pra você, e eu prometo que você vai ter a melhor noite da sua vida.

Eu nem consigo dizer *espero que você esteja certo*. Tipo, a frase fica presa na minha garganta. O saco de cobras dá uma boa revirada, e a única coisa que sai de mim é um estranho grunhido.

Calor emana de Barry quando ele pergunta:

— O que o seu date vai vestir? — Ele está tentando me distrair, e vou deixá-lo fazer isso.

— Não sei. A mãe dela que comprou, mas ainda não vi.

— O quê, sem desfile de moda?

Pobre, doce Barry. Ele está fora do armário há tanto tempo que não tem ideia de como é estar dentro dele. Eu não consigo nem imaginar passar um dia inteiro sem me vigiar. Sem olhar tempo demais na direção errada, sem medir cuidadosamente as coisas que eu digo. Fico feliz por isso estar tão no passado para ele, mas o faz parecer ainda mais fora de alcance.

— Eu nunca fui na casa dela. A mãe dela não sabe da gente, lembra?

Ele sacode a cabeça.

— Há quanto tempo vocês estão juntas?

— Um ano e meio — digo. — E, antes disso, um ano e meio de flerte bem desajeitado e muito cuidadoso. Eu sabia que era louca por ela no dia que a gente se conheceu. Mas eu não podia, você sabe, chegar nela.

— Meu coração!

— Ela vai se assumir hoje — digo, e não acredito que me permiti dizer essas palavras. Eu as vinha guardando junto ao meu coração, perto o suficiente para sentir o brilho da esperança, mas espremidas demais para deixá-las crescer.

Alyssa vem falando sobre se assumir há um bom tempo, e há sempre um motivo pelo qual isso não pode acontecer. Ela diz que será esta noite e eu acredito nela. Mas não queria arriscar dizendo em voz alta. Parece que estou desafiando o destino, mas é tarde demais para me preocupar com isso, acho.

— Isso é uma grande coisa — Barry diz. — Se eu soubesse, teria feito um bolo!

Em vez de rir, engasgo com um soluço. Todos os sentimentos que eu estava empurrando para baixo vêm para a superfície ao mesmo tempo. Tudo o que aconteceu nas últimas semanas; é como ser atropelada por vários trens, várias vezes seguidas. Alegria e medo e raiva e esperança, e... eu confesso para Barry:

— Eu estou com tanto medo.

— Ah não, querida, nós não choramos na noite da formatura. Ei. Vem cá.

Ele escorrega na minha direção e ergue um braço. Eu escorrego para baixo dele e me lembro de todas as vezes que me sentei assim com meu pai — antes. Quando eu era pequena e ainda perfeita aos olhos dele. Nós assistíamos a filmes de terror escondidos. Quando era demais, eu escondia meu rosto no ombro dele e ele me avisava quando eu podia olhar de novo. Deus, eu sinto saudades do meu pai, e como posso sentir saudades quando ele me pôs para fora?

— Fale com a titia — ele diz. — Do que você tem medo? Uma seleção infeliz de erros evolutivos?

Essa é boa. Se eu conseguir me lembrar, vou roubá-la. Eu olho para ele e digo:

— Todos eles me odeiam. Eles não querem que eu esteja aqui esta noite.

— Ei, olha. — E ele espera que eu olhe. Sinto que deveria haver uma orquestra se aquecendo por perto, mas ele não sai cantando.

Em vez disso, ele ergue meu queixo e diz:

— Quer saber? Eu não fui à minha própria formatura, porque assim como sua namorada misteriosa, eu morria de medo dos meus Buster Browns.

Eu não tenho ideia do que seja isso, mas faço que sim com a cabeça.

— Mas você? Você é uma rainha. Quando entrar naquele ginásio, você sabe o que essa gente que te odeia vai ver? A pessoa mais corajosa do planeta, e ela estará fabulosa de azul.

— Ou rosa — digo, tentando uma piada. — Ou verde. É um Gregg Barnes original.

— Pode apostar até sua última moeda que é. Emma, querida. Você está com medo. Tudo bem. Tenha medo. Do lado de dentro. Do lado de fora, seja a sapatona suave que você nasceu pra ser. A vida não é um ensaio

geral. Você está com medo de eles olharem pra você? Eu digo: *Ótimo! Olhem! Olhem bem!*

— Não sei se...

Barry pressiona um dedo contra os meus lábios.

— Shhh. Você quis isso. Você lutou por isso. E você vai entrar lá e deixar claro que esta noite é *sua*. Aquela *escola* é sua.

Eu começo a sacudir a cabeça, mas então percebo: ele está certo. Eu lutei essa luta. Eu ganhei essa batalha. Eu podia ter desistido – eu quis, tantas vezes. Teria sido mais fácil. Desviar os olhos dói, mas é fácil. Absorver a dor em vez de lutar contra ela – dói, mas é fácil.

Neste momento, todo mundo do ensino médio da Escola James Madison sabe meu nome. Eles conhecem meu poder. A Broadway literalmente baixou em Indiana para ficar do meu lado. Eu não estou sozinha. E estou prestes a ter a melhor noite da minha vida.

— Você está certo — digo finalmente.

Barry se abana com a mão.

— Minhas palavras favoritas.

Eu mal tenho tempo de rir antes de a limusine parar. Minhas cobras viram borboletas – grandes e lindas borboletas voando, girando e desafiando a gravidade. Barry me segura quando vou abrir a porta.

— Ah, garota, você tem tanto a aprender.

Então, quando o motorista abre a porta para nós, Dee Dee pega a mão dele e desliza até ficar de pé. Ela está vestida com uma estampa de onça dourada, da cabeça aos pés, e acho que a ouço ronronar.

O motorista solta a mão dela e se inclina para pegar a minha. Eu a pego e me lanço para a calçada com toda a graciosidade que consigo. Uma brisa ergue minha saia e eu a agarro, em pânico.

Atrás de mim, Barry... Bom, ele flutua para fora da limusine. Não há outra palavra para descrever. Ele vira uma diva instantaneamente, e é um pouco perturbador. Ele tem sido tão fada madrinha que nem me ocorreu que ele poderia flertar com alguém. De verdade. Depois de uma olhada cuidadosa demais para o motorista, Barry diz em um barítono totalmente inédito:

— Obrigado, querido.

— De nada, senhor — o motorista responde e o encara de volta! Ele olha para o rosto de Barry e então... para a faixa na cintura dele. Isso não

foi uma alucinação, ele totalmente secou Barry! Os gays estão florescendo em Indiana!

Tenho bastante certeza de que ouço Dee Dee resmungar para Barry:

— Vadia.

Em resposta, Barry sussurra alegremente:

— Cortesã.

Talvez amanhã, depois da festa, eu pergunte a Barry e Dee Dee se eles são realmente amigos. Mas isso é amanhã – hoje eu estou maravilhada. Balões flutuam amarrados nos postes e a luz que sai da escola parece encantada. Há um brilho no ar: as nuvens estão baixas e elas refletem a luz dourada abaixo delas. É como se o céu fosse feito de seda, movendo-se elegante acima de nós. O ar é frio e limpo. É como um beijo no escuro e, cara, com este vestido, eu o sinto em todas as partes.

Um baixo pesado ecoa pelas paredes de concreto, chegando até aqui. Eu não consigo distinguir a música, mas não me importo. É a noite da formatura. Finalmente chegou.

— Posso? — Barry pergunta, oferecendo seu braço.

— Eu ficaria encantada — digo, aceitando-o.

Nós andamos juntos até a escola, Dee Dee nos ultrapassando facilmente. As portas da frente estão abertas. Eu venho aqui todo dia, mas hoje é diferente. Brilhante, animado e... estranhamente vazio. Todo mundo provavelmente já está no ginásio. Nós devemos ficar no ginásio durante as festas – sem andar pelos corredores.

Supostamente, um cara chamado Winston McCarthy descobriu os túneis de acesso que passam por baixo da escola e abriu um cassino extremamente (pelo que eu ouvi) lucrativo. Foram três semestres inteiros antes de ele ser pego. Que lenda. É uma pena ele não ter seu próprio troféu no Hall dos Campeões. Em vez disso, ele vive em nossa tradição oral, como todos os bons heróis do povo.

— Onde você vai encontrar sua *inamorata*? — Barry pergunta.

— Lá dentro — digo. Estou estrangulando o buquê dela. Tenho medo de que, se soltá-lo um pouco, eu o derrube. Estou prestes a ver o rosto dela. Estamos prestes a mostrar para o mundo que estamos apaixonadas. Hoje à noite, tudo muda. Cada passo na direção do ginásio parece um passo na direção do meu destino.

Estamos prestes a abrir as portas do ginásio quando escuto o diretor Hawkins gritando atrás de mim.

— Emma! Espera! — Ele corre pelo corredor na nossa direção.

Nós nos viramos e, para o meu horror (e divertimento, sendo sincera), Barry assovia para ele. Tipo, o diretor Hawkins está realmente elegante de terno, então se eu curtisse humanos supervelhos e também homens, eu talvez assoviasse também. Em vez disso, sorrio e digo de volta:

— Diretor Hawkins!

Exceto que... ele não está sorrindo.

E não está sozinho. Nan está caminhando daquele jeito assustadoramente apressado que ela normalmente reserva para as promoções de Black Friday. A expressão macabra dela faz uma onda de medo correr por mim. Eu aperto o braço de Barry com um pouco mais de força.

— O que está acontecendo?

— Eu tentei te encontrar antes que você saísse de casa — o diretor diz quando me alcança. Ele não está sem fôlego, apenas parece arrasado. — Emma, eu sinto muito.

Alyssa não vem. Claro que ela seria responsável o suficiente para deixar uma mensagem com uma confiável figura de autoridade. Claro que ela teria medo de me dizer isso ela mesma. Todas as cobras e borboletas dentro de mim viram cinzas. Eu tenho uma formatura, mas não tenho meu par.

A voz de Dee Dee explode atrás de nós, enchendo o ar.

— O que eles fizeram?!

Barry e eu nos viramos ao mesmo tempo. Dee Dee se joga na frente de Nan para me alcançar primeiro. Ela agarra meus ombros e me empurra contra seu peito. Seus tapinhas de consolo são como adagas ninjas nas minhas costas. Ela diz, sua voz ecoando pelo corredor:

— Como eles puderam? Como eles *ousaram*?

Me desvencilhando dela, olho para todos eles.

— Como eles puderam o quê?

A hesitação de Dee Dee dura um piscar de olhos.

Antes eu mencionei que não sou particularmente atlética, mas, quando o mundo para, resulta que eu me movo bem depressa.

Eu passo por Dee Dee e corro para dentro do ginásio. Ele está decorado com luas de glitter e estrelas de papel-alumínio, com faixas azul índigo e luzes brancas brilhantes. Há uma mesa com ponche e biscoitos e uma cabine de fotos com uma caixa cheia de acessórios como chapéus e plumas.

O palco está coberto por faixas prateadas, mas o DJ não é um DJ. É um iPod em uma caixa de som, tocando a playlist pessoal de alguém. A pista está vazia. As cadeiras estão vazias. O ginásio está vazio.

Eu nunca quis tanto desmaiar como agora. Mas não sou essa garota, aparentemente. Eu sou a garota que continua de pé, não importa com quanta força você bata nela. Eu absorvo os golpes, eu aceito os socos. As flores finalmente caem da minha mão e batem no chão de madeira brilhante com um suspiro de dor.

Os adultos se apertam atrás de mim. Eu ouço a voz deles, sinto suas presenças. Mas não importa o que estão dizendo. Eu pensei que tivesse imaginado o pior cenário possível: que Alyssa não ia aparecer. Até tinha me preparado para isso, um pouquinho.

Mas isso...

Quem poderia ter imaginado algo assim?

— As fotos começaram a aparecer nas redes sociais uma meia hora atrás — diz o diretor Hawkins de muito, muito longe. — E eu recebi uma mensagem da Associação. Eles dizem que cumpriram seu dever. Organizaram uma formatura inclusiva para a Emma. E que não é culpa deles se seus filhos escolheram ir a uma festa particular no Clube Elk em vez disso.

Ele disse que a mensagem veio da Associação de Pais e Mestres. Mas a Associação não tem como mandar mensagens. É uma organização, como a Klan ou as Kardashians. Não. A mensagem veio da sra. Greene, o que quer dizer que ela armou isso. Planejou isso. Executou tudo como uma chefe do crime.

Mas eu não entendo, porque eu recebi mensagens da Alyssa. Ela me mandou mensagens, tipo, o dia todo. Falando da mãe doida dela e da loucura de última hora e loucuraloucuraloucura. Mensagens que pararam... mais ou menos uma hora atrás.

Eles planejaram isso. A sra. Greene planejou isso. Shelby, Kaylee, Nick e Kevin e todos na escola *planejaram* isso!

Chocado, Barry diz;

— Acho que eu vou chorar. Eles fizeram isso pelas costas dela? A cidade *inteira* escondeu isso dela?

— Como eles puderam fazer isso conosco? — Dee Dee lamenta. — Isso deveria ter sido uma vitória fácil! Deus, alguém me acorde deste pesadelo publicitário!

Nan cerca Dee Dee.

— Desculpa, “vitória fácil”?

O diretor Hawkins se vira para ela também.

— Espera. É por isso que vocês vieram? Pela publicidade?

Eu olho para Barry. Barry em seu smoking. Barry que me trouxe vestidos que eu nem queria. Titia Barry. Barry que jura que sabe exatamente como é isso. O empático e doce Barry.

Anestesiada, eu digo:

— Eu sou só uma peça de publicidade pra vocês?

— Vamos fazer o seguinte — Barry diz, ignorando minha pergunta. O rosto dele está rosado e a testa começando a brilhar. — Vamos voltar pra dentro daquela limusine, vamos para a outra formatura e vamos...

— Para! Só para!

Eu grito por cima do som do DJ iPod, por cima do som dos egos de Barry e Dee Dee. Isso nunca foi por minha causa. Não para eles. O diretor Hawkins só estava feliz por eu não estar usando metanfetamina. Nan lutou porque eu pedi. Acho que nunca perguntei a ela se ela achava que eu *deveria*. E Alyssa... não. Não posso nem pensar no nome dela agora.

Barry estica o braço na minha direção.

— Emma...

Eu afasto a mão dele.

— Eu não quero mais ajuda, o.k.? Vá em frente, vá para a outra formatura, sr. Pecker. Eu tenho certeza de que pra você vai ser fácil entrar.

E então vou embora. Eu nem tento correr. Eu ando, com meus grandes ossos de dinossauro e meus grandes pés monstruosos, neste estúpido vestido monstruoso que eu nunca quis vestir, para fora da Escola James Madison.

Talvez para sempre.



ALYSSA

— Onde estamos? — pergunto quando a limusine para.

Eu preciso perguntar, porque aqui não é a James Madison, portanto não pode ser a formatura. Meus pensamentos giram loucamente, tentando entender o que está acontecendo.

Minha mãe disse algo sobre *uma* das minhas surpresas. Eu presumi que uma carona com pessoas que não são realmente minhas amigas desde o terceiro ano já era surpresa suficiente para uma vida. Mas não, agora estamos nessa localização misteriosa.

Ninguém me responde. Em vez disso, Kaylee ergue o celular e gruda o rosto ao de Shelby. Elas fazem V com os dedos, tentando ficar o mais bonitas possível antes do flash disparar, e então Kaylee instantaneamente posta um snap. A Kaylee do presente sorri para a Kaylee digital de dois segundos atrás.

— Eu odeio parecer convencida — Kaylee diz, dissimulada —, mas até eu me pegaria.

— Eu também te pegaria — Shelby se mete. Ela então instantaneamente corrige: — Mas nada lésbico.

Não vai ser uma surpresa se eu te disser que Nick e Kevin concordam com todos os níveis de gatiche das meninas que até bem recentemente eram residentes semipermanentes dos colos deles.

Os dois saem da limusine, deixando nós três nos virarmos sozinhas. Quando o fazemos, fica claro que estamos todos brilhando sob a luz da placa do Clube Elk.

Ao nosso redor, pessoas fluem na direção das portas. Cada vez que elas se abrem, uma explosão de música escapa. Risadas flutuam à nossa volta, gritinhos animados cortados pelo brilho de celulares em paus de selfie.

Eu estico minha mão, segurando Kaylee na calçada.

— Não estou brincando, o que está acontecendo?

— Olha — Kaylee diz, sua voz um caldeirão de uma pura e intocada gentileza cruel —, perceba que estamos te fazendo um favor e agradeça, Alyssa.

— Tudo bem você não ligar pra ser popular, mas estamos salvando você de você mesma. — Shelby concorda, seus brincos sacodindo como pêndulos. Eles mudam com a luz, brilhantes e então escuros, quase hipnotizantes.

Inclinando-se para mim, Kaylee sussurra:

— Nós sabemos sobre você e a Emma.

As palavras dela são como um soco, tirando o ar dos meus pulmões.

— Você não quer ser uma messias — Shelby acrescenta.

De boca aberta, eu me pego corrigindo Shelby em vez de processar o que elas acabaram de dizer.

— Você quer dizer *pária*.

Alegremente, Shelby cruza seu braço ao de Kaylee e dá de ombros.

— Que seja, é a formatura. É a nossa noite. Vamos nos divertir!

— Não, esperem — digo áspera, estendendo a mão na frente delas. — O que vocês querem dizer com vocês sabem?

Kaylee revira os olhos. Seus cílios grossos como pernas de aranha batem quando ela sacode a cabeça.

— Anna Kendrick e John Cho? Dois pares misteriosos de outra escola, uma para a lésbica da cidade e outro para a presidente do conselho

estudantil que acha que é sutil ao segurar a mão dela em público? Quer dizer, fala sério.

— Além do mais, você sempre a defende — Shelby nota casualmente. — E você deixou aqueles doidos de Nova York irem à nossa reunião. É meio óbvio.

— Por que vocês não disseram nada? — pergunto, me sentindo fraca e levemente enjoada.

Irritada, Kaylee escolhe suas palavras com cuidado e as pronuncia bem devagar.

— Porque a gente não queria que a sua mãe cancelasse a formatura, tonta.

— Uhuuu, formatura! — Shelby diz, fazendo um gesto de vitória para o alto. — Vamos, está começando. Vamos entrar!

Envolta por uma nuvem de confusão, eu caminho conforme Kaylee e Shelby conseguem me arrastar para dentro. Todo esse tempo com a Emma, eu tive cuidado, nós tivemos *tanto* cuidado. Kaylee e Shelby não são idiotas, mas são as pessoas mais egocêntricas que eu conheço — e *elas* perceberam? Meu coração para e meus ouvidos zumbem quando entramos.

Tudo está coberto de vermelho e dourado. Lâmpadas de gênios de papelão estão penduradas no teto. Grandes ondas de gaze vermelha emolduram as mesas. Pequenos camelos de papel estão espalhados pela mesa de bebidas. Eles pastam por entre copos de plástico dourados e pratos de papel vermelho, ao lado de uma enorme tigela plástica cheia de ponche vermelho-vivo. Até a cabine de fotos é uma tenda vagamente oriental com uma faixa que diz MIL E UMA NOITES.

Estou chocada, especialmente quando vejo algumas pessoas do time de basquete usando turbantes. Essa não é a festa que planejamos desde o Natal. Essa é uma monstruosidade racista que saiu de um universo alternativo.

E Emma não está em lugar nenhum. Vou pegar meu celular e noto que ele não está comigo. Ainda está na mesa da Joan no salão. Kaylee e Shelby sumiram assim que chegamos na porta, o que me deixa sozinha para procurar por Emma.

É como uma casa de terror aqui dentro, luz vermelha pulsando em rostos familiares, as sombras as distorcendo. A risada é alta demais e vibra

em uma frequência que me causa arrepios. Ninguém está me tocando, mas me sinto empurrada, puxada e esmagada, lutando contra a neblina de uma máquina de fumaça e as adagas afiadas das luzes que piscam na pista.

Eu a procuro por toda parte: na pista de dança, nos banheiros, até mesmo na cozinha, onde as mães da Associação estão enfiando *sherbet* em uma tigela extra de ponche em velocidade máxima.

Sem fôlego e em pânico, volto para o salão principal. Me apoiando na parede para não cair, aperto os olhos, examinando a multidão várias vezes, esperando ver um rosto, *aquele* rosto.

Nada disso faz sentido. A essa hora do dia de ontem, eu ainda estava ajudando a montar o ginásio para “Uma Noite Para Recordar”. Minha mãe não disse nada sobre a mudança de lugar; ela estava bem mais interessada em toalhas de mesa impermeáveis e aprovar a playlist do DJ. Eu não entendo quando tudo isso pode ter acontecido.

De alguma forma, por cima do ruído da multidão, ouço a voz dela atrás de mim. Ela deve ter entrado pela porta lateral e ido direto para a cozinha. Quando me viro para entrar de novo, ela bloqueia a porta. A parte pior e mais devastadora é que ela parece *feliz*. Tipo, genuinamente feliz, de uma forma que não a vejo desde antes do papai ir embora.

— O que você acha? — ela pergunta, acenando para as Noites Árabes em volta de nós.

— Eu acho que estou confusa, mãe — digo. — Por que você mudou a formatura de lugar? *Quando* você mudou a formatura de lugar?

— No último minuto. Havia um problema que precisava ser resolvido.

Bom, não me espanta que ela tenha passado o dia no telefone. Estou com medo de perguntar quando ela começou a planejar essa mudança e como aparentemente todo mundo sabia menos eu. Foi hoje de manhã? Noite passada? De repente, um metal pesado se derrete sobre os meus pés, me puxando para baixo. Eu me sinto tão pesada que poderia cair pelo chão. Ela decidiu fazer isso na noite da reunião? Quando eu a pressionei? *Porque* eu a pressionei?

Espera.

Olho em volta de novo e uma agulha de gelo corta meu coração. Lugar novo, endereço secreto, um problema que precisava ser resolvido. É agonizante respirar, mas eu preciso. Eu preciso abrir a boca, preciso perguntar:

— Mãe, cadê a Emma Nolan?

Minha mãe ri com leveza, sem nenhuma nota de dureza por baixo.

— Eu tenho certeza de que ela está em sua formatura inclusiva, Alyssa.

— Mãe, você não...

— Eu não gosto quando estranhos acham que podem entrar na nossa comunidade e nos dizer como viver. Nossas regras eram um problema? Ótimo, consertar probleminhas é o que eu faço. E agora todo mundo está feliz. Ela tem uma formatura e nós temos nossa formatura.

Chocada, não sei o que dizer. Eu não tinha ideia de que minha mãe podia ser tão cruel. Passando as mãos pelos meus braços, ela me olha de novo, seu sorriso se abrindo até ficar quase maníaco.

— Eu não te deixaria perder uma noite como esta, Alyssa. Isso é pra você. Eu fiz tudo isso por você.

— Isso não é...

Ela me interrompe.

— Agora vá se divertir. Eu estarei aqui garantindo que tudo saia perfeito.

Eu me afasto dela porque não conheço essa mulher. Essa pessoa calculista e manipuladora fingindo ser minha mãe é assustadora. Ela saiu de *Guerra dos Tronos* direto para *Guerra das Festas*. E ela ganhou.

Eu preciso sair de perto de Elena Lannister Greene. Se eu olhar para ela mais um segundo, acho honestamente que vou vomitar.

Quando me viro, tropeço na pista de dança, na multidão. Como eu não posso voltar, preciso cortar por um mar de pessoas tendo a melhor noite de suas vidas. Corpos se chocam em volta de mim. A música, as vozes, elas enchem minha cabeça até estarem socando meus tímpanos querendo sair. Tudo gira e se funde como em um pesadelo. Eu queria poder acordar. Eu nem sei para onde estou indo – tudo que sei é para *longe, longe*.

Kaylee agarra meu braço e me puxa de volta para o presente.

— A gente tem que tirar uma foto juntas.

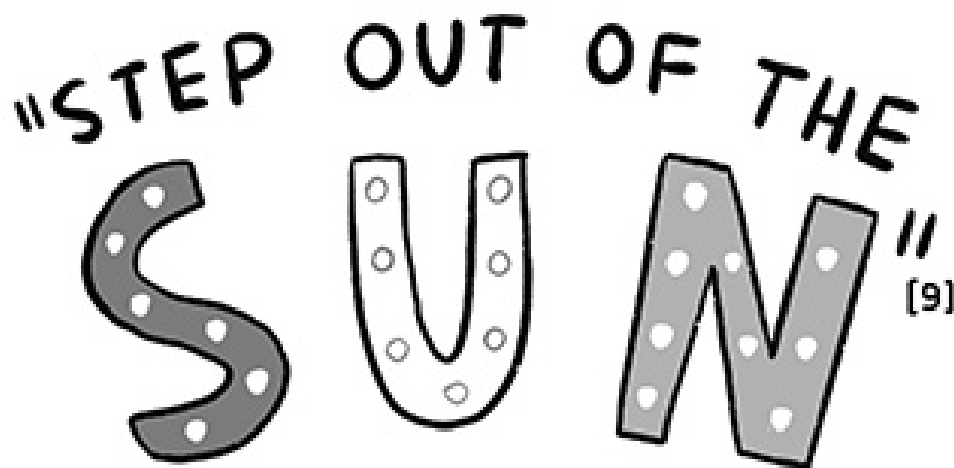
— Não, não posso, eu tenho que ir...

— Você é parte da organização da festa, Alyssa. Não me faça passar vergonha.

Minha mãe realmente organizou tudo. Eu não consigo ir embora. Eu não posso pedir ajuda. Eu nem posso avisar Emma. A vontade de vomitar volta com tudo. Coloco a mão sobre a boca, por garantia, e é só isso que

Kaylee precisa para me arrastar para a cabine de fotos. A fotógrafa me coloca bem no meio, com um casal de cada lado.

Ela diz a eles para sorrirem, eles dizem “xis!”, e uma única lágrima escorre pelo meu rosto.



EMMA

A parte boa da sua vida inteira implodir é que as pessoas param de questionar suas escolhas ruins. Faz dois dias que estou usando o mesmo pijama, e estou em uma dieta rígida de sorvete derretido e biscoitos de chocolate.

Hoje deveria ser meu primeiro dia de aula desde... bom, você sabe. Quando Nan veio ao meu quarto esta manhã, nem me movi da minha perfeita posição fetal na cama.

— Eu não vou — eu disse.

Ela fechou a porta em silêncio e não comentou.

Eu sei que Barry e Dee Dee vieram até aqui. É impossível não ouvir suas vozes treinadas para chegarem até o fundo do teatro. Por sorte, Nan os mandou embora toda vez. O que me poupa o esforço de ter que sair da cama e achar objetos pesados para jogar neles.

Quando cheguei em casa da formatura, postei um vídeo de um minuto no *Emma Canta* porque eu sabia que as pessoas iam perguntar como foi.

Então liguei para Alyssa quatro mil vezes e deixei quatro mil mensagens, pesquisando no meio-tempo Dee Dee Allen e Barry Glickman no Google. Adivinhem o que eu descobri!

Não, não adivinhem. Eu vou contar.

Logo antes de eles aparecerem em Indiana, o musical novo dos dois havia sido um fracasso. Um grande fracasso. Fracassou tanto que até as pessoas de Nova Jersey odiaram. Eu não sei quanto tempo um musical fica na Broadway, mas acho que fechar depois da primeira noite é *ruim*.

Então a carreira deles afundou e eles me escolheram como símbolo de sua turnê de gestão de crise. Tipo, eles deram *entrevistas* sobre isso – eles fizeram uma sessão de fotos com placas de protesto antes mesmo de virem para Indiana.

De certa forma, não estou surpresa por Dee Dee querer me usar. Honestamente, eu não ficaria surpresa se ela comesse focas bebês no café da manhã com água de calotas polares derretidas – záz! –, mas a traição de Barry abriu uma ferida.

Eu não consigo acreditar quão estúpida eu fui e quão facilmente confiei nele. Eu não consigo acreditar que não percebi que nada daquilo era para mim. Ou mesmo *por* mim. Como pude ser tão ingênua?

Ah, e a Alyssa por acaso ligou de volta? Que bom que você me perguntou, meu amigo. Ela não ligou. Mas *há* fotos dela reinando na corte das trevas com Kaylee e Shelby. Todas elas estavam com coroas, não é fofo?

Porque eu adoro a dor, passei um tempo olhando a hashtag #jmformatura19. A formatura de verdade parece ter sido ótima, uma daquelas baladas com cordão de veludo na frente e uma lista de convidados bem seleta. Eu estudei os detalhes de fotos e mais fotos. Memorizei os rostos. Fiz um inventário mental com uma etiqueta no topo: inimigos.

E, em cada foto, eu procurei sinais de Alyssa. Eu só achei algumas, a maioria com a dupla nojenta. Mas! Havia uma foto superadorável de mãe e filha na cabine.

A sra. Greene estava tentando o papel de Coringa na dela, seus lábios um corte de batom vermelho e uma boca cheia de centenas de dentes brancos. O sorriso da Alyssa era mais tenso, mas estava lá.

Pois é. Ela ainda tinha um sorriso dentro dela. No pior momento possível da minha vida no ensino médio, minha namorada sorriu para o fotógrafo oficial da formatura real da Escola James Madison, que aconteceu para pessoas reais.

Eu me torturei com isso por um tempo, tirando prints das fotos e as colocando em seu próprio álbum. De um lado para o outro, só olhando a Alyssa. Analisando o rosto dela. Quer dizer, eu o venho estudando há anos e sei que ela não está tendo a melhor noite da sua vida. Mas eu também sei que ela está *na formatura secreta sobre a qual ela não me contou*.

Depois de um tempo, desliguei meu telefone e o joguei na pilha de roupa suja no canto do quarto. E ele segue lá. Por isso o despertador Nan e o silêncio total do quarto. É bom. Me dá a chance de dormir. O sono e eu temos uma boa relação, uma garota em fase de crescimento totalmente precisa de dezoito horas de inconsciência por dia, certo? Traga a escuridão sem sonhos, eu serei a Bela Adormecida durante a colação de grau e as férias.

Exceto que eu dormi tanto nos últimos dias que minhas costas meio que doem e não estou nem um pouco cansada. Em vez disso, todos os esquilos dentro do meu cérebro conseguiram alguma cafeína, e minha mente vai de ponto morto a velocidade máxima.

Ela acorda com todas as coisas que eu venho tentando não pensar, tipo o que há de errado comigo para essas coisas continuarem acontecendo? Fui uma serial killer na minha vida passada e é por isso que esta é uma droga? Eu estou compensando meus erros metafísicos? Ou eu só sou amaldiçoada nesta vida mesmo? Talvez eu tenha comido os rabanetes e repolhos de alguma bruxa quando era pequena.

Isso é ridículo.

Eu rolo para fora da cama e me levanto. Se vou odiar a mim, minha vida e todo mundo nela, vou precisar de mais sorvete. Vestindo um roupão por cima do pijama, deliberadamente ignoro o espelho. Tenho a sensação de que meu cabelo está saltando em uma asa gigante de um lado e embaraçado para baixo do outro. Eu não preciso de confirmação visual.

Minhas palmas coçam quando passo pela pilha de roupas onde joguei meu celular. Meu cérebro me diz para seguir andando, tem sorvete de chocolate esperando por mim na cozinha. Mas meu coração

completamente idiota quer ver se a Alyssa respondeu. Eu encaro a pilha por um segundo, decidindo o que fazer, mas já sei o que vou fazer.

Enfio a mão na bagunça de jeans do avesso e pego meu celular. Eu sou um urso em um córrego cheio de salmões. Consigo na primeira tentativa. Uma grande onda de náusea quebra minha indiferença enquanto espero meu celular ligar.

Quando ele finalmente liga, faz um alegre barulho de mensagem e então explode. Notificações de mensagens rolam como um crédito de *Star Wars*. Tem um monte de notificações do YouTube também. Ah, e mensagens de voz – oito dessas.

Antes que eu possa começar meu mergulho profundo, o telefone toca. Eu grunho de surpresa e quase o jogo do outro lado do cômodo. O nome brilha na tela. Alyssa. Só ver o nome dela é um soco no estômago, e eu considero rejeitar a chamada. Mas meu dedão completamente idiota toca o ícone verde e diz:

— Alô?

— Emma — Alyssa diz. A voz dela está áspera, como se tivesse chorado. — Você está aí?

Me afundando na minha pilha de roupa suja, eu luto para falar. Finalmente, consigo dizer:

— Sim, sou eu.

— Ah, meu Deus, você está bem?

Eu rio. Sério, eu rio. Isso é uma pergunta séria?

— Não, estou ótima. Estou fantástica. Quer dizer, claro, minha namorada foi a uma formatura secreta com pessoas que ela jura que não suporta e me deixou sozinha em “Uma Cidade Fantasma para Recordar”, mas tudo bem. Está tudo bem. Estou *ótima*.

— Eu sinto muito, Emma — Alyssa gagueja. — Eu juro, eu não fazia ideia.

Ah, que bom. A raiva entrou na sala. Eu gosto da raiva. Ela é boa, transparente e específica.

— Como não? Sua mãe foi a anfitriã e você estava no comitê da festa!

Com uma fungada, Alyssa diz:

— Eles esconderam de mim. E então a Kaylee e a Shelby jogaram uma bomba em mim. Elas descobriram que estamos juntas e queriam garantir

que a formatura fosse acontecer. Toda a Associação estava planejando pelas minhas costas.

— Eu não acredito em você.

Choque explode na linha.

— Você realmente acha que eu faria uma coisa dessas com você?

— Eu não acho nada! — grito. — Aconteceu. Eu vi as fotos. Bela coroa, aliás.

— O que eu preciso fazer pra te provar? Porque eu não sabia. Minha mãe me seguiu a noite toda. Eu estava sem meu celular e não podia escapar e sinto muito mesmo, Emma, mas eu não sabia que eles iam fazer isso com você. Eu estou tremendo e chorando há dois dias. — Alyssa implora, mas há uma irritação de fundo.

— Bom, então somos duas.

— Por favor, Emma. Por favor.

— Tudo bem — digo, porque dói. A sensação é de um machado no meu peito, me partindo em duas. Ouvir Alyssa chorar me faz ter vontade de consolá-la. Mas saber por que ela está chorando me faz querer gritar.

— Vem me ver. Vem falar comigo cara a cara, pra eu poder olhar nos seus olhos.

— Não posso.

Rá. Eu peço uma coisa e já tenho um não. Batendo a cabeça na parede, pergunto:

— Não pode ou não quer?

Baixando a voz, Alyssa diz:

— Minha mãe está aqui. Eu acho que ela sabe e está fazendo de tudo pra *não* saber. Ela está me vigiando a todo segundo.

Tudo que ela acabou de dizer é um tapa na cara. Toda essa briga, toda essa negociação durante meses por causa da festa e se iríamos juntas ou não, se contaríamos para as pessoas e... ela acha que a mãe dela já sabe? Eu não consigo esconder minha frustração. Se meu cabelo não estivesse tão oleoso, ia puxá-lo para fora da cabeça.

— Ah, meu Deus, Alyssa, se você acha que ela já sabe só conte a ela! Conte a ela que estamos apaixonadas! Esse era o plano, não?

— Não posso — ela diz, pequena e chorosa. — Já é ruim o suficiente que a Kaylee e a Shelby saibam.

Ah. Ah, uau. Minha raiva passa para superquente, tão quente que eu mal consigo senti-la. Estou tão quente que poderia cortar a atmosfera. Eu poderia ferver oceanos e arrasar a Terra.

Ela tem usado a mãe como o motivo pelo qual não pode se assumir há meses, e de repente percebo que não é um motivo. É uma *desculpa*. Sim, a mãe dela é obviamente preconceituosa e homofóbica, mas parece que a Alyssa também carrega um pouco disso consigo.

Lentamente, repito:

— *Ruim* o suficiente?

— Não é o que eu quis dizer.

— E, ainda assim, é exatamente o que você disse — disparo.

— Emma, me desculpa.

Pelo que ela está pedindo desculpas, exatamente? Pelas palavras erradas? Ou por como ela realmente se sente a nosso respeito? Não importa. Eu estou sem bateria. Eu não posso fingir que estou alegre, mas amarga funciona.

— O.k., ótimo. Isso conserta tudo. Obrigada por ligar!

Então eu desligo. Eu desligo na cara de Alyssa Greene, a garota do piquenique da igreja, meu primeiro amor, meu primeiro beijo, meu primeiro tudo. O que é verdade, em tantos níveis, porque ela foi meu primeiro segredo de verdade também. Ela foi a mentira mais longa que já contei. Eu queria que ela fosse feliz, não queria que perdesse tudo como eu perdi.

Nós estamos tão perto da faculdade. Ela está tão perto de ficar livre da mãe dela e suas neuroses e eu pensei, eu realmente pensei, que dessa vez ela se assumiria e ficaríamos juntas. De verdade, sem nos escondermos mais.

Mas esse tempo todo eu pensei que a mãe dela era a única coisa que a impedia. A família dela. De verdade. Eu acreditei nisso até quinze segundos atrás, quando ela falou que era *ruim o suficiente* que Kaylee e Shelby soubessem.

Agora Alyssa Greene é meu primeiro coração partido, e acho que vou morrer dele.

FIVE HUNDRED
TWENTY-FIVE THOUSAND
SIX HUNDRED
MINUTES^[10]

ALYSSA

Eu assisti ao vídeo que a Emma postou na noite da formatura mil vezes.

— Foi assim que aconteceu — Emma conta para a câmera, passando os dedos pelos cabelos. Ainda há traços de maquiagem no rosto dela, mas ela já está de camiseta. Especificamente uma camiseta que diz: OBSERVE O CAMPO NO QUAL EU CULTIVO MINHA PREOCUPAÇÃO, COLOQUE OS OLHOS SOBRE ELE E VEJA QUE ESTÁ VAZIO.

Ajustando a tela do notebook, ela desce os olhos para o brilho.

— Bom, não aconteceu. Quer dizer, é, o ginásio estava decorado e havia música tocando, mas eu era a única ali. Acontece que eu era a única que queria estar na festa inclusiva. Todo mundo, incluindo — não, vamos deixar em todo mundo — foi à festa secreta e *não*-inclusiva. Mas, ei, pelo menos eu tirei todas essas fotos legais para os meus stories no Instagram!

E então há uma breve e horrível sequência de imagens com uma música triste de um comercial com um cachorro ao fundo – imagens do ginásio, vazio. Das cadeiras e mesas, vazias. Do palco, vazio. Das comidas e tigelas de ponche, intocadas. A tela fica preta e uma fonte brilhante gira pela tela dizendo: *Feliz formatura!*

É curto e Emma está arrasada. Eu continuo assistindo porque espero que... não sei. Que o passado vá mudar? Que a dor vá diminuir? Que de alguma forma isso possa acabar diferente? Eu não sei o que espero, mas odeio ver o coração dela se partindo em tempo real.

Mas estou feliz por ela não ter vindo para a escola hoje. Todo mundo está falando sobre o vídeo, e é bem estranho. Algumas pessoas estão bravas porque ela não esquece o assunto, outras começaram a se sentir culpadas. Mas todas estão obcecadas com o número de visualizações que ela está tendo e as pessoas semifamosas que compartilharam o link – eu tenho uma boa certeza de que todo mundo que já escreveu um romance YA nos últimos três anos tuitou sobre isso, assim como milhares de pessoas da Broadway... e um monte de jornalistas.

E é por isso que o diretor Hawkins mudou completamente a rotina do fim do dia. Não podemos sair pela porta da frente como de hábito. Nós estamos saindo diretamente pelo estacionamento dos alunos, passando pelas portas do ginásio e indo direto para nossos carros e ônibus.

Uma frota de jornais apareceu logo depois do almoço e se instalou no estacionamento da frente. Eles têm câmeras e repórteres de cabelo brilhante com microfones, e foi dito explicitamente que não podemos falar com nenhum deles sem um pai presente.

Breanna Lo toca no meu ombro. Quando me viro, ela está com seu iPhone erguido:

— Estou gravando um episódio do meu podcast sobre a controvérsia, você pode dar uma declaração?

— Foi cruel e injusto, e nada disso deveria ter sido uma questão pra começar.

— Amo — Breanna diz. Ela abaixa o aparelho e então pergunta: — Só pra deixar claro, estamos falando com Alyssa Greene, nossa presidente do conselho estudantil. Alyssa, você pode nos dizer a qual festa foi?

Minha língua ocupa toda minha boca e sacudo a cabeça. Eu deveria ter ouvido o diretor Hawkins – nada de falar com repórteres, de nenhum tipo.

Com o máximo de elegância que consigo, dispenso Breanna e saio para pegar meu carro. Embora não devamos ser filmados, várias pessoas estão se arrastando na frente das câmeras, casualmente garantindo que serão vistas.

O sr. Thu surge e começa a apressar as pessoas, mas ele não consegue controlar todo o narcisismo sozinho. Eu tento manter a cabeça baixa enquanto saio do estacionamento. Mas, quando me viro na direção de casa, vejo um carro que parece ser... Não, que *é* o da minha mãe.

Me virando, sou atingida por uma onda de frio quando a vejo parada no campo em frente à escola, segurando seu casaco junto ao corpo e falando com uma equipe de reportagem de Indianápolis. Ah, Deus, o que ela está dizendo agora? Por que ela não consegue apenas deixar quieto?

Olho de volta para a rua bem na hora de pisar nos freios. Todo meu corpo fica rígido e o choque tira o ar dos meus pulmões. Eu quase bato no carro da frente. Um acidente, bem na frente da James Madison, é a última coisa de que preciso.

O trânsito se arrasta pela cidade. Isso é ridículo, estou a seis quilômetros por hora. Desse jeito vou chegar em casa quinta que vem. Eu dou seta e encosto no estacionamento do Walmart. Não preciso de nada, mas é um bom lugar para enrolar. Há mesas na frente e as máquinas de Coca-Cola são baratas.

Quando estaciono, é óbvio que não fui a única pessoa a ter essa ideia. Um monte de caras do time de basquete está passando com suas picapes pela entrada, inclinando-se para fora das janelas para gritar para as garotas nas mesas. É como este lugar fica numa sexta à noite, exceto que é dia e estamos todos com roupas de escola.

— Eiii, Alyssa — Shelby chama quando eu apareço.

Kaylee acena com os dedos para mim.

— Senta aqui, rainha.

Por dentro, eu hesito, mas minhas pernas me carregam até lá. Eu não quero me sentar com elas. Eu nem quero olhar para elas e, ainda assim, de alguma forma, minha mãe redesenhou minha vida. Eu voltei para o fundamental, quando ela escolhia minhas roupas, meus amigos e ditava tudo no meu dia. Eu sou uma folha ao vento, incapaz de escolher minha direção, à mercê de forças externas.

— Você sabia que nossa escola apareceu na CNN? — Kaylee diz, virando-se para deixar uma de suas subminions trançar seu cabelo.

— O quê? — pergunto, sem expressão.

— É, na página principal. — Ela faz uma expressão azeda e então lê a manchete: — “Edgewater, Indiana, é coberta de preconceito.” Tipo, sério? Eles estão agindo como se fôssemos monstros.

Shelby concorda com a cabeça como uma boa líder de torcida.

— Sério. A gente deu uma festa pra ela, sabe.

Eu começo a dizer algo – nem sei o que –, mas há um ruído baixo que corre pelas pessoas reunidas nas mesas. De repente, alguém grita:

— É o sr. Pecker!

Todos nós torcemos o pescoço e mais pessoas gritam. É uma tempestade de “Pecker!” e eu não posso acreditar que o sr. Glickman está saindo do Walmart com uma pequena sacola nas mãos. Eu não imaginei que ele ainda estava na cidade, presumi que ele e a sra. Allen tivessem ido embora depois da noite da festa e voltado para Nova York.

— Diga! — Shelby grita, fazendo um cone com as mãos em volta da boca para amplificar a voz.

Nick e Kevin saltam da caçamba de uma picape e se juntam a nós para cantar também:

— Diga! Diga!

O sr. Glickman respira fundo e revira os olhos. Sem muito entusiasmo, ele cospe o bordão do sr. Pecker em *Fale com a minha mão*.

— É hora do Pecker!

Todo mundo grita e ri. Kaylee cutuca Shelby, colocando moedas na mão dela.

— Podemos te oferecer uma bebida, sr. Pecker?

Ele passa a mão em volta do pescoço.

— Esse... é um instrumento finamente afinado. Eu não vou insultá-lo com — ele olha as latas na mesa — Mountain Lightning Diet.

Com as narinas abrindo, Kaylee endireita os ombros.

— O.k., então.

O sr. Glickman dá alguns passos como se fosse embora. Então ele gira, voltando para nos encarar. Parece meio ensaiado, mas, sendo justa, tudo na sra. Allen e no sr. Glickman parece ensaiado.

— Sabe, acho que eu fui injusto. Vindo até seu encantador vilarejozinho pra fazer exigências.

— Você fez minha mãe chorar de raiva — Shelby comenta.

O sr. Glickman coloca a mão no peito.

— Ah não, eu fiz? Como?

Shelby acena com a mão.

— Você sabe. Tentando deixar nossa formatura toda gay.

— Entendo, entendo, entendo — o sr. Glickman diz. Ele não me vê olhando — provavelmente nem se lembra de quem eu sou. Mas o olhar dele parece deslizar por mim. O que é bom, porque eu estava certa, isso não é totalmente espontâneo.

Eu sinto que ele está prestes a provar um argumento que já provou antes — uma performance disfarçada de conversa. É exatamente assim que eu falo com as pessoas que querem que o conselho estudantil torne o dia da maconha um feriado estudantil ou que a Domino's seja a patrocinadora oficial da cantina.

Kaylee se inclina sobre a mesa e olha para ele.

— Então, você se arrepende?

— Peço sinceras desculpas — o sr. Glickman diz. — Vocês têm algo contra mim?

— *Nah* — Nick diz rindo. — Você é o sr. Pecker!

— Então algum de vocês queridinhos poderia me explicar por que não queriam Emma na formatura de vocês?

— Porque, sabe, é errado — Kevin diz isso como se fosse a resposta mais óbvia do mundo.

Então, para reforçar seu argumento, ele continua:

— Está na Bíblia.

— E nós acreditamos na Bíblia — Shelby concorda e se aninha sob o braço de Kevin. Kevin passa o braço pelas costas de Shelby e cutuca sutilmente a taça do sutiã dela. Ela ri, mas não tira a mão dele. Encantador.

O sr. Glickman os observa lentamente.

— Entendo. Está na Bíblia e vocês são crentes verdadeiros. Se é esse o caso, vocês não têm medo?

— Do quê? — Nick pergunta.

Ahhhh, sim. Lá vamos nós. Eu já entendi para onde isso está indo, e me surpreende que eles não vejam. Bom, não, acho que não me surpreende.

Todos nós temos Bíblias com capas de couro branco, presentes por passar da escola dominical para a Celebração da Juventude. Mas não somos exatamente encorajados a lê-las do início ao fim.

Nós temos guias de discussão que focam em certas histórias, nos dizem o que devemos sentir e pensar a respeito dessas histórias. Normalmente, são parábolas e milagres, uma eventual mulher inspiradora ou atos de fé. Não é um mergulho profundo de forma alguma.

Graciosamente, o sr. Glickman desliza para se sentar em um banco. Com um aceno de mão, ele aponta para o pé de Kaylee.

— Bom, vejo que essa adorável jovem tem uma encantadora tatuagem de golfinho no tornozelo.

Kaylee se anima de novo, agora que a conversa se voltou para seu assunto preferido.

— Férias do meio do ano passado, e o cara disse que eu tinha os melhores tornozelos que ele já tatuou.

— Aposto que sim — o sr. Glickman diz de modo agradável. — Pena que você vai para o inferno por causa disso.

— Como é? — Kaylee geme.

— Bom, está na Bíblia.

Fechando a cara, Kaylee diz:

— Não está, não.

— “Nem no vosso corpo imprimireis qualquer marca” — o sr. Glickman diz. — Pode procurar, está em Levítico.

Kaylee puxa o celular. Ela nem precisa do Google; ela tem um aplicativo da Bíblia bem na tela inicial. Dá para notar o segundo em que ela acha a passagem em questão. Um pouco do fogo a abandona – mais porque ela está errada do que está realmente preocupada de ir para o inferno, é o que eu chuto. Ela bate com o celular na mesa e diz:

— Isso não conta.

— Então você escolhe como quiser? — o sr. Glickman diz. Mas ele não a deixa responder. Ele vira a cabeça para Kevin. — Porque, deixe-me adivinhar, senhor. Você tem bastante ação na sua vida.

— Eu tenho — Kevin diz, puxando sua jaqueta do time, e Shelby dá uma risadinha encostada nele.

— Bom, então isso quer dizer que todo mundo na sua igreja está autorizado a jogar pedras em sua preciosa cabecinha até que você *morra*.

Shelby parece preocupada.

— Nãaaaaao. Não na cabeça do meu Kevin!

— De jeito nenhum isso está na Bíblia — Kevin diz, porque ele obviamente não aprendeu a lição quando Kaylee procurou um versículo nem dois segundos atrás. E, porque ela não está disposta a ser a única a passar vergonha hoje, ela faz exatamente isso.

Erguendo o celular para Kevin e Shelby, Kaylee diz:

— Opa, desculpa, gente. Vocês vão ser apedrejados.

Com um risinho, Nick aponta para Shelby e Kevin. E então, alto, ele literalmente diz:

— Ha ha!

— Não pense que você se safou, meu jovem — o sr. Glickman diz a Nick. — Se eu não me engano, essa é uma jaqueta de poliéster e sua calça é jeans. Você vai para o inferno por usar dois tipos de tecido!

Eu aperto os lábios e assisto enquanto eles procuram as passagens e todo mundo em volta de nós começa a cochichar.

— Quem aqui ama nachos com carne e molho? — o sr. Glickman pergunta e então anuncia alegremente para as mãos que se erguem. — Inferno pra você, você e você! Vocês não sabiam que a Bíblia diz que não se pode misturar carne e leite na mesma refeição?

O murmúrio fica mais alto. Outras pessoas pegaram seus celulares para checar. Eles passam os olhos e ouço sussurros explodirem em volta de mim. Milo, dos Futuros Plantadores de Milho, xinga baixo porque achou uma regra sobre plantar dois tipos de plantas em um único campo; outra pessoa está chocada com *rasgar suas roupas*. Esse é provavelmente o mais de perto que qualquer um de nós já leu a Bíblia na vida... E acho que pode estar funcionando.

— São muitas regras — Shelby diz em voz baixa.

Kevin acrescenta:

— Eu não sabia que tudo isso estava ali.

Enquanto eu me maravilho com a silenciosa mudança na mesa, o sr. Glickman se levanta e ajeita o blazer com as mãos.

— Tem mais uma coisa aí que vocês deveriam dar uma olhada. Vocês deveriam saber que eu interpretei Jesus Cristo em três ocasiões diferentes: em *Superstar*, em *Godspell* e no presépio da minha tia *shiksa* Dorothy. E sabem o que eu tirei disso?

Já que ninguém mais diz nada, eu me voluntario:

— O quê, sr. Glickman?

— Primeiro, é preciso um judeu pra interpretar o messias com autoridade — ele diz, apontando para si mesmo de forma extravagante. — E, segundo, quando foi perguntado qual das leis era a mais importante, o próprio homem disse que *ama teu próximo* era a única regra com a qual ele se importava.

Dedos voam por telas, agora procurando essa frase. Cabeças sacodem por todo lado e olhos se erguem para o sr. Glickman. Engolindo um sorriso, eu observo ele enrolar meus colegas como carretéis.

Ele diz suavemente:

— E, se vocês me perguntarem, acho que ninguém mostrou muito amor à srta. Emma na noite da formatura.

Kaylee franze a testa.

— Pare de tentar confundir nossa cabeça.

— Tipo — Shelby diz —, ele não está errado. Nós costumávamos andar com ela.

— Antes de ela virar gay!

— Se ela virou, isso implica que ela não teve escolha. — O sr. Glickman dá de ombros exageradamente como se dissesse *não sou eu que faço as regras*. — E se ela não teve escolha, isso não quer dizer que Deus a fez assim?

— Não é assim que funciona.

O sr. Glickman vira seu olhar para Shelby.

— Ah, não? Quando você escolheu ser hétero?

— Nunca — Shelby diz. — Apenas sou.

O sr. Glickman fica em silêncio por um minuto, observando o rosto de Shelby até a compreensão finalmente surgir ali. Com um pequeno aceno de cabeça, ele abre os braços. Seu argumento foi provado. Então, ele se levanta e junta suas coisas. O plástico fino da sacola revela uma caixa de chá para a garganta e uma revista de fofocas.

— Eu preciso ir — o sr. Glickman diz calorosamente. — Mas digam comigo, mais uma vez?

E então o estacionamento do Walmart se enche com dezenas de vozes, todas dizendo ao mesmo tempo:

— É hora do Pecker!

SUAS VOZES SUAVES COMO
TROVÃO⁽¹¹⁾

EMMA

Quando eu emergo do meu casulo de sofrimento com meu computador, Nan corre para desligar a televisão.

— Sutil — digo, me sentando ao lado dela no sofá. Afastando a tela para que ela também possa ver, completo:

— Eu sei que está nos jornais.

Na verdade, é por isso que eu saí. Finalmente decidi olhar os comentários no vídeo da noite da formatura e descobri que minha história tinha viralizado. Ou, pelo menos, a versão da história que as pessoas conseguiram entender pelo meu vídeo e todas as entrevistas feitas na frente da escola viralizaram. É chocante, mas exceto por alguns tuítes raivosos naquela noite, Barry e Dee Dee ficaram em silêncio.

Nan passa um braço por mim e apoia seu queixo no meu ombro.

— Eu sinto muito por você ter que passar por tudo isso, Emma.

Me apoiando contra ela, digo:

— É, eu também. É uma droga. E não sou só eu, sabe? Olha alguns desses comentários.

Eu abro meu canal de novo, pausando o vídeo. Não é como se eu precisasse me ouvir explicando o que aconteceu na noite da festa de novo. Em vez disso, desço para os comentários – e, sim, há alguns babacas e idiotas deixando suas pérolas de sabedoria. Mas a maior parte das respostas foi de jovens como eu. Por toda Indiana e o Meio-Oeste. Caramba, por todo o país.

Segura embaixo do braço da minha avó, começo a ler:

— Essa menina é de Muncie. Ela diz que deixaram que ela levasse a namorada à formatura, mas a expulsaram porque vestiu um smoking. E esse menino trans em Seymour na verdade ganhou a eleição pra rei da festa, mas a escola não quis dar o prêmio a ele. Tem tipo uns seis comentários de gente que disse que seus professores se recusam a usar os pronomes certos. Tem uma menina bissexual em South Bend que levou suspensão por usar um broche com a bandeira do arco-íris. Nan, é por toda parte. Eles nos odeiam em toda parte.

Com um suspiro suave, Nan me abraça ao seu lado.

— Alguns deles estão assustados. Alguns são ignorantes. E sim, alguns estão cheios de ódio. Nós podemos fazer algo em relação aos primeiros dois terços, e os que sobram nós deixamos pra Deus resolver.

Uma onda avassaladora de desespero cai sobre mim. Vai ser assim minha vida inteira? Constantemente tendo que me explicar para os ignorantes, sempre tentando convencer as pessoas de que sou tão assustadora quanto arroz-doce e aprendendo a fugir e me esconder dos que têm dentes e garras? É assim o meu “para sempre”? Eu me sinto subitamente exausta de novo.

Nos dizem para esconder essa parte tão linda de nós, a parte apaixonada, a parte tonta de tão encantada. Não fique de mãos dadas no Uber; não beije no cinema. Pense bem se quer corrigir estranhos quando perguntam sobre a sua parceira e erram o gênero dela. Considere cuidadosamente tudo o que você diz a esses estranhos para que eles não cuscam em você – ou algo pior.

Nan é a única pessoa na minha vida que quase consegue ler minha mente. Ela me sacode e se inclina para me fazer olhá-la nos olhos.

— Eu não vou te dizer que isso não é um desafio. Mas vou te dizer que isso não é o fim.

Eu começo a chorar. Nan coloca meu computador de lado para poder passar os dois braços por mim. E só deságua porque a inércia passou e tudo que sobrou é agonia. Eu não quero ser uma notícia, não quero ser uma causa. Tudo o que eu queria era uma festa. Uma noite. Quase nada, e não pude sequer ter isso.

Em algum lugar, nesta mesma cidade, meus pais estão provavelmente vendo o noticiário. E eles estão provavelmente *felizes*. Ah, eles podem fingir que se sentem mal por mim, mas seria da forma perturbada deles. *Que forma terrível para Emma aprender o peso do seu pecado. Talvez isso a faça mudar de ideia e mudar seu comportamento. Talvez ela se arrependa e possamos recebê-la de volta.*

Eu juro, não saí do meu quarto para chorar. Eu queria compartilhar os comentários no meu vídeo. Se Nan ainda não tivesse visto, eu queria mostrar a ela as coisas terríveis que a sra. Greene disse ao Canal 13 de Indianápolis. Horríveis, assim como as regras novas eram horríveis, porque pessoas como ela aprenderam a usar nossas palavras contra nós. Eles não são diretos e nos chamam de *viados*. Em vez disso, dizem coisas como:

O que aconteceu aqui não foi o resultado de um plano elaborado pra humilhar essa garota, como foi noticiado pela imprensa. A Associação de Pais e Mestres do Ensino Médio da Escola James Madison sentiu que Emma não estaria segura a menos que oferecêssemos a opção de uma festa separada para alunos e pais que não concordassem. Infelizmente, há pessoas na nossa comunidade que se sentem ofendidas pelo estilo de vida dela, e nós sentimos que esse arranjo, embora longe do ideal, era a única opção disponível pra nós.

Deixando de lado a parte de que ela é uma dessas pessoas na nossa comunidade e que ela não poderia se importar menos com a minha segurança. Totalmente ignorando a parte de que foi ela quem agitou todo mundo para começar.

Mas soa bem, não? Soa *razoável*. Soa tão melhor do que a verdade. E parece que, desde que as pessoas aprendam a mentir do jeito certo, elas conseguem escapar até de acusações de assassinato.

Meus soluços se acalmam depois de um tempo, mas meu peito ainda dói. A cada respiração, eu sinto dor.

Nan prova seu amor por mim mais uma vez ao limpar meu rosto molhado e catarrento com um punhado de lenços de papel. O toque dela é gentil, suas palmas quentes. Ela pega meu rosto entre as mãos e acaricia minhas bochechas, agora secas, com os polegares.

Ela não tinha ideia de que é assim que seria a velhice dela, tenho certeza. Me criando em vez de arrebrandando nos cassinos flutuantes de Rising Sun. Ou, não sei, passando os invernos na Flórida. Ensinando outros fugitivos do inverno a jogar eucra para que ela possa acabar com eles. Em vez disso, ela está presa aqui comigo. Olhando para ela, a vontade de chorar volta. Eu tornei tudo tão difícil para ela.

— Desculpa por ter te arrastado pra isso — digo a ela.

Nan sacode a cabeça, passando os dedos pelo meu cabelo.

— Emma, você se lembra do seu tio-avô Donnie?

O nome é vagamente familiar, mas eu sacudo a cabeça, negando.

— Bom, bisavô pra você. Ele era meu tio — ela diz. — Ele serviu no Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial, conheceu seu amor de uma vida toda lá. Claro que não foi assim que ele o apresentou. Frank era seu *amigo*. Eles foram viver na Califórnia, longe de nós, pra esconder suas vidas. E embora eles viessem pra todo dia de Ação de Graças e Natal, embora nós tenhamos acabado o chamando de Tio Frank, todo mundo fingia que eles eram só camaradas de guerra. Eles passaram quarenta e sete anos juntos até o Tio Frank falecer, e mesmo então, Tio Donnie nunca disse em voz alta. Eles já estavam juntos há um quarto de século quando a primeira Parada do Orgulho Gay aconteceu. Ambos faleceram antes da legalização do casamento. E estou te dizendo isso porque o que você está passando agora é terrível. Imperdoável. Há pessoas aqui que eu colocaria na fogueira se tivesse a chance e pessoas que eu não atravessaria a rua pra cuspir se elas *estivessem* na fogueira. Então, se quando você se formar você quiser ir pra Nova York ou São Francisco, vou fazer o que puder pra te levar até lá. Eu sei que você planejou começar a Universidade de Indiana no outono, mas se quiser tirar um ano e ir pra algum lugar mais tolerante, eu não vou te culpar nem um pouco. Eu até guardei algum dinheiro. Só quero que você saiba que você é o sonho que o Tio Donnie nunca ousou sonhar. Você tem dezessete anos e sabe quem você é. O mundo sabe quem você é. Pode não significar muito pra você, mas acredite na sua avó quando ela diz que a sua luta, aqui e agora, importa.

Minha respiração estremece quando eu me apoio nela. Eu não tinha ideia de que tinha tido um tio gay... Bom, esse é o problema, não? Puxando os braços de Nan com mais força em volta de mim, digo:

— Eu gostaria de pensar que sim, mas não sei mais.

— Tudo bem, querida — ela diz. — Você não precisa saber agora. E sempre podemos voltar a isso depois.

— Isso seria bom, na verdade. — E estou falando sério. Tem tido falatório demais ultimamente e pessoas demais falando *por* mim também. Um pouco de silêncio, dentro e fora da minha cabeça, seria uma coisa boa. E eu me sinto segura aqui, escondida atrás da porta verde-limão na casa roxa esquisita da minha avó, duas mulheres estranhas que pertencem ao mesmo lugar.

Nan me abraça, mas também espia por cima do meu ombro.

— Mudando de assunto, nós provavelmente deveríamos discutir meu álibi.

Eu franzo a testa.

— Pra quê?

— Bom, eu não estou dizendo que planejo atropelar Elena Greene no estacionamento do Red Stripe da próxima vez que eu a vir. Mas também não estou *não* dizendo isso.

Pela primeira vez em dias, eu sorrio.

CIDADEZINHA EM CÂMERA LENTA

ALYSSA

Aqui estou eu, sentada no capô do meu carro, embaixo da torre de água, completamente sozinha.

Algumas horas atrás, mandei uma mensagem para Emma e implorei a ela para me encontrar. Ela não respondeu, mas eu vim mesmo assim. O sol está tentando brilhar, mas finas nuvens cinzentas borram o céu. Às vezes a primavera em Indiana é de narcisos e tulipas, mas também de chuvas pesadas e trovões imponentes.

Eu olho o celular de novo. Sem mensagens da Emma, e já esperei quinze minutos a mais do que o horário que eu propus. Ela não me deve nada, sei disso, eu só – ela me pediu para olhar nos olhos dela e dizer que eu não sabia nada sobre a troca da festa. Há apenas um minúsculo espaço de tempo entre eu sair da escola e minha mãe chegar em casa do trabalho, e ele está ficando menor a cada minuto.

Um vento frio corta os campos e eu enfio as mãos nas mangas do casaco. Dentro de mim, sinto que ela não vem, mas espero só um pouco mais. Só por garantia. O buraco no meu coração não vai se fechar até eu

ter a chance de vê-la. Falar com ela. Explicar. Eu pratiquei essa conversa mais do que pratiquei me assumir para minha mãe – o que é uma parte enorme do problema, eu admito.

O vento joga meu cabelo na frente do rosto e mechas grudam nas minhas lágrimas. Ela não vem e é justo, digo para mim mesma. Porque é verdade. O que não quer dizer que não seja dolorido. Eu lutei por ela o máximo que pude e, sim, eu estraguei as coisas... mas ela acreditar que eu sabia sobre a troca de festas parece uma faca quente na minha barriga. Eu nunca faria algo assim, e achei que ela me conhecesse melhor do que isso.

Bem na hora, o ruído de um motor chama minha atenção. Eu me viro, olhando para os dois lados. A mais ou menos um quilômetro e meio, vejo uma pequena mancha escura que poderia ser um carro vindo nesta direção. Minha garganta aperta conforme ele se aproxima e me levanto em um salto quando reconheço a forma familiar do fusca de Nan. Elas só têm um carro, então Emma não costuma dirigir, mas é ela quem está atrás do volante agora.

Ela para ao meu lado e sai lentamente do carro. Embrulhada em um moletom azul com capuz e calças também de moletom azul, ela parece estar vendo um lugar aberto pela primeira vez em dias. Ela até aperta os olhos um pouco por causa do sol quando se aproxima de mim. Há olheiras em volta de seus olhos, e chuto que o gorro que ela está usando esteja escondendo o cabelo sujo. Enfiando as chaves no bolso do moletom, Emma mantém as mãos ali também.

Desconfortável, eu movo meu peso de um lado para o outro. O corpo dela está distante, e o rosto parece de pedra. Ela para a mais de um braço de distância de mim. Embora eu não esperasse que ela fosse se jogar nos meus braços, acho que não pensei que ela estaria tão fechada. É justo, digo para mim mesma. Não importa o quanto doa, é justo.

— Obrigada por me encontrar — digo, lutando contra a vontade de tocá-la. — Eu não sabia se você viria.

Seca, Emma dá de ombros.

— Nem eu. O que você quer?

Uau, então tá. Meu cérebro sussurra *isso é justo*, mas meu coração protesta. Ela está me tratando como uma estranha e, eu merecendo ou não, dói. Estou tão acostumada com o calor dela que essa frieza a torna uma estranha. Me recompondo, digo:

— O.k., bom, primeiro eu acho que queria pedir desculpas.

— Você *acha*?

Eu não consigo me impedir. Dou um passo na direção dela.

— Quer dizer, eu *quero*. Desculpa, de verdade.

Emma morde o lábio e então aperta os olhos.

— Pelo que, exatamente? Na verdade, me fala: você sabia?

Eu chego mais perto ainda e vejo a agonia nos olhos dela. O vídeo que ela fez na noite da formatura se repete em um loop infinito na minha cabeça. É difícil consertar as coisas quando não posso abraçá-la. Quando não posso apertar as mãos dela e beijar suas lágrimas.

— Eu juro, eu não sabia. Eu não sabia até chegar lá. Minha mãe alugou uma limusine e me jogou lá dentro. Eu não tinha ideia.

Com um movimento de cabeça, Emma me avalia. Há amargor na curva dos lábios dela.

— Ninguém te contou. Nem mesmo suas novas melhores amigas?

— O quê?

— Shelby e Kaylee? Vocês pareciam estar se divertindo bastante, na minha opinião. Elas não mencionaram nada sobre o grande plano?

— Elas *não* são minhas amigas — digo, furiosa. — Minha mãe *acha* que elas são. Ela armou tudo.

Emma desvia o olhar, a fraca luz do sol se refletindo nos seus óculos. A pele dela está cinza, exceto onde o vento queima suas bochechas de rosa. Ela parece uma boneca de porcelana, frágil e pintada de cores frias.

— E de alguma forma sua mãe planejou toda uma segunda festa e você não tinha ideia.

— Emma — digo, abrindo os braços. Implorando. — Você me conhece.

Quando ela olha de novo para mim, a vejo engolir em seco. Ela está tentando não chorar. Não, ela parece estar tentando não ser soprada junto com o vento.

— Conheço?

Segurando os ombros dela, eu me aproximo. Perto o suficiente para sentir o cheiro de sua pele e sentir seu calor. Meu corpo queima com esse contato súbito. Faz tanto tempo. Faz tempo demais.

— Sim, conhece. Eu sou uma covarde, eu sei, adiei as coisas por tempo demais, mas você sabe o que você significa pra mim!

Pela primeira vez, Emma não coloca as mãos dela sobre mim. Elas ficam nos bolsos do moletom, escondidas e protegidas.

— Não, não sei. — A voz dela não tem agressividade, só derrota. — Eu tive bastante tempo pra pensar e tipo... talvez eu seja só um experimento pra você. Ou talvez você só esteja tentando irritar sua mãe, não sei.

Ferida, dou um passo para trás.

— Um experimento?! O que mais, Emma? Você acha que eu só estou passando por uma *fase*?

Os olhos dela brilham.

— Não é isso que eu quis dizer e você sabe.

— Mas é o que você disse. — Eu a solto.

As pedras caem, e de repente a expressão de Emma desaba. Ela se move, o luto aparente em cada movimento de mão e a dor emaranhada no cabelo dela.

— Você sabe como foi ficar parada lá naquele vestido *estúpido*, sozinha no ginásio? Saber que as pessoas se juntaram e planejaram a melhor maneira de me ferir? De me humilhar? Quer dizer, a única coisa que vocês deixaram de fora foi o balde com sangue de porco!

— Deve ter sido horrível — eu soluço, lágrimas me sacudindo.

— Foi. Mas a pior parte é que você não veio. Mesmo sabendo o que tinha acontecido, você não veio. Você não pegou a minha mão ou me tirou dali, você só deixou acontecer.

Eu preciso de duas tentativas para achar minha voz.

— Eu não podia ir.

— Você *deveria* ter ido.

— Eu deveria, mas não podia. Você sabe como a minha mãe é — digo e tento encostar nela de novo.

Dessa vez, Emma se afasta de mim. A muralha volta e ela acena com a cabeça.

— É, eu sei. Eu a vi no noticiário. Ela está tentando fazer parecer que eu sou a vilã. Como se eu tivesse ligado para o SOS-Broadway e chamado Barry e Dee Dee pra virem aqui destruir a formatura de todo mundo.

— Vi o sr. Glickman no Walmart — digo, idiota. — Ele estava tentando fazer as pessoas mudarem de ideia sobre você.

Emma parece abalada com isso. Mas então sacode a cabeça e dá de ombros.

— Que seja. Boa sorte pra ele. Olha, eu vou fazer outro vídeo. Vou contar a história toda. Você faria comigo?

A pergunta me pega de surpresa. Eu sinto que a história toda vai pintar um grande alvo nas costas da minha mãe. E sei que ela tem sido um monstro.

Mas eu também a escutei hoje de manhã, deixando recados para o meu pai de novo. Dizendo a ele o quanto ela sente saudades e o quanto eu preciso dele. Admitindo que as coisas aqui não estão perfeitas e não têm estado perfeitas desde que ele foi embora.

Não sei como explicar para a Emma que concordo com ela e estou do seu lado, mas ainda, apesar de tudo, amo minha mãe. Então o que eu digo, em vez disso, é algo fraco e anêmico.

— Eu quero, mas...

Emma dá um sorriso cruel.

— Quer saber, Alyssa? Eu acredito que você gosta de mim, mas não posso mais fazer isso. Dói demais.

Embora não seja um choque, ainda sou atingida como se fosse. Parece uma explosão sônica, derrubando o céu.

— Isso é... Você está terminando comigo?

Nenhuma de nós diz nada. Emma olha para o vento, expondo seu rosto. Eu me abraço com força e espero. Eu desejo que ela diga não, rezo para que ela diga não.

— Sim — Emma diz, confirmando com um aceno. — Acabou. Isso acabou.

E, embora eu queira me jogar na frente dela, entrar na frente do carro e implorar para que ela fique, eu a observo ir embora. Ela recua, e conforme o carro dela se afasta cada vez mais de mim, tudo o que quero fazer é gritar e gritar, até que minha voz se rasgue e desapareça completamente.

Eu não fiz nada além de conquistar, superar obstáculos e sorrir. E não é suficiente. As medalhas e troféus de primeiro lugar, minhas atividades extracurriculares e aulas na escola dominical – eu fiz tudo que minha mãe queria... para nada. Porque ela nunca vai deixar de querer que eu seja a perfeita Alyssa Greene, e eu nunca serei. Nunca.

Caindo contra o capô do carro, cubro o rosto com as mãos e começo a chorar. A única coisa que era minha, a única coisa linda que eu escolhi, que me fez sentir inteira e humana e viva, acabou de ir embora.

E eu deixei.



EMMA

Quando chego em casa, já não tenho mais lágrimas para chorar. E desta vez estou falando sério.

Este último mês foi o mais difícil da minha vida, e olha que ela inclui ter sido expulsa da casa dos meus pais quando eu tinha catorze anos e uma fase bem infeliz com mullets no cabelo. Eu não estou feliz e não superei, mas cara, aprendi um tanto.

Por exemplo, aprendi que é possível me deixar de lado da minha própria vida.

E também aprendi que é possível convencer a si mesma de que você está feliz com sobras quando todo mundo tem uma refeição inteira. Eu finalmente entendi o que querem dizer quando perguntam se os fins justificam os meios. Barry e Dee Dee estavam do meu lado por todos os motivos errados. Talvez o diretor Hawkins também.

Meu coração está partido, mas ainda batendo. Minha cidade se voltou contra mim, mas eu sobrevivi. Cansei de esperar minha vida começar. Eu

cansei de ser um peão no jogo de outras pessoas.

Então, quando estaciono e vejo o carro alugado de Barry e Dee Dee na frente de casa, eu digo *vamos lá*. Se eu acreditar na Alyssa, Barry acha que ainda está lutando uma nobre batalha por mim. E quer saber? Talvez ele esteja, mas eu vou lutar minhas próprias batalhas daqui para a frente.

Lá dentro, Nan está sentada com Barry e Dee Dee – e ela se levanta de um salto quando eu entro.

— Emma, eles têm algo que querem conversar com você. Mas se você não estiver interessada em ouvir...

Eu olho de Nan para Barry, e a expressão dele é tão insegura. Tão esperançosa. Agora me lembro por que confiei tão facilmente nele. Eu já vi essa expressão no meu próprio rosto no espelho. Não acho que ele estava mentindo quando disse que sabia como era para mim e Alyssa. Ele provavelmente me disse várias verdades quando caiu de paraquedas na minha vida. Ele só não se deu ao trabalho de mencionar que seus motivos não eram puros.

Mas Barry não fala primeiro. Dee Dee fala. Claro que sim. Saltando da cadeira, ela acende o holofote em volta de si, mesmo que apenas dentro da cabeça dela. Pressionando a mão contra o peito, ela diz:

— Se eu puder... Nós precisamos admitir que pioramos as coisas. E acho que a melhor coisa que podemos fazer pela Emma é ir pra casa e deixar tudo isso pra trás.

Barry olha na direção dela. Está claro que houve alguma discussão e está claro que ir embora agora não é o que eles discutiram. Autoritariamente, Barry diz a ela:

— Não vamos embora.

— Nós *sempre* não vamos embora! — Dee Dee reclama.

— Nós vamos ficar até consertar isso — Barry diz com autoridade. — Vamos dar um jeito nisso, Emma.

Eu me pergunto que jeito eles acham que pode ser dado a essa altura. A formatura já foi. Meu último ano está quase acabando. O mais frustrante de tudo é que eles apareceram e escreveram mais um roteiro sem compartilhar comigo. Isso não vai acontecer de novo – eu não me importo com os planos deles. Acho que sei o que vou fazer agora, e se eles forem fazer parte disso, eles vão obedecer. Não liderar. E eles *não* vão obedecer até mostrarem algum remorso.

— O.k., primeiro. Vocês dois? Vocês me devem desculpas.

Dee Dee me olha como se eu tivesse acabado de falar em marciano.

— Eu pedi desculpas.

— Não — Nan diz, levemente divertida. — Você disse que tornou as coisas piores.

— O que é o reconhecimento de um erro — Dee Dee insiste. Ela olha para mim. — Nós falhamos em te dar uma formatura.

— Ainda não são desculpas — Nan cantarola.

Eu me meto, porque Nan está gostando um pouco demais disso.

— E não é por isso que você deveria pedir desculpas de qualquer forma. Vocês não vieram aqui me ajudar. Vocês vieram ajudar a vocês mesmos.

— Me ajudar, te ajudar — Dee Dee diz vagamente. — Qual o problema com isso? As pessoas que precisam de pessoas são as pessoas mais sortudas do mundo, você não sabia?

Barry ergue a voz, gesticulando com as mãos pelo ar.

— Emma, me desculpe. Me desculpe por termos pegado sua história e nos enrolado nela como uma paxemina em um dia de outono. Foi errado, nós sabemos disso, e agora... nós gostaríamos de te ajudar. Só por você. Eu quero convidar você e sua avó a voltarem pra Nova York comigo. Agora ou quando você se formar. Eu tenho um adorável apartamento perto de Manhattan...

Dee Dee desdenha.

— Ah, me poupe, você mora no Queens!

Com um olhar venenoso para Dee Dee, Barry então volta a cabeça para mim, retomando de onde parou:

— Com bastante espaço. Venha pra ficar. Estude na NYU. Emma, você vai amar a cidade. E Nova York vai te amar de volta.

Em vários momentos do passado eu teria agarrado essa oferta — alguns há nem muito tempo. É tentador — mais do que tentador. Parece um milagre, uma transformação melhor do que o vestido que muda de cor de Gregg Barnes. Seria um mundo novo, uma nova eu e uma vida nova.

Mas eu quero a minha.

— Isso é... quer dizer, é incrível, Barry, mas quer saber? Se todos os adolescentes gays de Indiana forem embora, isso quer dizer que todo adolescente gay de Indiana terá que fazer isso sozinho.

Nan resmunga algo, não entendo o quê. Mas o rosto dela está alegre e caloroso, cheio de orgulho. Ela dá uma piscadela para mim e um pequeno aceno de cabeça em aprovação. Durante todo esse tempo, ela esteve aqui. Eu nunca estive totalmente sozinha. E até onde sei, o próximo adolescente pode me ter do seu lado – se ele quiser.

— Então uma ofensiva de imprensa — Barry diz. — Nós vamos te pôr no Jimmy Fallon.

— Como você pretende colocar ela no Fallon? — Dee Dee pergunta.

— Eu vou dar um jeito — Barry responde, rangendo os dentes. Ele se vira para mim de novo. — Você será o rosto dessa história, não a bruxa da Associação que está sugando todo o tempo de TV agora. Nós vamos te pôr na TV pra que você possa mostrar ao mundo de quem é essa história.

Eles estão fazendo de novo. É quase engraçado, tipo, eles não conseguem parar de sugar todo o ar do ambiente. Eles estão literalmente tentando agora e falhando completamente. E quer saber? Isso me faz sorrir. Esses doidos completos estão flutuando no espaço da fama há tanto tempo que não sabem mais como ser adultos normais.

— O.k., gente — digo, tentando domá-los como dois enormes tigres siberianos em um show de Las Vegas. — Eu não iria ao Fallon se minha vida dependesse disso. Eu ainda estou brava pela piada com nazistas. Eu até consideraria o Kimmel...

— Meu ex-marido conhece o Kimmel — Dee Dee diz em voz baixa, como se tivesse acabado de se oferecer para uma cirurgia dentária. — Ele está morrendo pra conseguir a casa nos Hamptons de volta há anos.

— Hummm, ele está — Barry concorda.

O maxilar de Dee Dee está tão tenso que um músculo no pescoço dela salta quando diz:

— Sabe quantos cruzeiros da Broadway eu precisei fazer pra pagar por aquela casa? Eu preferiria sugar meus olhos pra fora com um aspirador do que ligar para aquele sanguessuga...

Nós a observamos. Parece um monólogo, e quem sabe dizer se já acabou? Eu acho que vem algo a seguir, e estou certa.

— Mas eu ligo. Se eu tiver que ligar. — Dee Dee engole o nó na garganta e pega minha mão. — Se você quiser.

Sacudindo a cabeça, eu aperto a mão dela.

— Não quero que você abra mão da sua casa, Dee Dee.

Ela desmonta com um fraco *Graças a Deus* e me espia através da mão dramaticamente posta em frente ao seu rosto.

— Prossiga, então.

— Eu vou me posicionar. E sabem de uma coisa? Eu devo um agradecimento a vocês por virem até aqui. Minha vida ia explodir com ou sem vocês — pelo menos vocês trouxeram um pouco de záz.

— Não é isso que záz quer dizer — Dee Dee sussurra, então assume uma expressão atenta. — Estou ouvindo!

Minha mão começa a tremer e meu coração parece uma gelatina no porta-malas de um carro. Tremendo como louco. Talvez até desmonte. Mas, embora seja difícil respirar, não vou mudar de ideia. Eu não vou recuar.

Olho para a minha avó, que sempre me apoiou, para Barry, que realmente sabe como é tudo isso, e até para Dee Dee, que pode com esforço ser levada na direção certa. Eu realmente olho para eles e tudo se clareia no mesmo instante.

— Eu vou fazer isso do meu jeito. Vou gravar um vídeo e postar no meu canal. Eu tenho *bem* mais seguidores agora. E graças à sra. Greene as pessoas continuam entrando lá, procurando por mais da história.

— Isso é verdade — Dee Dee diz.

— E, considerando o quanto estragamos tudo, você provavelmente sabe melhor do que nós o que fazer — Barry concorda.

Eu me sento na mesa de centro em frente a eles, uma ofensa que normalmente me renderia uma *bela* bronca da minha avó. Mas, desta vez, recebo uma sobancelha erguida e curiosidade pelo que vem a seguir. Juntando as mãos, aceno com a cabeça enquanto o plano se forma em minha mente.

— Eu vou fazer minha parte. E algumas pessoas na cidade vão escutar e talvez até chorem, porque vão perceber que o que fizeram foi errado. E vai haver gritos, reuniões, e um acerto de contas. Isso vai se espalhar pra outras cidades e outros estados. Gritos, reuniões e acertos de contas, e talvez no ano que vem aconteça uma incrível festa de formatura em Edgewater, Indiana, pra todo mundo, não importa quem sejam, não importa quem eles amem.

Até agora, a parte fazer as pessoas chorarem está funcionando. Nan tem os olhos marejados, e Barry está soluçando abertamente. Até Dee Dee

faz um movimento ninja e seca um olho antes que seu rímel manche o rosto. Normalmente, eu me sentiria mal por levar as pessoas às lágrimas, mas tenho orgulho dessas. Eu as conquistei. Eu trabalhei por elas.

Barry faz um movimento para pegar minhas mãos, e eu o deixo.

— Emma, isso seria maravilhoso.

— E sabe de uma coisa? Quando isso acontecer, Barry... Eu quero que você seja meu par.

— E quanto a...

— Nós terminamos — digo, e uma súbita onda de dor se ergue através do otimismo.

— Ah, querida — ele diz.

Eu faço que sim. A essa altura do ano que vem nós duas estaremos na faculdade, e eu serei uma memória. Talvez uma que ela guarde em uma caixa de sapatos e pegue de vez em quando – ou talvez uma que ela enterre fundo e finja que nunca existiu.

Não sei. E eu odeio isso. Mas não posso forçá-la a fazer algo que ela não queira fazer. Não posso forçá-la a ser quem eu quero que ela seja. Alyssa é Alyssa, e ela precisa achar seu próprio caminho.

Então dou de ombros e digo a Barry:

— De qualquer forma, essa será uma formatura pra todos os que nunca tiveram a deles, e isso inclui você.

— Posso usar o smoking prateado que nunca usei? Eu ainda o tenho.

— Barry olha ao longe. — Precisa de uma reforma, mas acontece que eu conheço...

Nan, Dee Dee e eu dizemos ao mesmo tempo:

— O figurinista ganhador do Tony, Gregg Barnes!

— Vocês se acham tãaaaao engraçadas — Barry diz, mas ri suavemente.

Apertando as minhas mãos, ele pergunta:

— Então quando nós, quando *você* vai fazer esse vídeo? Você vai ter todo o trabalho, mas o mínimo que podemos fazer é garantir que você receba a atenção que merece.

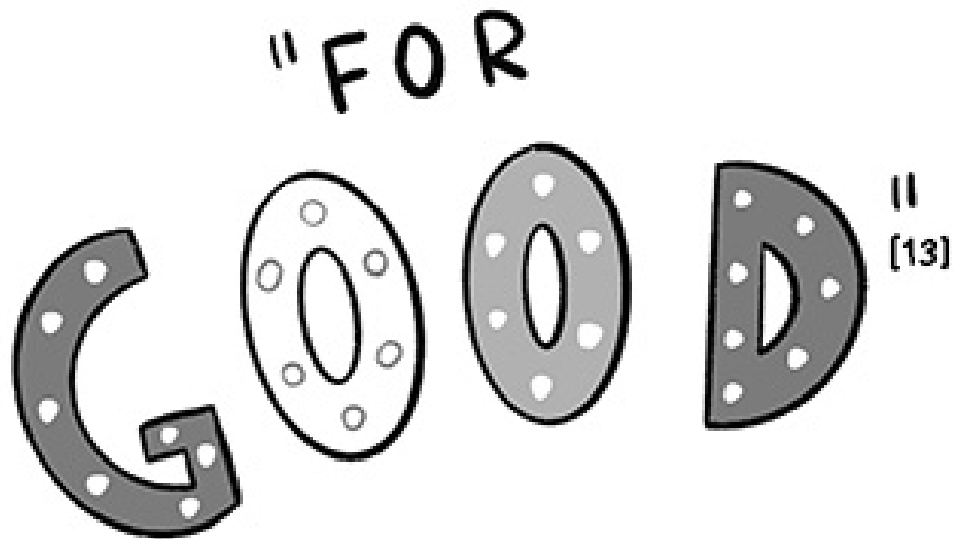
Me levantando, digo:

— Eu vou fazer isso agora. Trabalhei em várias músicas recentemente e sei com o que vou começar.

— Merda pra você — Dee Dee grita.

Barry faz uma saudação.

— E boa sorte.



ALYSSA

É um pouco aterrorizante quando eu chego na escola e todo mundo está no celular.

Tecnicamente, há regras contra usar o celular nos corredores, embora todos nós demos uma espiada de vez em quando. Mas isso é uma insurreição completa.

Conforme eu ando pelo corredor, noto as pessoas reunidas em grupos, assistindo algo juntas. Eu escuto sons baixos que podem ser música, mas é difícil dizer com tantos tocando ao mesmo tempo.

Me virando devagar, giro a combinação para abrir meu armário quando Shelby aparece do nada para me assombrar. O rosto dela está rosa e brilhante de lágrimas, mas sua maquiagem é perfeita. Quando ela joga os braços em volta de mim, ela o faz de forma precisa, parte drama e parte emoção genuína, eu acho. É difícil saber em relação à Shelby.

— Ah, meu Deus — ela diz, fungando no meu ombro. — Você viu o vídeo da Emma?

Eu sinto todos os poros do meu corpo se fechando. Seria muito bom me afundar no meu suéter e virar uma pequena pedra cinza, mas, infelizmente, sou a presidente do conselho estudantil, não a maga do conselho estudantil. O vídeo da Emma sobre a formatura está queimado a ferro na minha mente. De novo, e de novo, ele passa na minha cabeça, preso ali como uma música.

— Eu vi na noite da festa, Shelby. Por quê?

— Nãaaaao! — ela grita no meu ouvido, me apertando com mais força. — O novo. Ah, meu Deus, não acredito que você não viu. Aqui. Olha. Olha!

Shelby enfia o celular na minha frente. Eu preciso inclinar a cabeça para trás para poder focar na tela, já que ela continua colocando-a mais perto. Finalmente, pego o troço da mão dela. Se eu vou ser forçada a assistir ao vídeo mais recente da minha ex-namorada falando sobre coração partido, prefiro fazer isso a uma distância razoável.

Como um polvo, Shelby serpenteia um braço em volta de mim e aperta o play.

— Olha!

— Estou vendo — digo a ela, irritada. Quer dizer, eu preferia não estar, mas aparentemente não tenho escolha. E, quer saber, eu provavelmente mereço isso. Eu mencionei há um tempo que sou a pior pessoa do mundo, e os últimos dois dias não fizeram nada para mudar minha opinião a esse respeito.

Depois que um pequeno anúncio termina, o rosto de Emma enche a tela. A dor no meu peito aumenta, porque ela parece melhor do que da última vez que a vi. Sob a torre de água, a pele dela estava cinza, seus lábios rachados e seus olhos inchados de tanto chorar. Ela carregava cada gota do sofrimento no rosto, mas ela parece o.k. neste vídeo. Ela parece *bem*. Tudo que eu consigo pensar é: *Meu Deus, ela já me superou*.

A tela fica embaçada, mas continuo olhando mesmo assim. A respiração de Shelby é quente no meu pescoço enquanto ela revê junto. Os dedos dela se afundam nos meus ombros e o peso dela quase me faz perder o equilíbrio. Ou talvez eu *esteja* desequilibrada, porque Emma está

sentada em sua cama lilás, em frente a suas paredes verdes, e ela explica tudo do começo.

Enquanto ela fala, seus dedos tocam o violão sem fazer som. Eles se movem por memória enquanto ela explica como a Associação de Pais e Mestres ameaçou cancelar a formatura se ela levasse a namorada. Como o sr. Glickman e a sra. Allen apareceram para protestar. Como a Associação decidiu fazer uma festa falsa só para ela. Seus dedos tocam cordas silenciosas, seus ombros se movem com uma música que está só na sua cabeça. E eu percebo pela primeira vez:

Ela nunca me expôs. Ela nunca disse que a namorada dela foi à outra formatura. Que a mãe da namorada dela foi o motivo disso tudo ter começado e então acabado tão fora de controle. Ela nunca me culpou, nunca deu meu nome. Nem sequer mencionou que concordamos em ir juntas e eu furei com ela.

Todo esse tempo, ela esteve me protegendo, e eu nem sequer percebi até agora.

E então, ela toca. As cordas silenciosas subitamente ganham voz, e ela canta as palavras que me *disse* há o que parece ser um milhão de anos.

*Eu não quero uma revolta
Eu não quero fogo em nada
Eu não quero ser um símbolo
Ou uma fábula
Eu não quero ser uma vítima
Para as pessoas odiarem
O que eu quero é simples
Quando se fala de querer*

Fico chocada ao ver que Shelby começa a cantar junto baixinho, fungando entre os versos.

*Eu só quero dançar com você
Deixar que o mundo ao redor se esvaia
E dançar com você*

*Quem se importa com o que vão dizer?
E quando acabarmos
Ninguém vai nos convencer que estávamos erradas
Tudo que preciso é você e eu
E uma canção.*

Quando Emma para de cantar, não consigo mais ver seu rosto. Lágrimas nublam minha visão, e eu mal consigo ouvir a voz dela por cima dos meus próprios soluços. Eu queria tanto ter dado tudo isso a ela. Eu não pude. Eu falhei.

Eu não sou a estudante perfeita, não sou a filha perfeita e definitivamente não sou a namorada perfeita. Eu sou a pior pessoa do mundo e...

— Você ouviu isso, Alyssa? — Shelby pergunta, me apertando mais forte. — Ela só queria dançar com você.

Eu tento dizer que sim, mas o único som que sai da minha garganta é um soluço estrangulado.

Shelby me sacode, então começa a acariciar meu cabelo.

— Eu sinto muito que a gente tenha estragado isso. Nós somos péssimos.

Se a Emma estivesse aqui, ela diria algo do tipo *é por isso que o Kevin gosta de você*, mas algo assim jamais sairia dos meus lábios. Se Emma estivesse aqui, eu a abraçaria e dançaria com ela, bem neste corredor. Se Emma estivesse aqui, eu... não sei. Eu a compensaria. Daria tudo para compensá-la de alguma forma.

Ainda balançando comigo, Shelby diz:

— Eu acho bem legal ela querer fazer uma formatura pra todo mundo ano que vem, eu super ajudaria a decorar. Eu poderia costurar faixas e fazer um grande arco-íris para as fotos e talvez pequenos cupidos bebês com fraldas de arco-íris... Eu amo arco-íris!

— Arco-íris são ótimos — digo anestesiada. Então Shelby some para mim. Ela está ali, mas separada por uma distância estranha e interna.

Nos meus pensamentos, estou sozinha. E há uma coceira no meu cérebro que parece uma ideia. Não, uma memória. Talvez os dois. De

repente, de forma clara, ouço o diretor Hawkins me lembrando: *Não deixe que o perfeito seja o inimigo do bom.*

— Preciso ir para a sala do diretor — digo de repente.

— Você não está encrocada — Shelby jura, me trazendo para o presente. — Todo mundo está no celular, eles não podem pôr a escola inteira na detenção.

— Não — digo, rindo incrédula. — Eu preciso falar com ele, eu preciso... Você disse que ajudaria a montar e decorar, certo?

Confusa, Shelby faz que sim.

— Hum, sim?

— Você pode falar com o resto da turma? — pergunto a ela. — E o time de basquete também?

Shelby pisca para mim.

— Acho que sim...?

— Certo, faça isso. — Eu me solto das garras dela, mas pego seus braços. — Preciso ir.

E então dou um beijo no rosto dela e corro. Os corredores estão cheios com a canção de Emma, ecoando por todo lado. Provavelmente, certamente, algumas pessoas estão rindo. Mas vejo mais pessoas chorando por causa dela. Deixando seus corações serem tocados e assistindo de novo.

Os pôsteres nas paredes voam quando passo correndo por eles e, quando entro de supetão na sala do diretor, a secretária dá um gritinho e um salto. O rosto dela está manchado de lágrimas também. Eu não consigo ver o que está no monitor dela, mas posso adivinhar.

— Preciso falar com o diretor Hawkins — digo.

— Posso checar e ver se ele está ocupado — ela começa, mas eu a ignoro. Sei onde fica a sala dele e corro até lá. Pela porta de vidro, vejo que ele está no telefone, então eu *bato* antes, mas entro mesmo assim. Eu me apoio na porta para fechá-la — e também para impedir que a secretária ou o segurança a abram e me arrastem para fora dali.

Com calma, o diretor Hawkins diz à pessoa do outro lado da linha que ele vai ligar de volta e baixa o telefone. Com as sobrancelhas erguidas, ele se inclina para trás em sua cadeira e junta as mãos.

— Srta. Greene.

— Diretor Hawkins — digo, sem fôlego. — Você viu o novo vídeo da Emma?

Ele faz que sim com a cabeça, lentamente.

— Vi.

— Você deixa a Associação de Pais e Mestres usar o ginásio de graça, certo?

— Sim, deixo.

Abrindo os braços, eu explodo.

— Quero usá-lo pra dar outra festa de formatura. Não só pra Edgewater. Pra todo mundo que quiser vir, de graça.

A surpresa nem tem tempo de se fixar no rosto do diretor Hawkins; em vez disso ela surge e então é substituída por uma preocupação mais generalizada.

— Eu acho uma ótima ideia, srta. Greene, mas você sabe que não temos fundos pra algo assim. O DJ, a comida, a decoração...

— As líderes de torcida já toparam. Elas vão arrumar tudo — digo, e procuro acreditar com todo meu coração que isso não seja uma mentira. — Os meninos do time também. E eu acho que tenho uma boa ideia de onde posso conseguir fundos, só preciso que você diga sim.

O diretor Hawkins esfrega as mãos.

— A Associação pode protestar.

— Tudo bem. Deixe que protestem.

— Sua mãe provavelmente não vai gostar nada disso.

Argh, isso me atinge bem no peito. É um golpe sólido, mas não sou perfeita. Vou parar de tentar ser perfeita. E isso significa enfrentar minha mãe e fazê-la entender que nada do que fizemos vai mudar o meu pai. Ele se foi, ele não vai voltar. É hora de ela enfrentar isso. Eu junto forças e digo:

— Tenho bastante certeza de que ela não vai, senhor.

O diretor Hawkins me observa por um longo momento. Ele parece um pouco mais velho do que no início deste ano. Mais cabelo grisalho, algumas linhas a mais em seu rosto. É possível que esta versão mais velha e sábia dele diga não. Que ele não vai continuar a jogar lenha na fogueira dessa controvérsia. Os repórteres começaram a ir para casa.

Mas ele não diz isso. O que ele faz é aproximar a cadeira da mesa. Ele ajeita algumas pilhas de papel e então abre uma gaveta. O silêncio dele é

uma tortura enquanto ele passa por pastas, uma a uma, com os dedos. Finalmente, ele puxa uma e a alisa sobre a mesa. Puxando uma única folha de papel de dentro, ele pega uma caneta e começa a escrever.

— Diretor Hawkins? — digo em voz baixa.

— Alyssa Greene, conselho estudantil — ele murmura para si mesmo, escrevendo. Então ele ergue os olhos para mim. — Você quer reservar o ginásio pra qual data?

Tampando minha boca com a mão, eu mal contenho um gritinho.

Nós. Vamos. Fazer. Isso!



EMMA

Eu vou voltar para a escola hoje, e serei vista.

Primeiro, eu sou definitivamente vista pelas novas câmeras acampadas nos campos de milho do outro lado da rua. Há cones laranja e barreiras listradas mantendo-os longe, mas eles se levantam quando saio do carro da Nan. Dando um beijo no rosto dela, me afasto do carro e me viro o mais rápido que posso. Eu não quero encarar todos esses olhos de vidro e perder a coragem.

Jogando minha mochila para cima dos ombros, encaro as portas da frente por um longo momento. Decidir abandonar o medo é uma coisa. Realmente fazer isso é... desafiador. Minha garganta está seca e meu peito apertado. Agarro a alça da minha mochila e endireito a coluna.

Este lugar é só uma pilha de tijolos – claro, cheio de gente que achou que era divertido estrangular um ursinho de pelúcia em minha homenagem, mas é só um lugar. Um lugar na minha cidade, onde eu nasci, onde eu cresci. Eu pertencço a este lugar.

Puxo o celular e checo o *Emma Canta* mais uma vez antes de entrar na cova dos leões. A sensação de tontura e moleza na minha cabeça chega ao seu auge quando vejo os números. Mais de seis milhões de visualizações. Seis. Milhões. De. Visualizações. Eu tenho certeza de que mais pessoas ouviram minha música do que compraram o último álbum do Kanye.

Mais importante do que os números são as pessoas nos comentários. Tantos desconhecidos com histórias como a minha. Eles se comunicam através da distância, dizendo que sentem muito, dizendo “eu também”, dizendo “eu te amo”. Barry estava certo, nós podemos construir nossas próprias famílias, e a minha está crescendo exponencialmente.

Minha família está cheia de pessoas de perto e de longe, cujos rostos nunca vi, mas cujos corações eu conheço. Que querem vir a uma formatura que aceite todo mundo. Que só querem dançar com alguém, romântica ou arromanticamente, e só *ser*.

O maior choque é que minha nova família tem pessoas da minha escola. Da boa e velha Escola James Madison em Edgewater, Indiana, torcendo por mim.

Shelby e Kevin comentaram, estranhamente (e os horários mostram que o fizeram com um minuto de diferença, então aparentemente isso foi uma atividade em grupo), e alguns professores também. Até mesmo o diretor Hawkins se aventurou na selva eletrônica para escrever “estou orgulhoso de você”.

Sou só eu passando pelas portas agora, mas não estou sozinha.

Enfio o celular de volta no bolso, respiro fundo e salto. Bom, empurro. Empurro as portas e entro no Hall dos Campeões.

As vitrines com os troféus brilham, e o comitê do anuário armou uma mesa bem no meio. Aquele cheiro estranho de metal/hormônios adolescentes me atinge. Meu corpo quer se virar e correr. Há uma pequena festa do pânico acontecendo nas minhas pernas, me dizendo para *ir embora, ir embora, ir embora* e não voltar nunca mais.

Em vez disso, sigo em frente. E, conforme me misturo à multidão da manhã, a coisa mais estranha do mundo acontece. As pessoas me olham e... dizem oi.

— Oi, Emma — Breanna diz, fazendo um pequeno aceno. — Amei seu vídeo!

— Obrigada — digo, sorrindo confusa.

Então a confusão se torna um maravilhamento, porque as pessoas continuam sendo legais. Tipo, caras do time de basquete me dizem oi sem desdém. Duas líderes de torcida acenam seus pompons para mim quando passo, cantando *ooooooooi* como um ritual.

Do nada, a presidente do Clube das Chaves me alcança. A galera do Clube das Chaves é composta por voluntários ocupados que organizam cafés da manhã com panquecas para levantar fundos para famílias carentes ou se voluntariam para limpar os jardins da cidade, esse tipo de coisa. No ano passado, eles pintaram as casas de pessoas idosas de graça. Eu acho, mas não tenho certeza, que eles crescem e se tornam voluntários internacionais. Ou se tornam Khaleesi, mãe de dragões. Não tenho certeza.

De qualquer forma, já vi essa garota por aí, é claro, e tenho uma boa certeza de que o nome dela é Dana Sklar. Mas nós literalmente nunca dissemos sequer duas palavras uma para a outra. Nunca.

— O.k., você precisa saber — Dana me diz, abraçando seus livros junto ao peito. — Que você é incrível. O tipo de trabalho on-line que você está fazendo pelos adolescentes LGBTQ simplesmente derrete meu coração.

Por um segundo, ou talvez dois, eu espero que ela revele que isso é uma pegadinha. Com certeza isso foi o aquecimento, e a piada deve vir a qualquer segundo. Quaaaaalquer segundo agora. Lentamente, percebo que ela não está brincando. Ela está sendo sincera.

A incredulidade se torna uma pequena fagulha de felicidade, e eu respondo:

— Obrigada, isso é importante pra mim.

— E, se você quiser — ela continua, puxando o celular —, tenho várias informações sobre levantar fundos e montar um evento e coisas assim. Posso te mandar por e-mail, se você quiser.

— Seria ótimo — digo, meu rosto ficando quente. De alguma forma, essa conversa é realmente de verdade e eu não estou alucinando. É difícil acreditar, mas preciso admitir que meu vídeo fez isso. *Eu* fiz isso. — Obrigada, de verdade. Você pode mandar para enolan-ponto-canta-arroba-gmail-ponto-com.

Com o que é provavelmente o dedão mais rápido do estado, Dana digita meu e-mail no celular e então acena com a cabeça.

— O.k., ótimo! Eu vou te mandar. E se você algum dia quiser vir a uma reunião ou coisa assim...

Eu provavelmente não quero, mas quem sabe? Talvez eu queira? Depois de mais algumas frases gentis, Dana some na bagunça generalizada de pessoas enrolando nos corredores antes da aula começar. Olho para baixo e noto que minhas mãos estão tremendo. Eu não sei o que é isso — talvez adrenalina? Talvez terror? Talvez... animação? Tudo que sei é que meu estômago está cheio de esquilos perseguindo seus rabos a toda velocidade.

Quando viro no corredor no qual fica meu armário, vejo algo preso nele. Os esquilos ficam bêbados e começam a destruir tudo conforme eu me aproximo.

Olha, não pode ser pior que o ursinho, o creme hidratante e o molho de salada. Esta é minha escola também. Eu pertencço a este lugar. Não vou usar meu armário, porque não sou *idiota* — mas vou passar por ele. Vou dar uma olhada.

E quando o faço, congelo e quase choro. Bem ali, no corredor, cercada de pessoas que desaceleram e olham na minha direção.

Alguém grudou um arco-íris brilhante, completo, com nuvens e um sol espiando por cima, no topo do meu armário. E, abaixo dele, há um longo pedaço de papel cortado de forma a parecer um pergaminho. Eles até desenharam a parte enrolada em cima e em baixo.

Nele, em uma caligrafia chique, alguém escreveu a letra da minha música. Alguém nesta escola sentou e escutou meu vídeo por tempo o suficiente para anotar a letra toda. E então eles a escreveram em letras lindas nesse pergaminho falso. Eles desenharam notas musicais em volta e colocaram ainda mais glitter na coisa toda.

Cubro minha boca com a mão porque sinto as lágrimas vindo. As pessoas estão me olhando, então consigo segurar. Mas, quando olho ao redor, elas estão *sorrindo*. Elas estão aqui, neste momento, compartilhando isso comigo.

Sutilmente, eu mordo a ponta do dedão. Com força. Com tanta força que fico tipo *como assim, Emma?* Mas sou recompensada com uma onda de dor que diz *sim, estou acordada*. Isso está realmente acontecendo. Como eu não faço ideia de quem fez isso, murmuro um agradecimento para as pessoas em volta. Só para qualquer um a uma distância agradecível, sabe?

Bem no fundo, eu quase desejo que alguém passe por mim e me xingue. Por quê? Porque isso seria normal. É isso o que eu espero, e não gentileza. Não aceitação. É genuinamente assustador ficar ali e aceitar que talvez minha música (e, o.k., um pouquinho da loucura de Barry e Dee Dee) possa realmente ter mudado algo neles. Com certeza não atingiu todo mundo; sendo realista, eu sei disso. Mas, ah meu Deus, mudou *alguns*.

Este momento parece tão frágil, e eu me sinto tão desastrada. Mas o guardo no fundo do coração. Com cuidado e gentileza. Me abrir é a coisa mais difícil que já fiz, mas lentamente ergo a cabeça e fico ali, me sentindo mais eu mesma do que nunca. Quando olho em volta, encontro os olhares de todo mundo. Eu sou Emma Nolan. De Indiana, lésbica e ser humano.

E eu estou orgulhosa.

COMEÇAR DE NOVO

ALYSSA

Ouço suas vozes antes de vê-los. Acho que as pessoas dizem isso com frequência sobre o sr. Glickman e a sra. Allen. Escandalosos ou não, fico feliz por eles terem aceitado meu convite.

— Não acredito que estamos aqui de novo — a sra. Allen diz. — Nas minhas memórias, vou chamar esse capítulo de “Dia da Marmota”.

O sr. Glickman responde imediatamente:

— Eu achei que esse seria o título do capítulo sobre os seus maridos!

Por entre as alfinetadas deles, ouço uma baixa voz da razão. Deve ser o diretor Hawkins, e estou feliz por ele estar aqui. Não que ele não fosse estar, mas o sr. Glickman e a sra. Allen me deixam nervosa, e fico meio feliz por nunca ter ficado sozinha com eles. O coração deles está no lugar certo, são as mãos voadoras que me assustam.

Quando eles entram no ginásio, aceno da minha mesa cuidadosamente arrumada. Há sobre ela um notebook, um projetor, uma pilha de panfletos e uma maquete. A maquete provavelmente é desnecessária, mas eu não fazia uma desde o sétimo ano (*Cenas dos Julgamentos de Salém*, 1692) e sou meio que boa nisso.

— Oi, obrigada por virem, oi!

Ao meu lado, o antigo notebook da escola começa a chiar. É melhor ele não explodir antes de eu terminar minha apresentação. Rapidamente, faço uma prece silenciosa para a tecnologia. Então abro o maior sorriso que posso conforme os adultos se aproximam. Os saltos da sra. Allen estalam no chão de madeira de uma forma que eu tenho certeza de que faria o treinador Strickland ter um ataque.

Ela está vestindo o que parece ser um dos mil terninhos que ela tem, e estou começando a respeitar a dedicação dela a um estilo. Esse não tem lantejoulas, mas o tecido vermelho é bordado com uma linha prateada. As solas dos seus sapatos são vermelho-sangue também, e eu fico maravilhada. Esse é provavelmente o único par de Louboutins que já abençoou Edgewater, Indiana.

O sr. Glickman é mais casual com um blazer e gravata e, quando ele se aproxima, aperto os olhos para a estampa da gravata. Pequenos contornos de cabelos – não, entendi. Perucas. Perucas de todas as formas e tamanhos arranjadas em uma elegante estampa.

Eles estão tão fora de lugar que é engraçado, e ainda assim... Parece que não vai mais ser a mesma coisa se eles forem embora. Ofereço minha mão quando eles se aproximam.

— Oi, eu sou Alyssa Greene, presidente do conselho estudantil. Obrigada por virem. Obrigada, obrigada por virem, obrigada, diretor Hawkins.

Assim que digo meu nome, o sr. Glickman congela. Ele me olha de cima e cruza os braços sobre o peito. Bom, acho que alguém aqui sabe que sou a ex-namorada. Tudo bem, praticamente todo mundo vai saber daqui a alguns minutos.

Entrego cópias da agenda para todos e seus olhos correm pela página. Bastante espaço em branco, para facilitar a leitura rápida. A sra. Allen dá um agudo mais ou menos na metade, mas o diretor Hawkins coloca uma mão (muito à vontade!) no ombro dela e diz:

— Por favor, escute o que ela tem a dizer.

Pegando o controle, passo o PowerPoint para o primeiro slide. É uma imagem do vídeo de Emma em que ela canta e conta sua ideia para uma formatura para todo mundo, um dia.

— Nesta manhã, mais de seis milhões de pessoas já tinham visto o vídeo de Emma sobre uma formatura aberta e inclusiva.

O sr. Glickman funga.

— Esse vídeo me mata. É melhor do que aquele do cara que reencontra o leão que ele cuidou quando filhote.

— Não fale nisso — a sra. Allen diz, também fungando. — Eu não posso nem pensar nesse.

Explodindo de emoção, o sr. Glickman acena para a tela com o rosto de Emma. Seus olhos brilham com lágrimas e ele abana o rosto.

— Ela disse que tinha um plano, e olhe pra ela. É tão esperta essa garota.

Eu sei que se não o cortar vou levar séculos para terminar minha fala. E eu não tenho séculos. Shelby e Kevin acabaram de aparecer nas portas do ginásio, e eles se esgueiram para se sentarem na arquibancada. Alguns meninos do time de basquete também entram, junto com suas líderes de torcida, mais do que eu esperava, na verdade. (Ausência notável? Kaylee e Nick). Todo mundo se acomoda, cochichando.

Não consigo entender o que eles estão dizendo, mas não importa. Ergo minha voz e, felizmente, ela se espalha pelo ginásio quase vazio.

— Ela pediu uma coisa, e acho que podemos fazer isso acontecer. Não ano que vem, este ano.

Avançando minha apresentação, sigo tentando não focar nos rostos do sr. Glickman e da sra. Allen. Se eu prestar atenção demais na reação deles, não vou conseguir fazer isso.

— Como vocês sabem, a escola não tem orçamento pra festas, e tradicionalmente os fundos vêm de fontes externas. Agora, eu garanti o ginásio da escola como local do evento de graça. Até criei uma maquete pra mostrar a decoração potencial da festa. E eu tenho uma equipe de alunos pronta pra ajudar a decorar. Shelby? Kevin?

Eles se levantam, dão um grito e comemoram das arquibancadas.

— O que falta, sra. Allen e sr. Glickman, é dinheiro. Agora, eu poderia abrir um financiamento coletivo e, com a quantidade de visualizações que Emma está tendo no vídeo, provavelmente juntaria o dinheiro a tempo de uma festa no próximo outono. Mas não estou interessada no próximo outono. Estou interessada neste ano, neste lugar, daqui a duas semanas.

O sr. Glickman vai do gelo ao fogo. Ele praticamente vibra de animação.

— Mickey e Jude chegaram. Nós vamos construir essa festa com sangue e cabelos se necessário.

— Espera — a sra. Allen diz. — Segundo essa gracinha de item aqui você está pensando em *quinze mil dólares*?

Embora me sinta fraca ouvindo o número em voz alta, faço que sim.

— Eu calculei o preço de tudo. Um bom DJ de Evansville, buffet em vez de comida caseira, decorações, um fotógrafo e suvenires.

O sr. Glickman ergue a mão.

— De quanto estamos falando se realmente elevarmos isso? Nada de bolas de feno e vacas de papelão. Uma festa de verdade, nível A, ganhadora do Tony?

Desta vez, quando abro um sorriso, ele é genuíno. Eu estava esperando alguém perguntar. Eu entrego a eles o segundo panfleto.

— Pra tudo que já mencionei mais luzes, efeitos especiais, flores e decoração profissional, trinta mil dólares.

A sra. Allen quase desmaia.

— Jesus.

Sem hesitar, Barry coloca a mão no bolso e tira uma carteira. Ele me dá um cartão de crédito preto com óbvios sinais de uso nas bordas.

— Tem quinze mil dólares aí — ele diz. — É meu limite. É uma longa história, mas precisei declarar falência depois da minha produção sombria de *Peter Pan*.

O diretor Hawkins pisca.

— Isso é muito dinheiro. Você tem certeza?

— Escutem — Barry diz, erguendo a voz para que os garotos nas arquibancadas possam ouvir também. Não que eles estejam prestando atenção, mas, se estivessem, eles conseguiriam ouvir. — Nós falhamos em cantar, falar e ser abstratos. Isso é concreto. Isso é comprar. Isso é o jeito americano de fazer as coisas.

Assentindo lentamente, o diretor Hawkins puxa a carteira.

— Não é muito, mas posso colaborar com dois mil.

— Obrigada — digo, começando a ficar com os olhos marejados. Isso vai acontecer. Nós já temos o suficiente para a versão caseira da festa, então vai acontecer de qualquer forma. Neste momento, nós três — o sr.

Glickman, o diretor Hawkins e eu – olhamos com expectativa para a sra. Allen.

Ficando rígida, ela devolve os olhares.

— O quê? — ela finalmente diz.

— Dee Dee, vamos lá — Barry insiste. — Eu sei que você tem um Amex sem limite.

O diretor Hawkins olha fundo nos olhos de Dee Dee.

— Eu sei que você tem isso em você. Toda as nossas conversas no Applebee's? Eu sei que você quer fazer a coisa certa.

Houve conversas no Applebee's? Conversas, no plural? Aparentemente sim, e quando olho para a sra. Allen, fico chocada.

O rosto dela, sempre tão estudado e perfeito, subitamente amolece. Eu nunca, nunca diria isso a ela porque acho que pode partir seu coração, mas por um segundo, eu vejo um relance da sra. Allen, o ser humano, em vez de a sra. Allen, a estrela. Não que elas não sejam a mesma pessoa – é só que um lado ganha toda a atenção, e o outro? Nem tanto.

A estrela reaparece, e ela enfia a mão na bolsa. Ela puxa um cartão de crédito da carteira como se fosse uma arma e o estende:

— Deus, por que ser boa custa *tanto dinheiro*? Vá em frente. Pegue.

Neste momento, eu sinto que poderia sair voando através do telhado. É como fogos de artifício e bolhas de champanhe dentro de mim. Eu me sinto como um cometa cruzando os céus. Há aplausos e comemorações, mas estou tão efervescente que mal escuto. O que eu *de fato* escuto é a voz da minha mãe cortando tudo isso.

— Alyssa Greene, o que significa isso?

Rapidamente, avanço os slides da minha apresentação. Eu acrescentei alguns fatos extras para o caso improvável de eles ficarem relutantes em doar (cof, cof, sra. Allen, cof, cof). De início, minha voz fica presa na garganta. A expressão no rosto da minha mãe é aterrorizante. Ela vê a projeção, o slide com FORMATURA PARA TODOS escrito em enormes letras cor-de-rosa. Ela vê a data, a hora e todas as diferentes bandeiras do orgulho abaixo. E ela me vê, em pé abaixo da tela, exatamente como planejei. Minha mãe não resiste a um compromisso da Associação, e foi isso que eu disse a ela que iria acontecer para trazê-la até aqui.

— Sra. Greene — o diretor Hawkins diz, mas eu o interrompo.

— Eu cuido disso — digo, com mais confiança do que sinto. Dando um passo na direção dela, abandono minha culpa — porque eu não sou uma filha perfeita. Abandono meu medo — porque eu não posso mudar quem sou e ela vai descobrir mais cedo ou mais tarde. E abandono minha responsabilidade — eu sou a *filha* aqui. Ela é a mãe. Não é meu trabalho cuidar dela, ela que deveria cuidar de mim.

— Eu certamente espero uma explicação — ela diz, apontando furiosamente para a tela.

Atrás dela, há uma sombra na porta. Eu conheço aquela forma. Eu a reconheceria em qualquer lugar e estou muito feliz que o bilhete a tirou da aula bem na hora certa, porque ela merece ver isso. Ficando reta, eu me aproximo da minha mãe e ofereço minha mão. Ela não a pega e isso dói, mas não deixo que me impeça.

— Mãe, eu te amo. E sou muito grata a você, por tudo que você fez por mim. Por tudo que você fez por mim desde que o papai foi embora.

— Alyssa! — ela sussurra, escandalizada.

Eu falei em voz alta a verdade que não discutimos. Mas continuo:

— E sei que isso vai ser outra coisa difícil pra você. Mas, mãe, eu sou lésbica. Eu sempre fui lésbica. E, respondendo as perguntas que eu sei que você quer fazer, ninguém fez isso comigo. Ninguém me machucou. Você não fez nada de errado. Essa sou eu. E tenho orgulho de ser quem eu sou. Você sabe tudo sobre mim, e tem sido muito difícil esconder isso de você. Difícil demais. Não posso mais fazer isso. Mãe, eu sou gay.

Minha mãe ri, um som cheio de ansiedade. Os olhos dela se movem rapidamente em volta, notando quantas pessoas estão vendo isso, quantas estão testemunhando sua humilhação. Eu a vejo lutando para se controlar. Para parecer perfeita, ser perfeita. Ela luta por um sorriso e sussurra para mim de novo:

— Alyssa, já chega.

Sacudindo a cabeça, digo:

— Não, eu adiei isso por tempo demais. E machuquei uma pessoa preciosa pra mim de uma forma que jamais poderia esperar que ela me perdoasse. Eu era o par da Emma Nolan para a formatura, mãe. Nós deveríamos ter ido juntas e eu a decepcionei.

Agora minha mãe começa a chorar.

— Pare. Só pare, Alyssa. Desculpa, mas não é isso que você é de verdade. O que você está sentindo agora, não é real. É só porque você é jovem e está confusa.

— Eu não estou confusa. Estou apaixonada.

Ela pisa duro no chão, apontando um dedo acusatório para o sr. Glickman e a sra. Allen.

— Isso é culpa *deles*. Eles estão colocando ideias na sua cabeça e estão me forçando a ser alguém que eu não quero ser. Você é jovem, você é impressionável, e já estou cansada. Isso acaba agora.

Pela primeira vez desde que minha mãe apareceu, o sr. Glickman fala:

— Se você não a deixar ser quem ela é, você vai perdê-la.

— O quê? — minha mãe diz, ácida.

Ele se aproxima e fala, em uma voz baixa e de coração partido:

— Quero dizer que ela vai embora para a faculdade e vai se esquecer de escrever. Ela vai se mudar de estado e te mandar cartões no Dia das Mães. Ela vai voltar pra casa no Natal por um tempo, até ela ter que escolher entre a família que ela construiu pra si mesma e a família que não a aceita. E logo, você vai conseguir contar os meses entre os telefonemas. Os anos entre as visitas. Até que um dia você vai se perguntar como seu bebê foi embora e nunca mais voltou.

— Eu não acho... — minha mãe diz azeda, mas o sr. Glickman pega a mão dela.

— Confie em mim, sra. Greene. Eu *sei*.

O ginásio fica em silêncio, exceto por algumas fungadas na arquibancada. Eu olho para lá e Shelby está com o rosto enterrado no peito de Kevin. As líderes de torcida estão todas abraçadas umas às outras e — bom, os jogadores de basquete se movem desconfortáveis. Há uma cota de milagres para um dia.

Minha mãe olha para o sr. Glickman e então se vira para mim. E lá está: a expressão que eu temia, aquela em que consigo ver cada dor e ferida que ela sofreu nos últimos anos. O cinza que a tragédia pôs nos cabelos dela, as linhas no seu rosto que eu causei. Mas, em vez de erguer a voz, minha mãe se recompõe e seca o rosto.

— Não era isso que eu queria pra você — ela diz. — Isso vai tornar sua vida muito mais difícil, de muitas formas. E essa é a última coisa que eu

queria. O motivo pra eu ter tentado tanto trazer seu pai de volta é pra que você possa ter a vida que *merece*. O mundo não é um lugar gentil, Alyssa.

Eu tremo.

— Eu sei. Mas isso não muda quem eu sou.

Minha mãe pega meu rosto entre as mãos. Elas são geladas na minha pele, mas seus olhos são calorosos. Ela examina meu rosto e suspira.

Cada músculo do meu corpo está tenso, pronto para explodir. É nesse momento que ela me abandona? É aqui que perco minha mãe para sempre? Eu estou tão quieta que até dói, tentando desesperadamente ler os pensamentos por trás dos olhos dela.

Ela leva um momento para encontrar sua voz. E mesmo então, ela encara o chão – tentando, acho, encontrar as palavras. Finalmente, pronuncia lentamente:

— Alyssa, você é minha garotinha. Meu presente de Deus. Meu tesouro mais precioso.

Eu tento ficar quieta, mas por dentro estou me revirando. Ainda não consigo dizer se isso é uma despedida ou uma recepção.

— Mãe...

Ela ergue meu rosto para o dela. Suas unhas perfeitamente pintadas roçam minhas têmporas e ela acaricia minha bochecha com o dedo. Então, finalmente, ela se inclina e me dá um beijo na testa.

O perfume dela me envolve e um milhão de memórias me inundam: fazer biscoitos de Natal com ela; enroladas sob um cobertor observando a primeira nevasca do ano; acordá-la no meio da noite porque eu tive um pesadelo e ser abraçada bem apertado, me sentindo tão segura. Era nos braços dela que todo o medo desaparecia.

Agora, neste momento, meu medo desaparece quando ela diz:

— Eu te amo.

Me agarrando a ela, sussurro:

— Eu também te amo.

Ela me abraça, um abraço impossivelmente curto, e se afasta. Sustentando meu olhar, ela se afasta e diz com sinceridade:

— A gente conversa hoje à noite.

Então ela se vira e vai embora. Ela mantém a cabeça erguida e seus saltos estalam de forma eficiente pelo chão do ginásio. A postura dela é impecável e ela coloca uma mecha de cabelo solta de volta no lugar com

uma mão graciosa. Ela não hesita, não olha para trás. Ela sabe que não precisa. Ela disse o que disse. Ela me ama e nós vamos conversar esta noite.

É como uma onda súbita caindo sobre mim. Um trovão explodindo. Eu bambeio sobre as minhas pernas instáveis e recomponho meu equilíbrio e minha razão ao mesmo tempo.

Minha mãe sabe.

O segredo acabou. Chega de mentiras, chega de fingimento. Daqui para a frente, quando ela olhar para mim, verá quem eu realmente sou. Ela ainda não tem as palavras, mas ela *sabe*.

E – de alguma forma improvável – ela ainda me ama.

JULIETA

DE ALL STAR

EMMA

A sra. Greene passa por mim em uma nuvem de enxofre e imitação de Chanel nº5.

A última vez que eu vi costas tão retas eu estava sentada no consultório médico, encarando o pequeno modelo anatômico que ele mantém na estante. A sra. Greene realmente domina essa coisa de manter a coluna na vertical. Basta dizer que eu não acho que vou ser convidada para o dia de Ação de Graças da família Greene.

E todas essas piadas são um escudo forte e pesado para os sentimentos moles e vulneráveis que eu tenho por dentro. O bilhete do diretor me mandando para o ginásio foi estranho, mas cheguei a tempo de ouvir Alyssa se assumindo para a mãe na frente de uma tela onde brilhavam as palavras FORMATURA PARA TODOS.

Barry e Dee Dee estão com o diretor Hawkins e, por algum motivo, a maior parte dos Besouros Dourados está nas arquibancadas. Isso parece

um sonho que eu tive um dia, exceto que não estou pelada e o ginásio não é ao mesmo tempo o China Garden saindo da I-69.

Com medo, eu entro no ginásio. Minhas botas soam tão pesadas, como trovões baixos ecoando conforme me aproximo de Alyssa. Eu espero que risadas e gozações venham das arquibancadas a qualquer minuto, mas elas não vêm. Em vez disso, Alyssa anda na minha direção com as mãos juntas, como se estivesse rezando.

Eu sei que terminamos, mas isso não quer dizer que meu coração desobediente deixou de amá-la. Como ele poderia?

Esta é a garota que flertou comigo no piquenique da igreja. A garota que me mandou fotos de lontras no meio da noite e sussurrou que me amava no meu ouvido. Esta é a garota que teve coragem de me beijar primeiro quando eu ainda estava desesperadamente tentando entender se ela gostava de mim ou se ela *gostava* de mim.

Há tanta história na nossa pele, tantas primeiras vezes que sempre pertencerão só a nós duas. Elas foram secretas e foram nossas, e isso não some em um instante. Como poderia? Algo tão real e monumental pode ser abandonado, mas não deixa de existir.

E é por isso que meu coração dá um salto, cheio de um estranho otimismo e esperança, mas mantenho meu escudo por perto. Amá-la tão completamente significa que ela pode me ferir com uma única palavra. Eu preciso me proteger, porque as mãos delicadas dela ainda têm muito poder.

Como prova, Alyssa para a alguns passos de mim e sua expressão passa pelo meu escudo com facilidade. Assim que ela está perto, quero me render. Eu quero me jogar nos braços dela e abraçá-la de novo. O impulso é tão forte que juro que já consigo senti-la – o calor do seu corpo e a seda da sua pele.

Você não pode, digo a mim mesma. Apenas não.

Os olhos escuros dela brilham na luz baixa e seu sorriso hesitante reluz. Eu a vejo engolir, nervosa, seus dedos se apertando ainda mais.

— O que é tudo isso? — pergunto. Segundo Nan, quem fala primeiro perde, mas não parece que alguém vai perder hoje. Eu sei que Alyssa entendeu o que eu quis dizer, mas aponto a tela com a cabeça e a equipe e a... maquete? Enfim.

Passando uma longa mecha do seu cabelo escuro para trás da orelha, Alyssa diz:

— É pra você.

— Não estou entendendo — digo, embora eu meio que esteja entendendo. Quero ouvi-la dizer.

— Você pediu por uma formatura em que todo mundo fosse bem-vindo, e isso vai acontecer. Nós temos fundos, graças à sra. Allen e ao sr. Glickman, e nós temos um comitê pronto pra montar tudo, graças à Shelby e ao Kevin. Temos uma data, uma hora e eu espero que você nos ajude a divulgar.

É demais. Tipo, meu cérebro está tão cheio neste momento que ele bate contra minha cabeça. Minha ex-namorada que vivia no armário e um par de estrelas da Broadway desequilibradas vão fazer isso acontecer? Era uma ideia pequena, que eu esperava desenvolver com o tempo. Algo que poderia em algum momento acontecer, algo para esperar.

Eu não achei que fosse acontecer tão rápido ou que fosse acontecer dessa forma. E, honestamente, isso tudo é uma forma de dizer que não achei que fosse acontecer para *mim*.

Meus lábios, os lábios que beijaram Alyssa milhares de vezes, estão anestesiados. Eles mal se movem quando digo:

— E sua mãe?

Alyssa acena com a cabeça.

— Era a hora. Eu fiz isso por mim, mas queria que você visse. Eu achei que você merecia pelo menos isso.

Está ficando mais difícil ficar tão longe dela. Meus pés dão um passo para a frente sem minha permissão.

— Você está bem?

Alyssa hesita, como se estivesse fazendo um inventário mental antes de responder. Mas então ela sorri suavemente e confirma com a cabeça.

— Sim, estou. Eu tenho a sensação de que vou ter que explicar as outras letras do arco-íris umas mil vezes durante as próximas semanas, mas é, eu estou... eu realmente estou bem.

Eu me sinto sussurrar quando digo:

— Estou feliz por você.

De repente, Alyssa dá um passo para a frente e pega minhas mãos. Ela passa seus braços em volta dos meus e me puxa para perto. Pressionada contra ela, juro que sinto seu coração bater contra a minha pele, e isso me faz suar. Ela é só um pouco mais baixa do que eu, então quando ela se

inclina na minha direção, seu nariz toca o meu e seus olhos olham dentro dos meus. Até o fundo.

— Eu te amo — ela diz, sua voz áspera com a emoção. — E eu sinto muito por antes. Nada disso teria acontecido se eu só tivesse falado mais cedo.

As desculpas dela fazem algo florescer dentro de mim. Um calor emana do meu coração até todas as minhas extremidades e centros. Eu queria ouvir e acreditar em um pedido de desculpas desde a noite da formatura, mas ela está assumindo responsabilidade demais. É a cara dela. Cheia de perdão, também estou cheia de razão. Apertando as mãos dela, sacudo a cabeça.

— Eu não vou não te deixar levar a culpa por coisas que você não fez, Alyssa. Só diga *desculpa por ter furado com você*.

— Desculpa por ter furado com você — ela sussurra, seu hálito quente sobre os meus lábios.

Eu pego isso e guardo no fundo do meu coração. E então é fácil dizer as palavras que ela merece ouvir também:

— Desculpa por não ter acreditado em você e desculpa por ter insistido tanto. Todo mundo deveria poder se assumir no seu próprio tempo e da sua própria maneira.

Do outro lado do ginásio, Barry grita:

— Nós pedimos desculpas, também!

Alyssa e eu rimos, nos virando para ele.

— Pelo quê?

— Por te usar — Barry diz e Dee Dee concorda. — Nós fomos atacados pelo *New York Times*. Eles disseram que éramos narcisistas, em uma fonte enorme e em negrito. E doeu, acho, porque eles estavam certos.

Isso é tão bizarro. Sério, eu voltei a achar que estou sonhando. Mas se estou, é um belo sonho.

— Os atores não são todos narcisistas?

Jogando a cabeça para trás, Dee Dee declara:

— Sim, mas nós somos *muito* bons nisso.

— Nós decidimos procurar uma causa pra nos dar credibilidade. Um pouco de boa publicidade. Pensamos em construir casas com o Habitat para a Humanidade...

Dee Dee interrompe:

— Mas não sabemos construir nada.

— Então talvez não sejamos os melhores seres humanos do mundo. Mas viemos até aqui e conhecemos você e sua cidade... e de repente a resenha ruim não importava mais tanto. A verdade é que, sim, nós viemos por causa de uma resenha ruim.

E então, Dee Dee, de uma forma calorosa – mais calorosa do que eu já a ouvi falar qualquer coisa –, diz enquanto (Alerta! Alerta! Alerta!) pega a mão do diretor Hawkins (!!!!!):

— Mas nós ficamos por sua causa.

Das arquibancadas, Shelby se levanta.

— E nós pedimos desculpas também, não é, Kevin? — Apesar de ser pequenina, Shelby o arrasta como um cachorrinho malcriado. Ele faz que sim de forma enfática e é recompensado com um abraço cheio de peitos. Emaranhada nele como uma trepadeira, Shelby diz: — Você merece ir à formatura, como todo mundo!

— Eu achei que vocês me odiassem — digo, de alguma forma lentamente me enrolando em Alyssa também. — Eu achei que todos vocês me odiassem.

— Ah, a gente odiava. A Kaylee ainda odeia — Shelby diz simpática. Então ela olha para Barry. — Mas o sr. Pecker surgiu um dia no Walmart e nos fez pensar. Ele é um ótimo professor.

Barry faz um pequeno agradecimento, mas também acena com a mão como quem diz *não, não, por favor; isso é demais, você está sendo gentil demais*. Eu rio porque ele consegue levar o crédito e ainda fingir ser humilde ao mesmo tempo. É tipo um superpoder ou coisa assim.

Eu não sei o que fazer com esse momento. Historicamente, minha vida nunca funcionou tão bem antes. É difícil acreditar que tantas pessoas mudaram por causa de uma música e, aparentemente, uma performance no estacionamento do Walmart – vou ter que perguntar sobre isso depois, com certeza.

Em vez de ser agressiva, fazer alguma piada, ou qualquer coisa assim, eu sou apenas sincera. Me virando nos braços de Alyssa, digo a ela:

— Não sei o que dizer.

— Bom — ela diz, tímida, um pouco manhosa. — Tem essa festa que vai acontecer...

Vaga-lumes se acendem dentro de mim.

— Aham...

A pergunta não vem, ela nem sequer termina a frase. Em vez disso, Alyssa, com sua voz aguda e sorriso incerto, canta para mim:

— *Eu só quero dançar com você, deixar que o mundo ao redor derreta e dançar com você...*

E então, em toda minha volta, vozes cantam a minha música. Shelby desliza com Kevin de um lado para o outro e literalmente ninguém na arquibancada está afinado, mas eles sabem a letra. Eu escuto Barry e Dee Dee erguerem suas vozes, um tentando ser mais emotivo que o outro. O diretor Hawkins provavelmente canta também, mas, conforme Barry e Dee Dee se empolgam, é impossível dizer.

Eles cantam a minha música. Cantam as minhas palavras e o meu coração. Com cada nota, é como se eu fosse desmontada e montada de novo. Há orgulho aqui, sim, por eu ter criado algo que de repente tem uma vida fora de mim.

Mas, principalmente, é uma transformação. Eu me sinto nova e, pela primeira vez em anos, especial – me sinto vista e amada. Ser assumida em Edgewater, Indiana, é algo que nunca foi antes: lindo.

Minha cabeça gira, e tudo o que posso fazer é encarar incrédula todo mundo e me derreter nos olhos de Alyssa quando olho para ela. Aqui estou eu, de volta aos braços dela. De volta ao meu lugar, porque nós nos encaixamos juntas sem que sobre nenhum espaço no meio. Minha dor, ressentimento e frustração pegam fogo como uma fênix. Eles renascem como alegria, animação e ansiedade.

Alyssa solta uma das mãos para poder colocá-la no meu rosto. O dedão dela contorna a curva do meu lábio inferior, suas unhas roçam suavemente minha face. O coração dela afunda no meu e eu estou irremediavelmente presa em seu olhar. O corpo dela se ergue e se aperta contra o meu com cada respiração. Minha melodia vibra através dela e sinto o toque de cada nota entre seus braços. Esse é o convite mais épico do mundo. Não ousem mais, não discutam, o recorde foi quebrado para sempre.

Quando as vozes diminuem, exalo o nome de Alyssa maravilhada. Eu nunca quis deixá-la. Eu só senti que precisava. Agora parece que nunca mais devo soltá-la de novo. Minhas bochechas estão vermelhas e tenho medo de que minhas palmas estejam suadas, mas me agarro a ela mesmo assim.

Subitamente, Shelby e as líderes de torcida cantam, como se isso fosse uma *fanfic* que ganhou vida:

— Beija! Beija, beija, beija!

— Um beijo quer dizer sim — Alyssa me avisa.

Aviso dado. É por isso que eu a tomo nos braços e a ergo do chão, só um centímetro, e a beijo até não vermos mais nada além de nós duas, os limites da eternidade e o fim do mundo.

QUE COMECE O SHOW

ALYSSA

Temos muita sorte que o sr. Glickman e a sra. Allen tenham doado tanto para a causa.

Assim que Emma postou sobre a nova formatura em seu canal, nós fomos inundados por pedidos para ingressos. Há garotos vindo de toda Indiana para essa festa, e alguns de fora do estado. Illinois, Ohio, Kentucky – está todo mundo vindo, então precisamos ser criativos.

A festa não vai ser só no ginásio, ela vai se estender para o estacionamento da escola. Nós fechamos a área toda e alugamos enormes tendas brancas com janelas de plástico. Parada em uma ponta da tenda, eu aceno devagar com minhas duas mãos enquanto o time de basquete desenrola quatro dos maiores tapetes que já vi. Eles ofegam e resmungam enquanto empurram os rolos na minha direção.

— O.k., — digo quando eles terminam de pisar nas pontas dobradas para alisá-las. — A próxima coisa que a gente precisa são mesas de

bebidas. Se vocês olharem na tabela que eu fiz, é só seguir as instruções e elas estarão exatamente onde têm que estar. Obrigada!

Dou uma corridinha até as portas abertas do ginásio para espiar lá dentro. De alguma forma, Shelby alistou todas as líderes de torcida para ajudar, incluindo a equipe-mirim do ensino fundamental. O Clube das Chaves está aqui, assim como a Sociedade Nacional de Honra. A maior parte do coral apareceu, e estou feliz porque o restante do conselho estudantil veio também.

Nós precisamos mesmo de mais mãos, especialmente porque o sr. Glickman “cobrou alguns favores” e dois dias depois várias caixas enormes chegaram na escola. Melhor que papel crepom e enfeites de plástico, as caixas estavam cheias de enormes e lindas peças de um tecido azul e brilhante que penduramos em volta do ginásio e do palco. Havia duas caixas de papelão cheias de borboletas reluzentes que batem as asas quando você as pendura por fios de náilon invisíveis.

Para combinar com elas, há lanternas envelhecidas para as mesas e grossos fios cheios de luzinhas que serão pendurados entre postes de luz que acendem de verdade.

Finalmente, há molduras enormes com paisagens urbanas pitorescas. Elas são colocadas sobre cavaletes, portanto rolam com facilidade, e na parte de trás há espaço para luzes, então as pequenas janelinhas vão se acender na noite da festa.

— *How to Succeed* não é montado na Broadway há anos — o sr. Glickman diz, explicando vagamente. — Ninguém vai sentir falta delas!

E, falando no sr. Glickman, ele está recebendo sua corte em um canto do ginásio. Apoiado sobre uma cadeira dobrável, ele fala sobre seus muitos, muitos sucessos na Broadway enquanto infla um balão de hélio. Uma vez que ele está cheio, ele o entrega para alguns dos Futuros Plantadores de Milho para amarrarem.

Então eles vão para dentro de uma gigantesca caixa, onde brilham em tons perolados nas cores do arco-íris. Nós vamos jogá-los sobre uma rede e pendurá-los no teto, então quando tocarmos a última música da noite vamos puxar uma corda e eles vão deslizar para a pista de dança. Em termos de *grand finale*, é um pouco sem graça, mas o diretor Hawkins proibiu canhões de confete.

A sra. Allen tem um ótimo olho para arranjos e fluxo de produção. De vez em quando, ela bate palmas ou dá batidinhas com seus saltos no chão para chamar a atenção de alguém. Então ela guia a pessoa pelos espaços por entre as mesas, e, com mãos autoritárias, aponta para o que precisa ser feito. Seus assistentes, na maioria caras do time de basquete, a seguem e mudam mesas e cadeiras de lugar até o equilíbrio estar perfeito. De jeito nenhum ela vai erguer uma mesa ela mesma.

Parado na porta, o diretor Hawkins supervisiona tudo e assina as entregas. Até agora, ele já aceitou duas caixas de cartões de lembranças, uma cheia de chaveiros com a bandeira de diversas orientações e milhares de pins com pronomes, e agora ele está fiscalizando a nota do buffet.

Há garotos de tão longe vindo que nós quisemos garantir uma refeição. Os encarregados pela comida estão montando bandejas enormes que guardarão todos os ingredientes para nosso bar de tacos. Nós temos três bolos imensos, chá gelado, água gelada e sim, ponche de *sherbet* e biscoitos. Não consigo abandonar essa tradição.

Enquanto tudo vai para seu devido lugar, fico parada no meio do ginásio com minha prancheta e lentamente absorvo a cena. Tudo está tão perfeito; é como um sonho que virou realidade. Uma das mulheres responsáveis pelas luzes coloca uma escada perto de mim. Eu a observo subir e prender um enorme globo de espelhos dourado acima da sua cabeça.

Uma vez que ele está fixo, a assistente dela liga as luzes. Fragmentos dourados dançam pela pista e pelas paredes. Com o brilho que se move e pisca, as borboletas parecem ganhar vida. Da ponta do ginásio, o DJ solta um ruído mecânico pelo lugar e nos bombardeia com Ariana Grande.

A explosão de música não me assusta, mas mãos repentinas pegando minha cintura por trás sim. Aliviada, eu me encosto em Emma para me ancorar e olhar por cima do ombro.

— Você não deveria estar aqui — eu brinco. — Dá azar ver a formatura antes da noite da formatura.

Ela dá um beijo no meu pescoço e me abraça com força.

— Eu prometo que não estou olhando. Mas não preciso ver pra saber que está tudo fantástico.

Eu rio.

— Está realmente dando certo. Como vão os ingressos eletrônicos?

Emma fez um convite on-line para até oitocentas pessoas, e da última vez que falamos, já haviam sido vendidos 60%. Foi a forma mais justa que pensamos para convidar todo mundo, mas também sermos realistas e considerarmos o fato de o nosso espaço não ser ilimitado.

— Esgotados — ela diz. — E eu chequei com o Comfort Inn, eles estão quase lotados também. As pessoas realmente vêm, Alyssa. Isso vai realmente acontecer.

Antes que eu possa responder, minha mãe entra. Ela é a última pessoa que eu esperava ver. Exatamente como ela tinha prometido, nós conversamos na noite em que me assumi. Não foi tudo completamente bem: ela ainda não entende por que eu não consigo apenas sair com garotos. Por que eu não posso simplesmente ignorar isso e ser normal. Ela não vai na igreja há semanas porque não sabe o que dizer sobre mim.

Mas ela também disse que, mesmo assim, tinha orgulho de mim. Orgulho da mulher que eu estava me tornando. Orgulho por eu brigar pelos meus princípios. (Não muito feliz por eu ter brigado por eles *com ela*, note, mas um passo de cada vez.)

Nós também conversamos bastante sobre o meu pai. Ela finalmente admitiu que ele não vai voltar para casa. Ela chorou, eu chorei e então apresentei ela ao Tinder. Ela ficou horrorizada – eu provavelmente devia ter começado com o Namoro Cristão.

Emma me solta. Eu fico feliz que ela esteja indo devagar com a minha mãe. Apesar de todo seu sarcasmo e agressividade, Emma é uma das pessoas mais generosas que eu conheço. E uma das mais capazes de perdoar também. Eu duvido que minha mãe e ela um dia se tornem amigas, mas fico feliz por saber que ela nunca vai me fazer escolher entre elas.

Ela dá um oi tenso a Emma (o que é mais do que eu esperava, na verdade) e então olha em volta. Fagulhas douradas dançam no rosto dela.

— Você montou uma bela produção aqui.

— Nós tivemos *um monte* de ajuda — digo. — O que foi? Eu não esperava te ver aqui.

Ela dá de ombros levemente e ergue uma caixa.

— Eu sempre empresto as tigelas de ponche da minha avó para a festa de formatura.

Uau. Eu sei o quanto isso é difícil para ela, mas consigo ver o quanto ela está tentando. Emma dá um passo para a frente e se oferece para pegar a caixa. Então ela se afasta silenciosamente para me deixar com a minha mãe.

Isso ainda é novo e ainda é difícil, então torno o mais fácil que posso para minha mãe. Passo meus braços em volta dela em um abraço apertado.

— Obrigada, mamãe.

— É o mínimo que eu posso fazer — ela diz e me abraça de volta.

NOITE DA FORMATURA DE NOVO

EMMA

— Não, querida, é passo, passo, para, gira!

Mais uma vez, minha casa está cheia de Nan e de Broadway. Dee Dee está sentada no braço do sofá, “provando” o bolo de Nan de novo e Barry acena com as mãos, tentando me dirigir enquanto exibe meu terno.

Eles já estão vestidos com luxo total. De dourado, para combinar com o tema da noite, Dee Dee está usando um terninho de lamé com um decote *uaau*. E Barry? Ele está com o smoking prateado que comprou para sua primeira formatura, à qual ele não foi. Com uma gravata-borboleta e faixa azul, ele resiste ao bolo me dando ordens.

Volto para o corredor para tentar uma perfeita caminhada de passarela que ele parece achar que eu consigo fazer. E, para dizer a verdade, eu provavelmente consigo. Na maior parte dos dias, não penso muito nas minhas roupas. Elas só estão ali para cobrir meu corpo e evitar acusações de atentado ao pudor.

Mas esta roupa é diferente. Na noite de hoje, eu me sinto *bem*.

Nada de vestidos. Não desta vez. Em vez disso, uso um blazer de veludo preto que faz eu me sentir tão poderosa que quero sair e cantar no karaokê na frente de estranhos. Quer dizer, esse blazer é *desse* nível. Eu fico passando minhas mãos pelos meus próprios braços, sentindo o beijo suave e morno do tecido. Se Alyssa e eu terminarmos de novo, talvez eu namore esta coisa. De verdade.

Minha camisa é branca e ajustada, com detalhes azul-escuros na gola e nas mangas. Minha gravata é de seda, com uma estampa azul-escura e roxa, uma pequena galáxia rodopiando por ela. As calças são de um azul mais claro, cortadas logo acima dos meus tornozelos, e feitas de algum tipo de material liso que sussurra quando eu ando.

Barry insistiu que tudo fosse ajustado e preciso dizer, ele estava certo. Pences e barras de fato tornam tudo 150% mais fabuloso.

— Vamos — Barry comanda, torcendo as mãos com impaciência. — Vamos ver essa andada!

Com uma risada, jogo meus ombros para trás para ter um pouco de záz e então marcho pelo corredor e entro na sala. Eu ando, ando, ando, paro e então começo a rir antes de conseguir virar. É demais para essa garota aqui.

Caindo no sofá entre Dee Dee e Barry, olho para os dois. Esses dois. Eles foram a pior, melhor coisa que já aconteceu comigo. Eu ainda não consigo acreditar que eles surgiram na cidade com placas de protesto e invadiram uma reunião escolar com todo o elenco viajante de *Godspell*.

Eles tornaram tudo tão mais difícil, mas não posso deixar de olhar para onde estou agora: chiquérrima e esperando minha namorada chegar para podermos ir juntas à formatura, uma festa que é tão maior do que só uma turma de formandos. Nada disso teria acontecido sem eles também.

Eu tenho minha avó, que me ama mais do que tudo no mundo, e agora tenho duas (ocasionalmente atrapalhadas, definitivamente narcisistas) fadas madrinhas, e isso é tão mais do que outros jovens têm. Gratidão me atravessa em uma onda doce e dourada, então olho para Barry e para Dee Dee e digo:

— Obrigada.

— Pelo quê? — Barry diz, como quem não quer nada. Mas eu sei que ele quer ouvir.

Com uma sobrancelha arqueada, Dee Dee diz:

— Por comprar uma formatura inteira, pra começar.

Ele olha feio para ela e eu rio entre eles. Encostando a cabeça no ombro de Barry, digo:

— Por terem vindo a Edgewater e arruinado a minha vida. Eu realmente precisava disso.

— Bom — Barry diz, dando tapinhas no meu braço. — Eu gosto de pensar nisso como uma reforma.

— O que quer que seja, fico feliz que aconteceu. Porque eu estou aqui e vocês estão aqui e ah, meu Deus, centenas de adolescentes *queer* de todo o Meio-Oeste estão aqui...

Barry sorri, mas me cutuca.

— Ei, aceite parte do crédito.

— Sim, aceite mesmo. A maioria das pessoas não vai dá-lo a você, então você vai ter que pegá-lo por si mesma, como a natureza, vermelha nos dentes e garras — Dee Dee se interrompe com um olhar significativo e então se credita: — *Tennyson: O Musical*, elenco original da Broadway, 19... não importa.

Nan se inclina para a frente, seu rosto redondo reconfortante e familiar. Ela fez uma mecha lavanda no cabelo para esta noite e unhas pintadas de arco-íris. O look é finalizado com uma camiseta preta que diz FORMATURA PARA TODOS na frente e INSPETORA nas costas. Eles realmente pensaram em tudo.

— A Dee Dee está certa. Você ajudou a cultivar algo lindo de uma coisa terrível, e eu não poderia estar mais orgulhosa de você.

Rolando para fora do sofá para abraçar Nan, ouço Dee Dee dizer a Barry:

— Você ouviu isso? *A Dee Dee está certa*.

Com um abraço bom, apertado, Nan beija minhas duas bochechas. Então arruma meu paletó, puxando as lapelas e alisando minha gravata. Há lágrimas nos olhos dela, e me pergunto se ela está pensando no meu pai neste momento. Ao ficar comigo, ela o perdeu. Eu costumava me sentir culpada por isso, como se eu tivesse estragado a nossa família. Mas não mais.

Todos nós fazemos escolhas e todas essas escolhas importam. Eu sempre fui exatamente quem eu sou — foi ele quem falhou como pai. Mas

essa foi outra coisa terrível que levou a uma coisa linda para mim, porque eu não trocaria minha avó por ninguém.

Ela lutou por mim muito antes de Barry e Dee Dee aparecerem e é minha pessoa favorita no mundo (mesmo que ela roube no *Super Smash Bros. Brawl*). Eu espero que ela sinta o mesmo – e tenho bastante certeza de que sim.

Meu celular toca, e é como se fosse uma sirene. Todos na sala se ajeitam e olham na direção do som. Eu não corro até ele porque, fala sério, mas de fato me movo rapidamente pela sala para pegá-lo. Destravando a tela, sorrio quando vejo o nome de Alyssa brilhando ali.

Virando na sua rua agora.
Mal posso esperar pra te ver!

— Ela está vindo? — Dee Dee pergunta.

— Claro que ela está vindo — Barry diz, então me olha nervoso. — Ela está vindo, né?

Ergo o celular para que eles possam ver com os próprios olhos. Eu não os culpo por perguntar. Eu mesma mal dormi na noite passada. Em parte por saber que esta é uma coisa imensa que está acontecendo e todos os olhos estão em Edgewater de novo (ainda?).

Nos últimos dois dias, um esquadrão de vãs de jornais apareceu e, dessa vez, não são só canais do estado. Vi a CNN parada na frente da Casa de Panquecas Beguelin na cidade e a NBC, tipo *a* NBC, não só a subsidiária local, circulando a escola com câmeras penduradas para fora da janela.

Houve mais protestos ontem também, mas eles foram banidos para os campos de milho do outro lado da rua. Eles nem são *daqui*. São daquela igreja publicitária no Oeste que faz essas coisas para ganhar dinheiro. De certa forma, é quase uma honra. Ei, nós conseguimos: grupos nacionais de preconceituosos vieram!

A melhor coisa desse protesto é que a galera do *Godspell* voltou com figurino depois da matinê em Terre Haute. A primeira página inteira do jornal da cidade era uma foto de figuras bíblicas zombando os forasteiros. Vídeos disso passaram em todos os canais de notícia semana passada e ainda são um *trending topic* no Twitter.

Mas eu admito que parte da minha insônia foi porque eu estava... nem sei qual é a palavra certa. *Com medo* é demais. *Ansiosa* chega perto. É só que meus ossos e meu corpo doíam, na esperança de que dessa vez Alyssa aparecesse. Que tudo realmente fosse diferente.

A maior parte do meu cérebro estava completamente favorável: claro que ela vai aparecer. Tudo mudou! Mas havia um pequeno verme de preocupação rastejando por mim, grunhindo: *Mas e se?! Mas e se?!*

Com esta mensagem, neste momento, o verme morreu. Agora estou nervosa por uma razão completamente nova, e é porque é a noite da festa de formatura. Meu terno lendário me enche de poder, e eu dou um salto até a porta para abri-la quando ouço um motor do lado de fora.

Oops, é nosso vizinho, o sr. Martin, estacionando depois do seu turno na fábrica. Aceno para ele e então fico na entrada para olhar rua abaixo.

Sinto Barry e Dee Dee se aglomerarem atrás de mim, e nós três esperamos com uma ansiedade ofegante. Depois de aproximadamente cinco milhões de anos, um carro escuro aparece e desliza na nossa direção. Ele é preto e elegante e parece completamente fora de lugar no nosso bairro. É perfeito!

— Volte pra dentro — Dee Dee diz. — Aja com indiferença. Não a deixe pensar que você está desesperada.

Claro que, no segundo em que a limusine estaciona, eu corro para fora de casa. Eu sinto que poderia saltar por cima de telhados, mas adivinhem só? A gravidade ainda existe! Eu mal consigo saltar a varanda, e tropeço quando aterrisso. Mas tudo bem, porque Alyssa se joga para fora da limusine e nós trombamos uma na outra no meio do quintal.

— Você está tão linda — ela diz ao mesmo tempo que eu digo:

— Ah, meu Deus, você está maravilhosa. — Nós balbuciamos uma para a outra e, sinceramente, não tenho ideia do que estamos dizendo. É só tagarelice alegre e positiva pontuada por beijos. Em público! No meu quintal!

Acho que pessoas cis, hetero, não sabem quantos dos nossos beijos acontecem fora de vista. Por mais mágico que seja dar as mãos no cinema, é incrível ficar de mãos dadas na rua. Um abraço num parque, um aconchego em um show – mesmo quando você é assumida em Indiana, essas coisas não parecem possíveis.

Elas são, elas podem ser – mas são assustadoras e perigosas também, porque você nunca sabe o que as pessoas em volta podem fazer quando virem.

Então isso? Este momento? Eu mal posso respirar. Estou tão bêbada de luz do sol e beijos banhados dela que chego a perder o equilíbrio. Alyssa me pega e então eu a pego, porque somos uma bola gloriosa, confusa e desajeitada de emoção pura. A sombra dela tem glitter e seu batom tem gosto de morango, e eu poderia honestamente explodir de tantos sentimentos agora.

— Eu trouxe flores pra você — ela diz, apontando para a limusine. — Deixei no carro.

Ninguém nunca me deu flores antes. Eu me derreto e aperto as mãos dela.

— Espera aqui, eu tenho seu *corsage*.

Virando, eu corro para a minha casa (quase tropeçando no segundo degrau da varanda) e quase trombo com Barry. Estou tão cheia de amor que eu poderia explodir, e jogo meus braços em volta dele. Abraçando-o com força, digo:

— É melhor você guardar uma dança pra mim.

— Como se você precisasse pedir — ele me diz. Ele pega minhas mãos e dá um passo para trás, me inspecionando uma última vez antes de eu sair. O rosto dele está corado, e seu sorriso é caloroso. Se eu não o conhecesse melhor que isso, eu diria que ele está à beira das lágrimas. Ele de repente ergue uma mão para abanar o rosto.

— Saia daqui, menina. Vá pegar sua garota.

Fico na ponta dos pés para beijar o rosto dele, então me viro para pegar a caixinha do *corsage* com Nan. Ela acaricia meu rosto e então, como o monstro que ela secretamente é, me dá um beliscão de brincadeira:

— A hora de voltar pra casa é?

— Quando eu quiser — digo, com uma risadinha.

— Muito bem — Nan diz e me libera.

Eu olho para Dee Dee em busca de algum conselho de última hora, mas ela está mergulhada em bolo e uma caixa de lenços de papel. Eu entendo isso como um não, me cubro de záz e saio. Eu aceno, Dee Dee acena e então saio pela porta de novo e desço os degraus na direção de Alyssa.

O *corsage* combina com o vestido de Alyssa, uma fita lavanda com cravos brancos e lilás. Quando eu o prendo, ela olha para ele como se eu tivesse surgido com uma pulseira da Tiffany ou algo assim. Há pessoas demais lacrimejando neste momento, isso vai me fazer chorar também.

— É perfeito — Alyssa diz.

— Que bom que você gostou — digo.

E então, porque podemos, porque estamos no meio do meu gramado, porque lutamos montanha acima para chegar aqui, porque ela é linda, porque eu *posso*, eu a beijo de novo e me demoro um longo tempo na maciez de pétala dos seus lábios. Eu estou vibrando, com faíscas e fogo, e aperto minhas mãos em volta da cintura dela.

— Você está pronta?

— Muito pronta — ela diz, seus olhos escuros brilhando.

E assim, nós entramos na limusine e seguimos para nosso pôr do sol pessoal – o que neste caso vem a ser a nossa festa de formatura.

Eu nunca quis muito. Só segurar a mão de Alyssa, atravessar as portas desse ginásio e passar meus braços pela cintura dela enquanto ela passa os dela pelo meu pescoço. Dançar lentamente músicas rápidas e tirar fotos sob um painel pintado à mão em uma cabine de fotos.

Tudo o que eu sempre quis era ver as luzes refletindo na pele dela e tomar um copo de um ponche horrroso em um ginásio superaquecido.

E, nesta noite, está acontecendo. É mais do que eu ousei desejar; é épico e há lugar para todos. Lugar para o pessoal da minha escola. Para o pessoal de longe. Para garotos gays e garotas lésbicas, pans e bis. Adolescentes ace estão aqui e trans também. Não-binários e cis. Héteros, os que não têm certeza e *queer*. É uma família completamente nova, e estamos todos a caminho da nossa própria grande noite.

Nós fizemos uma festa para todos. E com as câmeras observando do outro lado da rua, estamos mostrando ao mundo o que pode ser feito. O elenco de *Godspell* encontra garotos no estacionamento – ninguém entra sozinho. Nós ocupamos o ginásio e as tendas, tiramos selfies, enchemos pratos e fazemos caretas quando provamos o inescapável ponche nuclear.

A batida nos faz ocupar a pista e nós dançamos como se ninguém estivesse vendo. Quando a música estoura, ninguém se importa com quem você está. E aquelas pessoas miseráveis ainda protestando do outro lado da

rua? Tenho certeza de que eles podem sentir o grave; eles *têm* que sentir a alegria.

E eu? Eu só queria dançar com a Alyssa. Alyssa Greene, meu crush no piquenique da igreja e presidente do conselho estudantil. Nós chegamos até aqui, e aqui estamos. Sob as luzes, sob as estrelas, sob o globo de espelhos, sob as tendas, pelo estacionamento, subindo e descendo a rua, em todos os lugares de Edgewater, Indiana, e de onde quer que você seja também – vamos lá.

É hora de dançar.

FIM

***A Conquista da Broadway!* conquista uma conversa com Dee Dee Allen e Barry Glickman no escritório de seu novo empreendimento, FORMATURA PARA TODOS!**

(cont. da página 1)

... um belo escritório no Flatiron, embora não tenha uma vista. O espaço é fechado, mas iluminado, com fotos nas paredes da festa que eles organizaram no ano passado em Edgewater, Indiana, depois que uma adolescente lésbica viralizou com sua história de discriminação. Glickman, com sua energia característica, mal consegue ficar sentado em sua cadeira Aeron. Allen está sentada na beira da mesa, bem colocada e pronta para uma foto a qualquer momento. O humor deles pode ser melhor descrito como efervescente.

CB!: Então, vocês foram vaiados na escola e na corrida de caminhões. O que aconteceu depois?

BG: Uma tragédia. Uma desgraça absoluta. Uma abominação!

DA: Eles organizaram uma formatura falsa para a nossa garota e partiram seu delicado coraçãozinho. Nós ficamos arrasados. Eu passei dias sem dormir.

CB!: Imagino. Mas então Emma postou aquele vídeo incrível e o apoio veio do mundo todo. Eu sei que eu assisti pelo menos umas cem vezes.

BG: Eu ainda fico *verklemt* quando penso nisso.

DA: Quer dizer, que virada de mestre! Ela conseguiu milhões de visualizações do dia para a noite. Nós íamos colocá-la no Kimmel, mas com números assim...

BG: Ela acabou indo ao Kimmel, com a Alyssa.

DA: Ela foi. Ela foi. [Ela olha para fora por um momento.] Não consigo me lembrar da última vez que fui ao Kimmel.

BG: No dia quatro do mês nunca, querida.

[Eles riem.]

CB!: Depois que o vídeo viralizou completamente, vocês produziram uma formatura para todos. Vocês transformaram o sonho de Emma em realidade.

DA: Nós não poupamos despesas.

BG: Alyssa Greene, a namorada da Emma, arquitetou tudo. Definitivamente o cérebro da operação.

DA: Mas é dinheiro que faz o mundo girar, é o que dizem! E, querido, nós o fizemos girar!

CB!: O que nos traz a hoje. Vocês começaram a organização FORMATURA PARA TODOS, um grupo sem fins lucrativos para organizar festas mais inclusivas por todo o país. Onde vocês abrirão as portas agora?

DA: Iowa.

BG: Idaho.

DA: Outro vilarejo alimentado por milho. É encantador, eles têm apenas um semáforo!

CB!: E depois disso?

BG: Formaturas por todo o país. Em todo lugar que a Broadway for com um ônibus, nós iremos atrás. E estamos trabalhando em uma coisinha...

DA: Estamos escrevendo nossa própria peça!

[Eles falam um por cima do outro, mas depois de um momento, Glickman fala pelos dois.]

BG: Nós estamos de fato escrevendo nosso próprio musical. Temos o libreto quase pronto, temos palpites para o compositor certo. Nos nossos sonhos mais loucos, Casey Nicholaw vem coreografar e dirigir.

CB!: Parece incrível. Sobre o que é a peça?

DA: Nossa jornada para Indiana, as agonias, os êxtases — nós interpretaremos nós mesmos, é claro.

BG: Estamos pensando em chamá-la de THE PROM: A FESTA DE FORMATURA!

AGRADECIMENTOS

Este é o projeto mais feliz em que já trabalhei, e estou honrada por trazer o lado da história de Emma e Alyssa para estas páginas. Isso nunca teria acontecido sem o espetáculo incrível que Bob Martin, Chad Beguelin e Matthew Sklar levaram para a Broadway, e então confiaram em mim para escrevê-lo. Obrigada.

Devo um muito obrigada a Caitlin Kinnunen e Isabelle McCalla, Brooks Ashmanskas e Beth Leavel, cuja química e performance influenciaram cada palavra que eu escrevi. Muitíssimo obrigada ao time inteiro da Viking e do *The Prom* por se unirem e fazerem este livro acontecer. Tem sido um privilégio e uma honra!

Todo o meu amor e gratidão à minha editora brilhante, Dana Leydig, que me trouxe para este projeto e vestiu a camisa comigo. Uma vez você me disse que Corvinal e Sonserina são um perigo juntas – mas somos uma mistura que faz acontecer!

Finalmente, obrigada, obrigada, obrigada ao meu agente, Jim McCarthy, que vem fazendo os meus sonhos se tornarem realidade desde 2012. Obrigada por isso, obrigada por tudo o que fizemos juntos, e obrigada pelo futuro, que agora vejo mais claramente graças a você.

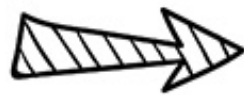
SAUNDRA MITCHELL

Gostaríamos de agradecer a Casey Nicholaw por sua liderança, Dori Berinstein e Bill Damaschke por sua coragem, Jack Viertel por sua inteligência, Izzy McCalla por sua humanidade, Brooks Ashmanskas por sua audacidade, Beth Leavel por seu cinto, Angie Schworer por suas pernas, Chris Sieber por seu cabelo, Caitlin Kinnunen por suas doses inabaláveis de “Caitilinidade”, e Saundra Mitchell, por ter se conectado tão profundamente com a nossa peça e preenchido as lacunas de modo tão brilhante. Também gostaríamos de agradecer Cait Hoyt e Erin Malone por terem feito o acordo e Dana Leydig e Eileen Kreit, da Penguin Random House, por tornarem isso realidade.

BOB MARTIN, CHAD BEGUELIN E MATTHEW SKLAR

Dori Berinstein, Bill Damaschke e Jack Lane, produtores do musical *The Prom*, gostariam de agradecer a Jack Viertel, idealizador do espetáculo da Broadway; ao diretor/coreógrafo Casey Nicholaw; a Bob Martin, Chad Beguelin e Matthew Sklar, criadores da peça; ao elenco incrível de *The Prom* e a toda família *Prom* por trás das cortinas. Também gostaríamos de agradecer a Aaron Lustbader, Lane Marsh e Nick Ginsberg, gerentes gerais, e aos nossos coprodutores e investidores. Um muito obrigada ao teatro e a nossa equipe de gerenciamento, incluindo Marc Borsak e Alex Wolfe, além de Kenny Nunez e a equipe do Longacre Theater. Obrigado a Clint Bond, Meghan Dixon e ao time da On the Rialto; a Polk & Co., incluindo Matt Polk, Colgan McNeil e Kelly Stotmeister; ao time da Situation, liderado por Damian Bazadona, Pippa Bexon e Rian Durham; e a nossa família da AKA, incluindo Scott Moore e Jacob Matsumiya. Um obrigado especial à incrível Rose Polidoro.

VIRE A PÁGINA PARA SABER MAIS SOBRE O
MUSICAL, OS CRIADORES DO SHOW E O
ELENCO DE *THE PROM*!



NOTAS DO CO-AUTOR BOB MARTIN SOBRE *THE PROM*: O MUSICAL

Maio de 2010. Chad, Matt, Casey Nicholaw e eu nos encontramos com Jack Viertel, venerável produtor/roteirista/diretor de arte e, basicamente, guru de tudo relacionado ao teatro. Casey nos trouxe aos escritórios da Jujamcyn, na West 44th, porque Jack tem uma ideia que quer nos apresentar. “Uma garota de uma cidade pequena tenta levar sua parceira de mesmo sexo à festa de formatura, mas a escola não deixa. Um bando de artistas da Broadway aparece e tenta consertar a situação. Eles pioram tudo.” Estou parafraseando, mas é assim que me lembro. Em apenas algumas palavras, Jack nos apresentou a premissa para uma exuberante comédia musical emocionante; um espetáculo baseado em uma dura realidade sociopolítica, mas recheada de personagens ridículos fazendo coisas engraçadas. Nós aceitamos.

Novembro de 2018. Estreamos na Broadway. Muita coisa aconteceu nesses oito anos. Sim, um musical foi escrito e reescrito, avaliado, coreografado, apresentado e reapresentado. E, mais significativo que isso, o contexto sociopolítico em que o espetáculo foi idealizado mudou dramaticamente. Houve até um ponto nos primeiros estágios do desenvolvimento em que pensamos que o espetáculo talvez não fosse mais relevante. Muito progresso estava acontecendo, especialmente no departamento de direitos LGBTQIA+, e havia um senso de otimismo no ar. Bom, incidentes do tipo descrito no texto continuaram a acontecer, e então uma eleição polarizada e amarga dividiu os EUA. De repente, pessoas se

encontravam em lados diferentes de um divisor cultural vasto e intrespassável. Nosso espetáculo parecia mais relevante do que nunca.

Talvez seja por isso que o exército de pessoas envolvidas em transformar *The Prom* de uma ideia até um espetáculo da Broadway seja tão apaixonada por ele. Precisamos desesperadamente de esperança. Todos sentimos a dor de Emma quando ela percebe que a cidade toda conspirou contra ela, todos choramos quando Barry dança de alegria em seu quarto de hotel ao descobrir que finalmente vai a uma festa de formatura, e todos lutamos com a sra. Greene conforme ela tenta ver sua filha por quem ela é, e não por quem ela gostaria que Alyssa fosse. O elenco, a equipe, todos ao redor da mesa de produção – todos nós ficamos mexidos depois de um ensaio, porque a peça é repleta de verdades extremamente fáceis de nos identificarmos. No fim das contas, *The Prom* é sobre como uma pequena e instável ponte é construída em Edgewater, Indiana, entre dois lados de uma guerra. Esperamos que todos que vejam ou ouçam *The Prom* riam, chorem e se inspirem a construir algo próprio.

BOB MARTIN

Os trechos a seguir são parte de uma entrevista conduzida por Josh Lamon, membro do elenco de *The Prom*, com o time de criação composto por Bob Martin, Chad Beguelin e Matthew Sklar durante um evento em Nova York para promover o lançamento de *The Prom*.

JOSH LAMON: Do seu ponto de vista como letrista e coautor de livros, como ficou o espetáculo depois do primeiro dia, passando pelos laboratórios e Atlanta, até agora?

CHAD BEGUELIN: Mudou tanto. Acho que a maior mudança — bom, sempre estamos mudando coisas e mexendo no texto —, foi que o mundo meio que mudou. A gente estava achando que o mundo estava muito mais receptivo e nos perguntando se nosso projeto continuava tão relevante, mas daí vieram as eleições, e de repente a peça ficou muito importante e muito relevante. Todas as coisas que achávamos que já tínhamos superado — e de repente o espetáculo assumiu um outro nível de urgência. Eu não tinha como adivinhar que isso aconteceria. Tem sido uma ótima jornada, e ter esse grande elenco para escrever tem sido divertido para todos nós. Tem sido incrível.

A gente realmente focou na última revisão do roteiro para ter certeza de que não estamos retratando o outro lado tão caricaturado. Queríamos ter certeza de que todo mundo estava recebendo um tratamento justo — os personagens apenas tinham crenças diferentes e tinham que trabalhar nelas durante a peça.

JOSH LAMON: Uma das coisas que eu mais gosto no *The Prom* é que é uma história hilária, mas também séria. Estamos falando sobre uma história que realmente aconteceu.

BOB MARTIN: Sobre várias, na verdade. *The Prom* é baseado em várias situações que aconteceram e continuam a acontecer por todo este maravilhoso país.

JOSH LAMON: Como foi tentar balancear a comédia com as partes sérias?

BOB MARTIN: Eu gosto de fazer verdades potencialmente difíceis mais fáceis de serem enfrentadas quando se está rodeado de pessoas como você. Você é o açúcar que faz o remédio descer mais fácil. Acho que o que é realmente interessante sobre esse espetáculo é que as pessoas choram, mas é extremamente engraçado. Como você pode ver, há uma mistura de uma grande comédia com uma história muito séria no centro de tudo. Foi extraordinário ter tanta gente comovida vindo falar conosco depois do espetáculo. Teve uma mulher que chegou de cabeça baixa e confessou que ela era a mãe retratada na história, com lágrimas nos olhos ao fazer essa confissão para nós. Acho que é um espetáculo emocionante justamente por isso.

JOSH LAMON: O que foi único nesse processo para você?

MATTHEW SKLAR: Bom, foi uma das primeiras vezes que eu de fato escrevi algo completamente original, do zero. Todas as outras coisas que eu escrevi sempre tiveram algum tipo de material de base. Então essa foi uma grande oportunidade, e eu adoro trabalhar com esses caras (Chad Beguelin e Bob Martin) e com o Casey (Nicholaw). Acho que a gente desperta o que há de melhor em nós mesmos. A história é tão emocionante. Quando começamos a delineá-la, ver aonde ela estava indo e pensar onde as músicas entrariam, senti que os dois lados se complementavam — a comédia e o aspecto dramático. Foi uma alegria trabalhar nela.

NOTAS

1. American Civil Liberties Union (União Americana pelas Liberdades Civas). (N.E.) [««]
2. Brincadeira com o nome da comédia musical de 1950 “Annie Get Your Gun” (no Brasil, “A Rainha do Circo”). (N.E.) [««]
3. Brincadeira com a expressão do inglês “no more mr. nice guy” (traduzido literalmente como “chega de sr. bonzinho”), usada como título de filmes, livros e músicas. (N.E.) [««]
4. Em tradução livre, “A mãe que me criou”, título de uma canção do musical *Spring Awakening*. (N.E.) [««]
5. Em tradução livre, “Não seria adorável?”, canção do musical *My Fair Lady*. (N. E.) [««]
6. Em tradução livre, “Chove na noite da formatura”, título de uma canção do musical *Grease*. (N.E.) [««]
7. Em tradução livre, “Nos degraus do palácio”, canção de *Into the Woods*. (N.E.) [««]
8. “A galera mais legal da cidade” em tradução livre, canção do musical *Hairspray*. (N.E.) [««]
9. Em tradução livre, “Saia do sol”, canção do musical *Dear Evan Hansen*. (N.E.) [««]
10. “Quinhentos e vinte cinco mil e seiscentos segundos” em tradução livre, canção do musical *Rent*. (N.E.) [««]
11. Tradução livre do inglês *Their voices soft as thunder*, verso de “I Dreamed a Dream”, música de *Les Miserables*. (N.E.) [««]
12. Tradução livre do inglês *Look to the Western Sky*, verso de “Defying Gravity”, do musical *Wicked*. (N.E.) [««]
13. Tradução livre da música “For Good”, do musical *Wicked*. (N.E.) [««]
14. Em tradução livre, “Orgulho (em nome do amor)”, título de uma música da banda U2. (N.E.) [««]

THE PROM





**Confira nossos lançamentos,
dicas de leituras e
novidades nas nossas redes:**

 @editoraAlt

 @editoraalt

 www.facebook.com/globoalt

Copyright do texto © 2019 by Chad Beguelin, Bob Martin e Matthew Sklar
Copyright da tradução © 2020 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Título original: *The Prom*

Editora responsável **Veronica Gonzalez**
Assistente editorial **Lara Berruezo**
Diagramação e capa **Renata Zucchini**
Projeto gráfico original **Laboratório Secreto**
Revisão **Isabela Sampaio**
Arte da capa **Luiza de Souza | @ilustralu**
Editora de livros digitais **Cindy Leopoldo**
Produção do e-book **Ranna Studio**
Revisão do e-book **Marina Pastore**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P958

The prom : a festa de formatura / Saundra Mitchell ... [et al.] ; tradução Isadora Sinay. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Globo Livros, 2020.

Tradução de: The prom
ISBN 978-65-5567-001-1

1. Romance americano. I. Mitchell, Saundra. II. Sinay, Isadora. III. Título.

20-63604

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439
19/03/2020 27/03/2020

1ª edição, 2020

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
R. Marquês de Pombal, 25
20.230-240 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
www.globolivros.com.br